

*JOSELY RIMOLI*



*CAMPINAS*

*2005*

**JOSELY RIMOLI**

*Este exemplar corresponde à versão final da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, para obtenção do Título de Doutor em Saúde Coletiva.*

*Campinas, 21 de Fevereiro de 2005.*



**Profa. Dra. Elizabeth de Leone M. Smeke**  
Orientadora

## **DIREITO À DELICADEZA**

**Crianças e adolescentes livres da exploração sexual**

*Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva.*

**ORIENTADORA: ELIZABETH LEONE MONTEIRO SMEKE**

**CAMPINAS**

**2005**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da  
Faculdade de Ciências Médicas  
UNICAMP**

Rimoli, Josely

Direito à Delicadeza – Crianças e Adolescentes livres da exploração sexual/  
Josely Rimoli. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientadora: Elizabeth Leone Monteiro Smeke  
Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Ciências Médicas.

1.Exploração sexual de crianças e adolescentes. 2. Política Pública.  
Municipal de criança e adolescente. 3. Inter-setorialidade. I. Elizabeth Leone  
Monteiro Smeke. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Ciências Médicas. III. Título.

# **Banca examinadora da tese de Doutorado**

---

**Orientador: Profa. Dra. Elizabeth de Leone Monteiro Smeke**

---

## **Membros:**

**1. Profa. Dra. Elizabeth de Leone Monteiro Smeke**

**2. Prof. Dr. Benedito Rodrigues dos Santos**

**3. Prof. Dr. Adriano Salmar Nogueira e Taveira**

**4. Prof. Dr. Fernando César Chacra**

**5. Prof. Dr. Emerson Elias Merhy**

Curso de pós-graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

---

**Data: 21/02/2005**

---



***DEDICATÓRIA***

*Às crianças e adolescentes*

*Aos colegas que trabalharam no e pelo  
projeto Rotas Recriadas*

*Aos meus amados afilhados*

*Gabriel e Lui Vicente*

*À minha irmã Joseani Rimoli*



## *AGRADECIMENTOS*

Esse estudo foi possível devido aos trabalhos de muitos profissionais. Agradeço a todos os Trabalhadores do “Rotas”, das secretarias municipais e das entidades, que por serem muitos e por motivo de cautela terei que omitir os nomes.

Com muito carinho e consideração agradeço à minha querida orientadora Beth Smeke, por sua sensibilidade, pelas orientações e pelo respeito aos meus tempos externos e internos.

Agradeço às colaborações que ampliaram minhas reflexões, apoios e carinhos que recebi na qualificação do projeto de doutorado de Adriano Nogueira Taveira, Emerson Elias Merhy e Fernando César Chacra. Agradeço à Vera Irma Furlan pela gratuidade amorosa das contribuições e olhares femininos.

Agradeço a estatal Petrobrás pelo financiamento do Projeto Rotas Recriadas, cuja implantação possibilitou esse estudo e a consultora Cenise Monte Vicente, a quem destaco meu reconhecimento.

Agradeço à Maria do Carmo C. Carpintero, Secretária Municipal de Saúde, pela acolhida e à Verônica Gomes Alencar, que através do projeto Iluminar - contra violência sexual, abriu o caminho ao P. Rotas Recriadas.

Agradeço às minhas queridas amigas Alik, Leoci, Lica, Marli pelos apoios, trabalhos e carinhos. Agradeço com muita gratidão às companheiras da rede informal pelos aprendizados.



	<i>PÁG.</i>
<b>RESUMO.....</b>	<i>xiii</i>
<b>ABSTRACT.....</b>	<i>xv</i>
<b>O CAMINHO.....</b>	<i>17</i>
<b>A MONTANHA - AS EXPLORAÇÕES SEXUAIS.....</b>	<i>47</i>
<b>A NASCENTE – PROPOSTA DE PROJETO MUNICIPAL.....</b>	<i>73</i>
<b>O FOGO – REFLEXÕES.....</b>	<i>133</i>
<b>OS FRUTOS E O AR – APRENDIZADOS E SEMEADURAS.....</b>	<i>155</i>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<i>193</i>
<b>ANEXOS.....</b>	<i>199</i>

Esse trabalho desenvolveu-se no campo do fenômeno social da exploração sexual de criança e adolescente. Pesquisou-se e buscou-se compreender, partindo das tramas de uma história pessoal, as determinações sociais do referido fenômeno. Apresentou e fez uma reflexão sobre a proposta de um programa municipal para o enfrentamento de tal problemática.

O objetivo desse estudo foi de registrar e refletir sobre o arranjo de eixos organizacionais e ações de intervenção a serem implantados, em nível municipal, para a “prevenção”, o cuidado e a proteção de crianças e adolescentes vulneráveis ou em situações de explorações sexuais, tendo como referência a cidade de Campinas, SP, Brasil.

Essa reflexão foi realizada a partir da experiência de implantação do Projeto Rotas Recriadas – Crianças e Adolescentes livres da exploração sexual, o qual fora constituído por ações realizadas nas Secretarias Municipais da Assistência Social, Educação, Cultura, Saúde e entidades inscritas no Conselho Municipal da Criança e Adolescente - CMDCA.

Tratou-se da busca por uma metodologia social, qualitativa, com características inter-institucionais e com olhares inter-disciplinares, visando a somatória de recursos e saberes, posto que o fenômeno a ser enfrentado é de alta complexidade.

Esse estudo trabalhou com as categorias de direito, feminilidade, amorosidade e com quatro dimensões do ser humano, em sua construção teórico-metodológica, além de algumas ferramentas do Planejamento Estratégico Situacional.

Frutos foram colhidos tais como o conhecimento da resolutividade e limites da rede de serviços implantada. E principalmente os aprendizados de uma maior aproximação da realidade dos adolescentes estruturados na rua e iniciando situações de exploração sexual. Apresentados formulações e instrumentos organizacionais dos vários eixos.

This research has been developed in the phenomenal field of sexual exploration of children and adolescence. It presents a reflex ion about the intervention that had constituted an integrated action and services to face this problem.

This reflexion have been built by the experience of the implementation of the project “Rotas Recriadas” “Re-builtind routes”- Children and adolescences free from sexual exploration, which have been constituted by action realized in the municipal bureau of the Social Protection, Education, Culture, Health, an entity registred in the Municipal Council of Children and Adolescence – CMDCA.

The rim of this research was to answer a question: which arrangement of the organizational axles and interventions actions should be implementer at municipal level, for the prevention, care and protection of children and vulnerable adolescences from sexual exploration conditions, having Campinas, SP, Brazil as a reference?

It attended handled to a social methodology, qualitative, with inter-institutional characteristics and with inter-discipline views, riming the sum of the resorts and Knowledge, to face this highly complex phenomenon.

This study worked with the right categories feminineness, affectionated, in its methodology – theory construction.

It has observed the implanted net of services, mainly related to cares and available protection of adolescences living in the streets ands beginning founded in the beginning of the implementation of this project.



A delicadeza de um toque alimenta a identidade necessária para a cidadania, mas um toque sem amorosidade deixa marca dolorosa e institui uma sociedade injusta.

Convido-os a percorrer um **Caminho**, com o objetivo de buscar uma metodologia social, inter-setorial, de ações pedagógicas, culturais, de saúde e de proteção para crianças e adolescentes vulneráveis ou em situação de exploração sexual, tendo em vista um projeto de intervenção em nível municipal.

Trabalhos, tropeços e uma possibilidade de financiamento... Quando me dei conta havia entrado em uma nova trilha. Esse caminho levaria-me a cruzar com rotas de muitas crianças, adolescentes, profissionais e instituições. As perguntas eram muitas, o percurso parecia-me instigante, com demanda de esforços e incerto, face ao meu desconhecimento quanto à exploração sexual, à inexistência de políticas públicas, à necessidade de serviços articulados e aptos que uma problemática tão renegada e complexa requer.

#### **Minha apresentação e percurso de encontro com o objeto de pesquisa:**

Sou enfermeira, com especialização em Saúde Pública e em Psicodrama Pedagógico, com experiências assistenciais, de docência e de gestão em Saúde Pública.

No período que realizei esse estudo, no qual os desafios para a Saúde Coletiva eram o de como lidar com antigas doenças, com os males decorridos da má distribuição de renda no Brasil e das morbi-mortalidades modernas, das quais destaco as causas externas, como alto índice de homicídios, principalmente de jovens. As experiências e desafios quanto à consolidação do Sistema Único de Saúde – SUS, também estavam em pauta. As formas de convivência da população com pouca sociabilidade nos espaços públicos, o

medo e as violências nas grandes cidades, destacados por alguns sanitaristas, pela população, a mim, também, preocupavam.

Por ter trabalhado na Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo de Campinas-SP, durante a gestão da Prefeita Izalene Tiene, conheci outras nuances das periferias sociais; ao participar de ações inter-setoriais, nas escolas, nos centros de saúde, nos centros assistenciais, com entidades, organizações não governamentais e, ainda mais, por ter interagido com lideranças, com grupos de minorias, ter conhecido diagnóstico sócio-culturais e propostas de Orçamentos Participativos. Houve uma ampliação do meu olhar, transcendendo o campo da saúde, sobre como as pessoas vivem e interagem no cotidiano, sobre os ruídos institucionais, os funcionamentos dos serviços públicos na periferia e os espaços vazios deixados pelo Estado.

Certifiquei-me das carências de espaços de lazer, convivência e de acesso a atividades culturais, assim como de suas conseqüências, as quais somadas à desestruturação familiar, às condições de vida adversas, podem iniciar uma explicação do porquê alguns jovens que vivem nesses contextos ficam tão violentos. Para os jovens das periferias sociais, generalizando e simplificando, parecia-me haver três caminhos: entrar para uma “igreja”, engravidar ou ir para o “crime”, posto que, às expectativas de estudos, profissionalização e empregos eram raras.

Aproximei-me do objeto desse estudo ao participar de um planejamento estratégico situacional, que reuniu diversas secretarias, quando foram priorizados os dez principais problemas que envolviam as crianças e adolescentes em Campinas, resultando na formulação do Plano Municipal da Infância e Juventude. Os problemas priorizados foram:

- “ crianças e adolescentes nas ruas, muitos usando drogas;
- falta de locais para esportes, cultura, lazer e espaços públicos sub-utilizados e/ou desativados;
- violência doméstica velada; crianças trabalhando ou em mendicância pelas ruas;

- 6.000 crianças entre 0 e 6 anos de idade fora da escola; alto índice de evasão escolar;
- falta de ações para a recuperação de jovens em conflito com a lei;
- falta de cursos gratuitos para os jovens;
- alto índice de homicídios entre jovens (81% das mortes ocorridas no ano de 2001 em pessoas de 15 a 19 anos, teve o homicídio como causa);
- 17% dos partos realizados no município são de mulheres menores de 19 anos.”

Um ano após, quando estávamos vivenciando as viabilidades, as muitas dificuldades e os resultados das ações já realizadas do Plano Municipal da Infância e Juventude, surgiu a possibilidade da implantação de um projeto financiado pela Petrobrás, para desenvolver ações de enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes. Assim sendo, vislumbrei a oportunidade de ampliar o espectro de atuação do referido plano e a de implantarmos ações há muito tempo desejadas, além de focar em um problema dos mais relevantes dentre as violências.

Dediquei-me de corpo e alma para o novo projeto: “Rotas Recriadas – Crianças e Adolescentes livres da exploração sexual”. Esse projeto constitui-se através de ações realizadas nas Secretarias Municipais da Assistência Social, Educação, Cultura, Saúde de Campinas e entidades inscritas no Conselho Municipal da Criança e Adolescente - CMDCA.

Tínhamos apenas onze meses de um ano eleitoral para re-elaborar coletivamente o projeto, estabelecer as relações inter-institucionais, capacitar os profissionais, implantar os planos de ação intersetorialmente e viabilizar a sua continuidade.

Após a constatação da necessidade de estudos sobre a referida problemática, da justificativa social de pesquisas sobre o citado fenômeno social, por ter tido a compreensão da riqueza do processo da implantação do “Rotas Recriadas” que vivenciávamos; por sua abordagem inter-setorial e a experiência da iniciativa de implantação de uma política

pública, optei por trabalhar como objeto de tese a exploração sexual de crianças e adolescentes e o registro desse processo.

Escrevo esse trabalho tendo como leitor referência, os profissionais que trabalham nas diversas áreas sociais com crianças e adolescentes. Pelo meu envolvimento com o projeto “Rotas Recriadas” e tendo em mente a concepção metodológica da pesquisa-ação, considereirei coerente escrever este texto no estilo narrativo-reflexivo. Avalio, ainda, que a relevância social do diagnóstico de exploração sexual que encontramos em Campinas e o ineditismo do referido projeto ofereçam substrato para contribuir com o debate acadêmico em curso sobre a referida questão.

### **Caminhemos:**

Para iniciar nosso trajeto, proponho que a partida seja colocarmos o pé no chão, no cotidiano, enfocando a História de Vida de uma Adolescente<sup>1</sup> que está vivendo no contexto sócio-cultural e econômico atual, sendo usuária das instituições do município de Campinas.

Há sete anos venho participando, em alguns momentos, de uma rede informal de apoio a uma Adolescente. Por respeito à sua privacidade, farei referências a ela, utilizando um codinome: Lilás, o qual fora escolhido em uma situação que vivenciou com sua Psicóloga.

Certo dia, em 1997, aos 12 anos, Lilás ingeriu comprimidos e em outro momento pulou de uma ponte para suicidar-se, tais fatos fizeram com que sua família buscasse para ela acompanhamento psiquiátrico em hospital universitário, quando então iniciou o uso de medicação psiquiátrica...

Estudava em uma escola municipal, onde trabalhava uma Professora que percebeu suas necessidades, seu acanhamento e preocupou-se com ela. Um grupo de uma organização não-governamental realizou um trabalho de Educação Ambiental e Artes na escola. Uma das integrantes fez um vínculo com a Professora e também com Lilás.

---

<sup>1</sup> Utilizarei letra maiúscula para referenciar-me a pessoas que não devo publicar seus nomes por respeito às suas privacidades.

Em uma montagem de um Bumba-meu-boi, dança da Cultura Popular Brasileira, Lilás desabrochava, dançava e cantava, chamando atenções. Uma das Integrantes, que depois virara Mestranda e mantivera contato com a escola, viabilizou a entrada de Lilás em um grupo de dança popular, mas que era constituído por mulheres adultas e universitárias. Por dificuldade de pertencimento ou pelo ritmo “parecer com macumba”, saiu do grupo, que pesquisava, principalmente, músicas e danças da Cultura Popular do Maranhão.

Recebera acompanhamento no centro de saúde pela saúde mental (quando foi relatado por um familiar que Lilás vinha se apresentando muito introspectiva e nervosa) e fora encaminhada para a ginecologia.

A mãe não sabia como proceder com a filha que não aceitava regras ou limites, levava-a ao Conselho Tutelar, o qual enviou um relatório ao centro de saúde que dizia “tentou suicídio apenas duas vezes” (relatório feito por sua Psicóloga), encaminharam-na a uma instituição para aula de dança; como não preencheu um pré-requisito, não obteve vaga. Dormiu várias vezes na rua, mostrou-se agressiva com os pais...

Aos 13 anos, por ser ameaçada de morte por traficantes, fora internada em um hospital psiquiátrico na “ala de agudos”, adultos em situação de crises, por falta de outra instituição que a abrigasse. Ao saber do setor que estava internada, avalei-o como inadequado para uma adolescente e fui visitá-la para buscar uma outra saída. No jardim do hospital, que tem uma proposta de humanização e os usuários têm trânsito livre, enquanto conversávamos, uma mulher chegara tocando-a em sua vulva, ela não reagiu. Enquanto manejava essa situação, chegou um usuário adulto que paquerou Lilás...

Depois de vários contatos, acesso a mais informações sobre a gravidade do risco externo que estava correndo, a falta de opção de proteção em serviços pensados para adolescentes e observando o envolvimento da equipe daquele hospital, compreendi o esforço daqueles colegas que, durante uma internação de 28 dias, realmente ajudaram-na a salvar sua vida, mesmo a família não tendo aderido ao tratamento. Em paralelo, visitas para a Lilás e até uma corrente de oração foi constituída pela rede informal. A Lilás saiu com nova medicação e encaminhamento para o centro de saúde.

Em uma das terapias, “fala do que gosta: dança e capoeira. Sonho de ser modelo. Relata que vai visitar amigos que fez no hospital psiquiátrico. Não está indo à escola, pois diz que é um saco”. (relatório da Psicóloga).

Em visita domiciliar, devido às ausências ao centro de saúde, a Mãe relatou que sua filha havia melhorado, que voltou a estudar e estava sendo acompanhada por uma Psicopedagoga. Entretanto faltava às terapias; fora feita nova visita domiciliar e Lilás disse que estava bem.

Um mês depois, em uma consulta de enfermagem procurada devido à dor nas costas, a enfermeira observou suas faltas nas sessões terapêuticas e chamou a psicóloga, a qual registrou: “Conta que ficou 15 dias fora de casa com amigos ou namorados. Tem brigado bastante com os pais, que não consegue ficar em casa, sabe que é *custosa*”.

Dois meses depois, voltara ao centro de saúde dizendo que fora até o hospital psiquiátrico conversar e dizer que queria retomar o tratamento. Disse que se sentia só, com tristeza e desânimo. Parou a capoeira. Passava os dias vendo televisão, afirmou “se dar melhor com o irmão mais velho”, todos saíam para trabalhar, ela ficava só, morava em uma região de chácaras e seu Pai era caseiro.

Em 2000, a mãe solicitou relatório do tratamento da Lilás para que essa viesse a ser atendida em uma cidade vizinha. Um mês depois, Lilás retornou ao centro de saúde com dor de garganta. Sete meses após, demonstrando seu vínculo com o referido serviço, retornou a esse local devido a escoriações por atropelamento...

Em fevereiro de 2001, Lilás e seu Pai procuraram o centro de saúde pedindo um atestado para internação em uma instituição religiosa que atende dependentes químicos, pois “foram ameaçados por policiais de mandá-la para a Febem pelo fato de estar andando com traficantes e fumando maconha” (relatório da Psicóloga). Conseguiram uma disputada vaga na referida instituição, a qual propunha atividades lúdicas, trabalhos na horta e orações. Fugiu da instituição...

O seu Pai retorna ao psiquiatra, solicitando internação no hospital psiquiátrico, pois Lilás havia tido uma crise histérica e quebrou tudo na xxx (instituição da qual fugiu).

No hospital psiquiátrico, ficaram sabendo que teria simulado a crise para ser encaminhada para lá. Durante a sua segunda internação, quando somente tinha 15 anos, o Pai aderiu à terapia, foi visitá-la com frequência. A equipe observou que seu Pai deitou-se em sua cama, próximo de Lilás, em seu quarto exclusivo no hospital, pois foi feito um esforço (com redução do número de oferta de leitos) para deixá-la com privacidade, em um quarto sem outros usuários. Foram realizadas várias ações para que não percorresse uma carreira de internações psiquiátricas.

A rede informal estimula sua volta para a escola. A Professora, citada inicialmente, propôs atividades de estímulo ao estudo, em sua própria casa, permitindo que Lilás lá permanecesse, às tardes, podendo assistir televisão e tomando lanche. A Mestranda mantinha vínculo com ela e sua família...

Conflito de gerações. Sua Mãe tinha hábitos e vestia-se conforme sua religião preconizava. Lilás gostava de roupas da moda da época atual. Naquele período seus pais referiram estarem cansados perante a situação de enfrentamento com a filha...

Seus pais conseguiram que morasse em outra cidade do interior com parentes. Na casa em que estava acolhida, Lilás abriu a janela do quarto para que um adulto entrasse para namorar e foi devolvida à sua família...

Lilás, quando voltou para Campinas, retornou à escola, mas no período noturno...

Uma novidade! Em outubro de 2001, o seu exame para verificar se estava grávida foi positivo. Nos registros de enfermagem: “ela refere desejo de engravidar”. O centro de saúde encaminhou-a para o pré-natal de adolescentes no hospital universitário. Nasceu um lindo menino que recebeu nome de um anjo...

Retornou ao centro de saúde para revisão do pós-parto, em julho de 2002. Lilás procurou espontaneamente a sua Psicóloga, em agosto, com a “queixa principal”:

“Nervosa, irritada e com medo do passado “atravessando o presente”. Filho com dois meses de idade – conversa com filho no colo, amamenta, olha, cuida direitinho. Seu Pai a acompanha. Refere não usar drogas (maconha/coca) desde início da gestação. O Pai do menino é usuário de substâncias psico-ativas, com várias passagens pela polícia (tráfico, roubo); estão brigando muito quando ele vem ver o filho, ameaça roubá-lo. Lilás refere que mudará com a família toda para (nome de uma cidade que fica em outro estado) daqui a seis meses. Contrato de terapia breve.” (relatório da Psicóloga)

Naquele período, Lilás trouxe para a terapia suas dificuldades na relação com seus pais:

“Trabalho as dificuldades nas relações com seus pais.

Sentimentos de amor e rejeição. Ambigüidade.

Fala de seus sonhos: ser modelo, agora de ser boa mãe.

Dos medos: de “não dar conta” de ficar nesse caminho do bem.”(relatório da Psicóloga)

Em outra sessão terapêutica, Lilás relatou que seus pais aceitavam que o Pai do seu filho fosse visitá-los:

*“Mas fica um clima, eles não saem da sala”.*

Também encontrei as demais observações no relatório da psicóloga:

“traz sempre o seu filho. Maternagem mais que suficiente e boa. Sensibilidade e afeto preservados. Fala do quanto o filho a deixou “sossegada” e queria ser sempre assim”.

Transcorrido algum tempo, em uma sessão, o tema trabalhado foi sobre seus pais verdadeiros:

“Fala que tem pensado muito, que queria saber mais, mas que os pais não tocam no assunto. É sugerido que tem que abrir o jogo com eles”. (relatório da psicóloga).

Somente sete anos depois tive acesso a essa informação, sobre a qual foi respeitado o caráter de sigilo terapêutico, amigas da rede informal deduziam que havia algo que dificultava a relação familiar. Essa informação foi revelada durante uma tentativa de encontrarmos uma saída para uma situação que será citada posteriormente.

Fiquei sabendo, também, que tudo começou com uma briga de família, quando Lilás tinha 11 anos e ficou sabendo que era filha adotiva. Foi depois dessa briga que começou ficar “nervosa” e levaram-na para o tratamento psiquiátrico, após as tentativas de suicídio, quando iniciou um tratamento medicamentoso que durou anos.

Retomando os relatos da Psicóloga: “traz a dificuldade com os pais... ‘às vezes chegam muito junto’(Lilás). Melhorou muito depois do nascimento do filho, mas que às vezes eles pedem demais. Atualmente tem ido à igreja deles. É o único passeio fora cuidar do filho”.

A Psicóloga propôs aos Pais uma terapia para eles, com uma colega do centro de saúde. Nos relatos dessa nova terapeuta: “Eles se queixam o tempo todo. Tentativa de mostrar os avanços”.

No relatório da Psicóloga consta que Lilás “fala que estava reaproximando do pai de seu filho, mas por interferências dos pais brigou de novo. Está muito triste. Encaminhada ao Ambulatório de Homeopatia”.

A Professora e a Mestranda citadas inicialmente deram apoio constante à Lilás e para sua família, durante esses anos; quando os problemas aumentavam, eram chamadas, as quais acionavam a rede informal, se necessário, mesmo após a Professora ter assumido um cargo público de muita responsabilidade.

De agosto a dezembro de 2002 compareceu regularmente à terapia e seus pais à orientação familiar. Após suas férias, a Psicóloga fez uma visita domiciliar para que Lilás retomasse sua terapia, o que ocorreu até junho de 2003. No relatório da Psicóloga, evidencia-se o estado afetivo de Lilás:

“Começa a dar sinais de desejo de retomar o fio da vida, além do filho. Maternagem boa, afetiva, comunicativa. Percebo seus pais com dificuldade de perceber e manejar esse momento”.

No referido semestre, foi construído pela Lilás e pela Psicóloga um Projeto Terapêutico Individual (PTI):

- Participar do “Curso de Beleza” – (Conseguido a vaga em serviço da Secretaria Municipal de Assistência Social, localizado em uma região próxima ao bairro que residia).
- Cantar no coro da igreja.
- Uma vez por semana fazer terapia.
- Os pais comparecerem quinzenalmente, no Grupo de Família.
- Fazer Supletivo. Retornar a sua escola.

Nas férias, fez curso de bijuteria. Produziu e vendeu na Feira de Artesanato. Nesse período, encontrei-a várias vezes, ela estava mais acessível, sempre com a mãe e o Bebê, bem cuidado, risonho, que vinha facilmente para o colo da gente.

Após suas férias, em julho de 2003, a Terapeuta, através de contato terapêutico para oferecer retorno, conversa com a Mãe, a qual disse que Lilás estava bem, fazendo bijuteria, indo à escola, mas afirmando que não tinha tempo de ir à terapia. Disse que estavam se preparando para ir para morar em uma cidade distante. A Psicóloga colocou-se a disposição para novos contatos.

Em março de 2004, Lilás procurou a Psicóloga, que fez o seguinte registro:

“(..) não está bem. Os pais dizem que estão de mudança para (nome da cidade distante) e que querem levar o filho dela e ela não. Lilás ameaçou deixar o seu filho com o Pai bandido para não deixar a mãe levá-lo”.

“Ao mesmo tempo, os pais procuram a Terapeuta de Família pedindo ajuda porque a Lilás começou a chegar tarde da escola e andar com más companhias”. (Relatório da Psicóloga).

Uma vizinha dos Pais de Lilás procura-me, assim fiquei sabendo dos sumiços pelas ruas e madrugadas de Lilás. Comentários de que estaria usando drogas e estaria indo para o centro da cidade para exploração sexual, além de ter tido “um caso com o Leiteiro do bairro, uma pessoa bem mais velha do que ela e quase ter apanhado de suas filhas... teria recebido dinheiro”. Sofrimento dos Pais, pois parecia estar liderando amigas mais jovens; um camburão foi à casa de sua família procurar uma adolescente de doze anos com a suspeita de que Lilás a estaria escondendo. Seus pais ficaram muito envergonhados.

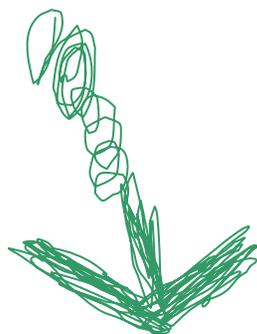
Lilás furtou R\$ 200,00 da Patroa de seus Pais. Disse, posteriormente, para a Psicóloga que a “moçada ia viajar, ela não tinha dinheiro e queria ir com eles”.

Seus pais disseram que era muito vergonhoso ter feito aquilo para os Patrões que foram tão bons para com eles. Imigrantes do interior de um estado da região centro-oeste, eram trabalhadores e traziam consigo valores morais, como honestidade... Aceleraram a mudança que seria daí a uma semana e disseram que não a levariam. Foi quando a rede informal ficou sabendo da situação e saiu à busca de saídas. Contatou-se imediatamente a Psicóloga, que marcara consulta para Lilás no dia seguinte.

Por entender que Lilás tinha o direito de ficar perto do seu filho – o vínculo mais saudável e âncora para ela – pensávamos também que seria providencial mudar de cidade para poder constituir novas relações de convivências, além de respeitar o limite dos seus Pais, tentamos achar uma instituição em cidade vizinha próxima a eles para acolhê-la. A Mestranda, que hoje mora em Minas Gerais, ficou sabendo de uma instituição na capital do estado de origem de Lilás, para dependentes químicos, que fica em uma fazenda, com proposta de terapia ocupacional, aparentemente adequada pelo folder. Tal local fica próximo à cidade onde a família de Lilás estaria residindo.

A Psicóloga contata essa instituição, busca referências, acionou a Saúde Mental Municipal para viabilizar o encaminhamento. Mas ficou com a pergunta: será que Lilás daria conta de lidar com as normas e tratamentos tradicionais? E, ao sair de lá, sozinha naquela cidade desconhecida, a família a acolheria?

Enquanto isso, a rede de apoio procurava outras saídas. No relato da terapia, Lilás “diz que não acredita que os Pais façam o que estão prometendo de ir para (o nome da cidade) e levar o seu filho. Que não teriam coragem de deixá-la aqui. Mas, ao mesmo tempo, percebia a movimentação deles para a viagem. Está bastante ansiosa e deprimida. No final da consulta chora muito e não consegue falar. Sugiro que desenhe: ‘Não consigo’. Peço uma imagem: ‘Me sinto sozinha num barco afundando no meio do mar’. Chora alto. Recebo o choro, dei espaço, pois dificilmente entra em contato com suas angústias... Quando recupera, conversamos sobre suas ‘redes’, sua família... No final da sessão, começou a rabiscar umas argolas, no papel que tinha à sua frente. Aí perguntou: Como chama aquele negócio que põe no mar pra parar? Âncora? E desenhou em verde esperança.”



Na próxima terapia, Lilás relatou que os pais estavam mesmo de mudança, que não iriam levar o filho e nem ela. Contou que brigou com a mãe e levou o filho para a família do Pai do menino tomar conta dele. Disse também estar apreensiva, que confiava no pai da criança, “ele tem carinho, a mãe dele também, mas tenho medo dos outros. O Pai dele é jurado de morte”.

A Psicóloga e ela conseguem chegar à proposta de voltar a conversar com a Mãe. Discutem a proposta da instituição, inicialmente disse que quer mesmo ir, “está precisando de um descanso”. Depois de ter mais informações, questionou se ficaria presa lá. Resolveram continuar buscando novas saídas.

Uma observação feita pela Psicóloga: “às vezes penso não ter mais enquadre nenhum. Que pode o contexto terapêutico? Tinha que ter outros espaços. Se não tem! Enquadre práς cucuias!” Prioriza sua agenda e vai à casa dos Pais de Lilás no dia anterior em que se daria a mudança.

No relatório feito sobre a visita na casa dos pais de Lilás, a Psicóloga viveu um momento muito singular:

“O menino brinca no meio das caixas.

- Ela não está, desde ontem não aparece, diz a Mãe, com cara brava, relatando ainda, angústia, amargura, medo e aflição.

- Pelo menos trouxe o (nome do filho) da casa do pai dele. Vou levar ele. Só Deus sabe o que vou enfrentar lá com minha família. Eles não querem. Acham que ela já abusou demais. Agora fez 18 anos, eu tinha que deixar ela e o filho. Mas não tenho coragem. Ele eu levo. Mas se ela quiser quando tiver bem, com condições eu devolvo”.

Avalio ser necessário esclarecer o motivo apresentado pela Mãe, justificando a mudança, pois precisava ajudar a cuidar de sua mãe que estava doente, iriam morar de favor em casa de parentes em uma cidade periférica de uma capital e seu marido estava indo sem emprego.

A Psicóloga perguntou:

*“Ela sabe? A senhora falou?”*

*“ Não”, respondeu a mãe de Lilás.*

*“ Chora, fala que dói, mas é o limite dela, deles.”*

A Mãe conta, então, a história da Lilás:

“O pai de sangue era rico, fazendeiro, da cidade pequena onde moravam. Era de família importante, irmão do prefeito... A mãe de Lilás era uma prostituta, vinda do nordeste, passando por ali. A avó paterna, matriarcal, ofereceu dinheiro para a mãe sumir dali ou mandava matá-la! Ela teve Lilás e deu para eles criarem. Viveram uns tempos ali. Lilás de pequena via seu pai, nos arredores de sua casa, mas não sabia quem ele era. Ele só interessou em fazer contato uma vez, procurando uma conhecida para enviar o recado de que quando a Lilás fosse casar, o avisassem, pois fazia questão de pagar o vestido!!!”

O fala da mãe continha um pouco mais da história da Lilás:

*“De pequena era linda... até chegar nessa que rouba o patrão, isso foi demais pra nós”, Chora muito.*

Foi combinado que a Mãe conversaria com Lilás, esclarecendo que o Filho estaria acessível e que diria para a filha como ela própria estava se sentindo”. (relatório da Psicóloga)

Uma frase registrada pela própria Psicóloga:

*“Saio de lá muito triste com a sensação de que a Dona (nome da Mãe) não vai dar conta de contar para Lilás o que sente”.*

Transcrevo parte do relatório da Psicóloga pela densidade de seu conteúdo e capacidade de expressar a situação que estava vivenciando:

*“Foram e agora? Ancorar aonde? Se a Lilás ficou sem porto. As conversas em rede teciam possibilidades, mas eram poucas as factíveis e possíveis. Meras possibilidades que se esvaíam na teia institucional povoada de desaconteceres!... O que é melhor para ela agora? É possível? Não podemos ‘interná-la’, não tem clínica para tanto... repetir a conduta de quando tinha doze anos: haldol, akineton, meleril, melhorou? Mas está sem teto, sem família, sem emprego, sem comida”.*

Lilás ficou na casa de um conhecido, só para dormir, comia na casa da ex-Patroa, ganhou passe via centro de saúde, além do acompanhamento de um educador social que a ajudou a procurar emprego e procurar lugar para morar. Escreveu a Psicóloga:

*“Ela ligava e pedia socorro. Será que lá na bandidagem a rede não funciona melhor”?*

Na terapia, Lilás mostrava estar sem repertório de “vida de adulta” (Relatório da Psicóloga). Não queria morar nas instituições conseguidas, não tinha dinheiro e nem noção do custo de aluguel. Demonstrava-se fechada e dizia estar com muita saudade do filho.

A partir de uma discussão de equipe no centro de saúde, uma Médica conseguiu com sua amiga um emprego para Lilás. A situação foi explicitada para a Artista Plástica, que em sua casa Lilás trabalhou com artesanato, com frequência e pontualidade.

A Ex-patroa de seus pais (que oferecia refeições a Lilás) pediu ajuda de manejo à Psicóloga, pois, na frente dos vizinhos, Lilás ficava agressiva e arrogante, quando ia à sua casa para comer.

Sua Mãe ligou para a ex-patroa para saber de contas de luz e não... perguntou por Lilás. Um “detalhe”: quando se mudaram, não deixaram endereço e nem telefone de contato para filha.

Surgiu uma boa proposta: ir morar com o irmão mais velho do qual gostava, ele residia em uma cidade próxima a Campinas. Sua cunhada havia arrumado um emprego para ela.

No dia anterior à mudança, pegou uma bicicleta do Ex-patrão de seu Pai, sem pedir, para ir recolher suas coisas, o caseiro viu. O Ex-patrão deu queixa na Polícia, que a prendeu em flagrante. A Psicóloga e a Professora foram imediatamente para a delegacia. Lilás e a Professora (ex-presa política) abraçaram-se, choraram e não conseguiram explicar que pegou a bicicleta “emprestada” e iria devolvê-la posteriormente.

A Ex-patroa ficou muito mobilizada. Em uma sexta-feira à noite, a rede sai à procura por advogado. Lilás ficou na cadeia de uma cidade vizinha uns oito dias. Após a retirada da queixa pelo Ex-patrão, seu namorado levou-a para a casa de seu irmão, recebendo para tanto, ajudas da rede.

Dias depois, Lilás ligou para a Professora para avisar que estava bem.

Após dois meses, Lilás voltou para Campinas e passou a morar na casa da família do namorado. Procurou a Psicóloga, a qual fez o seguinte registro:

“Lilás aparentou estar mais fortalecida e solicitou métodos anticoncepcionais. Estava retornando ao trabalho com a Artista Plástica e para a escola”.

Um mês depois, a Psicóloga telefonou para mim, contando que Lilás voltou ao centro de saúde e disse que sua Mãe não agüentou cuidar do menino e iria devolvê-lo. Disse que Lilás estava muito feliz.

### **E a vida continua...**

Só agora fiquei sabendo da história de sua infância, o que me deu condições de refletir mais ainda sobre o drama vivenciado por Lilás na adolescência e por sua família. Com a Mãe adotiva conhecida, tinha dificuldade de identificação e a Mãe de sangue, quem seria? O abandono e o acolhimento? A Santa e a Prostituta? O que serei quando crescer?

Poderíamos, ainda analisar o acesso que teve às instituições ou refletir sobre o tipo de assistência medicalizante e, em outros momentos, acolhedora que recebera, dentre várias outras questões. Mas, primeiramente, destaco que muito sofrimento, de muitos, seria poupado e recursos públicos redistribuídos se tivesse recebido um outro tipo de abordagem na saúde, inicialmente e se seus pais tivessem tido condições de falar e manejar sua história, com mais naturalidade e inclusão.

Para esse estudo, termos percorrido a história de Lilás possibilitou a observação de um traçado vivenciado no mapa das instituições: seus fluxos, suas resolutividades em momentos de crises ou suas ações medicalizantes. Por outro lado, aparecem situações, nas quais, os profissionais das diversas instituições foram como o porto acolhedor que ofertou ações que qualificaram a vida da Lilás.

Cabe também apontar que houve interferência, ajuda e otimização da potência das relações entre as instituições e a rede informal. Devemos mesmo chamar de rede informal ou re-nomeá-la? Trata-se da tecelagem de uma teia de relações, de mulheres (houve um recorte de gênero?), cidadãs, com identificação de concepções sobre a vida e sobre os seres humanos, dos valores e dos direitos, que operavam, ora no papel profissional, ora na busca pela integralidade do cuidado da Lilás, ou seja, gente em relação afetiva e fazendo política no micro e a partir do cotidiano.

Podemos analisar essa rede e perceber que continha uma metodologia implícita, potente, com caráter inter-disciplinar, além das singularidades, das disponibilidades emocionais e pessoais. A Professora vivenciava coerentemente a Pedagogia Paulo

Freireana; a Psicóloga agia como um agente da luta anti-manicomial; a Mestranda enriquecia as ofertas, os vínculos e ampliava o repertório através da arte; os vários colaboradores desatavam emperramentos burocráticos das instituições, com solidariedade e com responsabilização.

Temos que constatar ainda, que nós, os integrantes dessa rede, bebemos também das mesmas fontes, que cantamos as mesmas canções, que nos encontramos em vários movimentos, passeatas, comícios por nossa cidade e pelo nosso país, que optamos por posicionamentos e compromissos sócio-político e culturais semelhantes.

Ao nos aproximarmos da história da Lilás, é fundamental que façamos a pergunta: qual foi o papel do Estado? Os direitos dessa adolescente foram atendidos? Fui testemunha de que sim, que teve acesso e acompanhamento, além da média que os adolescentes recebem nessa cidade. Mas, por esse relato e interações atuais com as instituições governamentais e não-governamentais (as quais são mantidas significativamente com dinheiro público, sem co-gestão), temos que apontar que há necessidade de estudar e qualificar o financiamento, a gestão pública e a co-gestão inter-institucional, os acessos e fluxos governamentais e não-governamentais.

Perguntamos sobre o papel do Estado; cabe perguntar também qual é o papel da família? Na história da família de Lilás, é importante não perder o contexto histórico e cultural. Destaco a informação de que a Mãe sanguínea de Lilás era “uma prostituta, vinda do nordeste e passando por ali” (relatório da Psicóloga). Não sabemos sua história de vida, mas dá para fazer suposições de que fatores de pobreza possam ter influenciado ou determinado sua trajetória?! E o coronelismo, machismo e concepções culturais da Avó paterna e do Pai sanguíneo?! Como foi vivenciar o drama para a família trabalhadora, com poucos recursos financeiros, mas que se dispôs a adotar uma criança, mesmo tendo três filhos (dois homens e uma mulher)? Como conviver com dificuldades financeiras e “vergonhas”, sabendo da riqueza do fazendeiro que não assumiu a paternidade? Como deve ser os conflitos de uma Mãe adotiva, evangélica, do interior de um estado agrário e mais tradicional, que no período em questão, vivia em área rural em Campinas, lidando com a adolescência, com o medo de sua filha virar “prostituta” como a sua mãe sanguínea, tendo que lidar com a moda atual de calças compridas, aparecendo o umbigo e blusas coloridas e

decotadas!? Como deve ser ter que interagir com profissionais universitários sendo muito tímidos e calados!? Como lidar com a situação de adoção, tentativa de suicídio, sexo, droga, exploração sexual e roubo?! Qual é a possibilidade de continente da família?!

E quanto à subjetividade da Lilás?! Muitas perguntas. Nesse meu papel, não cabe analisá-la, mas queria deixar apontado que, dentre as categorias que trabalho, entendo que a subjetividade está constituindo e sendo constituída nas relações inter-pessoais e com os atores das instituições. Assim sendo, avalio que Lilás foi educada, cuidada por vários profissionais, recebeu apoios e referências das integrantes da rede informal que provavelmente interferiram positivamente na constituição de sua matriz de identidade, segundo o conceito psicodramático de Moreno. Isto é, suponho que Lilás sentiu-se querida, valorizada e teve também, como referências, pessoas que sabiam lidar mais com as “diferenças” e inclusão, assim apoiaram-na nos momentos difíceis e foram exemplos que colaboraram em suas escolhas.

Afetivamente, agradeço o fato de Lilás estar viva, ter vivenciado uma fase na qual ficou “sossegada”, quando teve o filho e demonstrou maternagem; fico sensibilizada ainda por ela reconhecer e manter seus vínculos com sua Professora e sua Psicóloga. Valorizo que atualmente, ela queira trabalhar e investir em relacionamento amoroso com responsabilidade de planejamento familiar, cuidar do filho, trabalhar e estudar. Ou seja, está tendo condições de vivenciar seus vários papéis.

À minha musa inspiradora, sou muito agradecida, pois ela me ensinou que há de se ter muita paciência, persistência, aprender a lidar com a impotência, além da importância das redes de convivência e institucionais.

Sempre me perguntei como aquela menina - uma dançarina em potencial, tão forte, tão frágil, arrogante muitas das vezes - conseguia mobilizar tantos afetos por onde passava? A rede de apoio “informal” e o trabalho dos profissionais da área da saúde e da educação foram resolutivos em várias situações e, se houvesse uma rede institucionalizada articulada, não seriam mais potentes as ações? A musa inspiradora foi aluna de uma professora humanista e militante que construiu a rede informal que a apoiou. Ora, e quanto às muitas crianças e adolescentes que não possuem um adulto militante por perto, essas não

têm direito de receberem cuidados e proteção institucionais? Mais ainda: as crianças e adolescentes têm necessidades de convivência com adultos um pouco mais estruturados, enquanto estão constituindo suas estruturas psíquicas e relacionais, não têm?! Penso que devemos salientar que, segundo a concepção que abordaremos posteriormente, a criança e o adolescente têm o direito e a necessidade de vivenciarem cada fase de suas vidas, a infância e a adolescência recebendo cuidados, afetos e proteção!

Nessa História de Vida, proponho observar que houve um viés de gênero, Lilás, sua Mãe de coração e sua Mãe de sangue são mulheres, pobres, oriundas de estados onde os valores culturais, o machismo e a exclusão de Políticas Sociais agridem a subjetividade feminina e interferem nas possibilidades de vida e exercício da cidadania. Posteriormente, iremos para a literatura entender esses vieses enquanto constituintes de um fenômeno social. Ao trazer a história de Lilás, não pretendo trabalhar com a generalização, trata-se de uma História de Vida, porém proponho que podemos aprender e trabalhar no âmbito das Políticas Públicas com as Singularidades.

Percebe-se que, nesse relato, há pistas sobre a importância de ter vínculos; sobre a dinâmica, a potencialidade e a complexidade das relações de instituições, saberes e poderes. Pois bem, é referenciando-me a esse universo que pretendo tecer reflexões.

### **Continuemos o caminhar...**

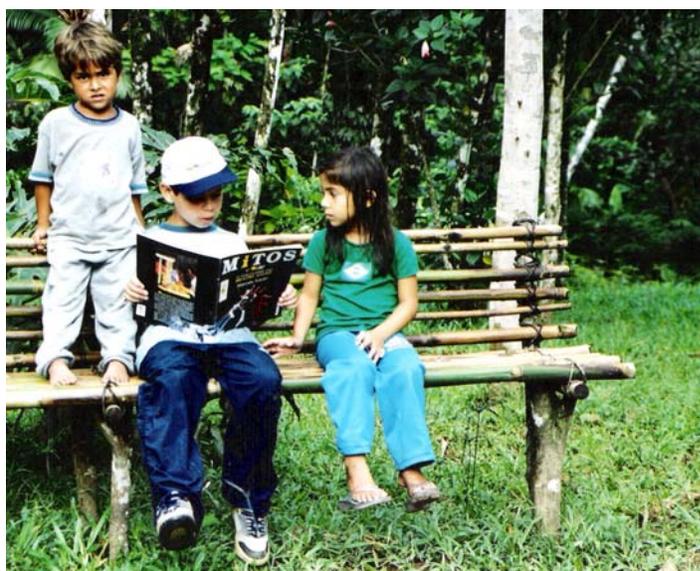
Partiremos de um marco, por isso, transcreverei artigos que demonstram concepções e direitos contidos no Estatuto da Criança e Adolescente - ECA(1999):

“Art.7- A criança e o adolescente têm direito à proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.”

“Art. 53 – A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho...”

“Art.59 – Os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”.

No nosso caminhar, levamos também, uma recordação, imagens de crianças e de adolescentes vivenciando seus direitos:



**Foto 1-** Mutirão de plantio no Assentamento Rural de Sumaré – SP – filhos de simpatizantes do MST. foto: Alik Wunder.

**Foto 2-** Filhos de moradores da Juréia em encontro da “Escola Caiçara” – Comunidade da Cachoeira do Guilherme – Estação Ecológica da Juréia-Itatins - Iguape – SP – foto: Alik Wunder.



Grupo “Meninos do Barão” – Campinas – SP.

Coordenação e Coreografia de Beto Regina.

Coreografia “Meninos Perdidos”, 1998 - Música de Carlinhos Brown

Foto: Regina Bertinato

A Ong ‘Meninos do Barão’ é uma escola profissionalizante em dança, onde meninos oriundos de famílias com dificuldades financeiras, diariamente, com duração de 4 horas, recebem aulas de dança, história da arte, trabalhos corporais, canto, circo, música, artes plásticas, reforço escolar e lanche. Acompanhei o crescimento e a sociabilidade de um dos integrantes da foto e tomo essa imagem como um exemplo de trabalho que comprovei suas contribuições, os quais me dão argumentos para defender a existência de centros de convivência na periferia, como farei posteriormente.

Lembremo-nos da nossa criança interna, do brincar, de nosso adolescente que de alguma forma nos mantêm com expectativas. Assim, poderemos entender mais profundamente a problemática da exploração sexual que nesse texto estará sendo abordada. Compartilho com vocês uma poesia (Paes, 1990) para entrarmos em contato com nossa criança interna:

## Paraíso

José Paulo Paes (1990)

Se esta rua fosse minha,  
Eu mandava ladrilhar,  
Não para automóvel matar gente,  
Mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha,  
Eu não deixava derrubar.  
Se cortarem todas as árvores,  
Onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu,  
Eu não deixava poluir.  
Joguem esgotos noutra parte,  
Que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,  
Eu fazia tantas mudanças  
Que ele seria um paraíso  
De bichos, plantas e crianças.

O autor, dentro de sua liberdade poética, apresenta-nos um paraíso, uma idealização. Mas, apesar de perceber a distância entre o desejado e o real, espero não perder a sensibilidade de perceber a singeleza contida nas poesias, nas crianças e por compreender seus direitos à delicadeza.

Em uma dinâmica de grupo, na linha do Psicodrama Pedagógico, com os arte-educadores e coordenadores que faziam parte do Projeto Rotas Recriadas, pessoas essas de diversas origens sócio-econômicas e culturais, ao serem abordados a criança e o adolescente de cada um de nós, , verifiquei que, entre dezesseis participantes, cinco tiveram uma infância mais amena, com afeto e proteção, com o destaque que a condição econômica da família não foi uma determinante. Nós, os demais, vivenciamos situações ou fatos muito marcantes e de sofrimento ou carências. Faço tal colocação para pontuar que a fase da infância não é necessariamente um paraíso, mas que é fundamental na constituição do sujeito.

A criança e o adolescente, durante a história da humanidade, vêm sendo entendidos, valorizados e tratados de formas diferenciadas. Neste trabalho, compreendo as meninas e os meninos, como sendo portadores de histórias de vida, personalidades, pertencendo a um grupo familiar, com determinada condição sócio-econômica, com desejos, medos, sexualidade, informações, direitos, inclusão ou exclusão, identidade cultural e religiosa, etc.

Quanto às adolescentes e aos adolescentes, percebo-os criativos, apáticos, lindos, desajeitados, tranquilos, irritados, comunicativos, travados, carinhosos, cruéis, legais, uns chatos, questionadores, alienados, consumistas, despojados... (não são também características dos adultos?).

Nós, adultos, crianças e adolescentes, continuamos construindo a História. Assim sendo, nesse momento histórico refletir sobre a exploração sexual de crianças e adolescentes, pode também ajudar-nos a conhecer a sociedade na qual estamos vivendo, posto que iremos buscar as determinações sociais do referido fenômeno e ainda depararmos-nos com questões complexas, com valores machistas-sexista, desrespeito a direitos e crimes.

Cabe ressaltar que, além de vivermos em um dado tempo histórico, em uma cultura ocidental, vivemos em uma sociedade globalizada, com forças de acúmulos de capitais-financeiros sobrepondo-se a governos, nações, culturas. Somos bombardeados por mídias que veiculam factóides, violências e estímulos ao consumo, enquanto que para os projetos ou fatos de interesse social não é facilitada a divulgação.

### **Uma pausa para reflexão:**

Penso ser importante localizar quais os referenciais teóricos que me norteiam e contribuem na construção da visão de mundo que tenho nos dias atuais e proporcionaram esse texto.

Com referenciais ético-políticos e metodologias mais consistentes do que os da mídia trágica-capitalística (Guattari-1993), autores como os da Escola de Frankfurt e outros construíram e vêm construindo um pensamento pessimista sobre o contexto e perspectivas mundiais.

Um trecho, por exemplo, de Eric Hobsbawn (1995) sintetiza seu entendimento do processo histórico em construção em que a magnitude e complexidade das problemáticas sociais contemporâneas são antigas heranças sócio-culturais e econômicas:

“(...) a barbárie se manteve em alta na maior parte do século XX, e não há sinal de que esteja no fim. (...) dou dois significados ao termo “barbárie”. Primeiro, a ruptura e o colapso do sistema de regras e de comportamento moral pelo qual todas as sociedades regulam as relações entre seus integrantes (...) Segundo, a reversão do que podemos chamar projeto do Iluminismo do século XVIII, o estabelecimento de um sistema universal de tais regras e padrões de comportamento moral, incorporado nas instituições de Estados dedicadas ao progresso racional da humanidade: à vida, à Liberdade e à Busca da Felicidade, à Igualdade, à Liberdade e à Fraternidade, ou o que quer que seja.(...) São quatro estágios principais: A Primeira Guerra Mundial, o período de crise mundial a partir do colapso de 1917-20 até 1944-47; as quatro décadas de Guerra Fria e finalmente, a partir e nos anos 80, em grande parte do mundo, o grande colapso da civilização como a concebemos (...) O pior é que nos acostumamos ao desumano. Aprendemos a tolerar o intolerável”.

(Hobsbawn – 1995-págs 16, 18 e.29 )

Essa última afirmação perturba-me, mas concordo que em certa medida estamos vivendo nesse estado de alienação. O que fazer?

A citação anterior é uma opinião sobre o processo histórico do século XX, um olhar macro, racional, mas sabemos que, além do que fora citado, das disputas políticas nacionais e internacionais, da globalização, há também, processos inter-institucionais, inter-pessoais e subjetivos. Assim podemos refletir também, de uma outra perspectiva, compreendo que o macro gera o micro e o micro está, gera e é gerado no macro (Capra – 1982). Que há os textos e o sub-texto de todos (Moreno-1973). Assim sendo, para demonstrar mais uma opinião sobre a situação que vivenciamos atualmente, escolho citar Pierre Lévy (2000), um professor da Universidade de Paris VIII, atualmente na Universidade Québec à Trois Rivières, Canadá, um reconhecido pensador que estuda a expansão da técnica no mundo contemporâneo, em especial a informática. Escolho citar um livro que escreveu durante uma crise existencial quando tinha seus quarenta anos:

“Os acontecimentos de nossa vida e os acontecimentos do mundo são absurdos, estranhos, desordenados, movidos por paixões, ódios, desejos, conceitos e pensamentos totalmente ilusórios. Abandone qualquer idéia de um universo estável, seguro, “normal”, ordenado, que obedeça a uma “razão” qualquer.” (pág.167)

Com a lucidez de reconhecer a barbárie do processo histórico, dos sofrimentos individuais e coletivos - é importante lembrarmos ainda, que no cotidiano, a humanidade produz muito trabalho, carícias, atos de solidariedade -, vale ressaltar que acumulou acervos de obras de arte belíssimos; que pessoas maravilhosas existiram e existem; que houve rupturas, inovações, revoluções tecnológicas e culturais. Penso que devemos buscar discernimento, olhar para a condição humana e as relações sociais, reconhecer o que destrói, o que desagrega, o que paralisa. E escolher o que gera, o que une, o que nutre, o que cura e o que dá sentido.

Fazemos uma escolha. Há espaços subjetivos. Há um nível de opção enquanto sujeito em relação. Movidos pela pulsão de vida, no bojo dos códigos culturais introjetados, na tentativa de dar significado à vida nossa e do (com) o outro, fazemos a opção por quais perspectivas nos nortear, viver e inter-agir.

Penso que, do ponto de vista de análise do processo histórico, devemos acrescentar, também, referenciais teóricos que nos embasam para traçarmos perspectivas auspiciosas, que valoriza o micro, o ser humano e amplia o significado do outro e das relações inter-pessoais.

Assim, depois de abrir essas dimensões, sinto que posso expressar que percebo a exploração sexual de criança e adolescente como um sofrimento imponderável. Eu quero olhar para essa dor. Pergunto-me como atuar contra essa dor com os recursos pró-ativos que temos hoje, como recriar as rotas dessas crianças e adolescentes?

No texto “As agonias do Liberalismo: as esperanças para o progresso”, Immanuel Wallrstein (1995), escreveu:

“Essas batalhas serão políticas, mas não necessariamente no âmbito do Estado. De fato, precisamente por causa do processo de deslegitimação dos Estados, muitas dessas batalhas (talvez a maioria) serão locais, travadas entre os múltiplos grupos em que estamos nos reorganizando. E, uma vez que serão locais e complexas, entre grupos múltiplos, será essencial uma estratégia de aliança complexa e flexível, mas funcionará apenas se mantivermos em nossa mente objetivos igualitários.” (pág.49)

Isto posto, explicito que escolho trabalhar com um referencial teórico que considere o Outro, na busca da assunção da alteridade do inteiramente outro. Trabalhar com a compreensão da atitude budista da compaixão, que significa sentir com o outro (Boff -1997):

“O ser humano é um nó de relações, voltado em todas as direções – para cima, para o sonho; para o alto, para Deus; para dentro de si, para o seu coração; para os lados, para os seus irmãos e irmãs; para baixo, para a terra, para a natureza. Relações em todas as direções. E o ser humano só se realiza, se ele agiliza, se ele articula as relações. Se corta as relações, ele empobrece. Então, eu diria que esta antropologia é pan-relacional, é uma antropologia ecológica.” (pág.86)

Refletindo sobre a correria do dia-a-dia, a velocidade das mudanças tecnológicas, as virtuosidades, as incertezas, as desterritorializações, lembro Guattari, em seu livro “Caosmose- Um novo paradigma estético” (1993), argumentou sobre a possibilidade de usar o tempo “liberado pelo maquinismo moderno” em experiências de um novo “habitat individual e coletivo” produzindo vontade de mudança geral.

Concordando com o autor, penso que, ao empreender uma nova experimentação individual, conseqüentemente se produzirá rearranjos relacionais, assim minha subjetividade e a do outro serão alimentadas, recriadas:

“o que me há em mim me ama,  
mas este amor não me basta.  
fosse só ele e mesmo que fosse muito  
não haveria mais do que uma imensa solidão. (Laing)  
não posso ver os meus olhos  
a não ser através da imagem  
que o espelho da água me devolve.  
mas esta imagem muda, unidimensional,  
não é quem eu sou, porque não é viva.  
ela é somente a imagem  
que a luz do espelho me revela.  
eu só posso me ver plenamente  
quando reflito na luz do olhar de um outro.  
ali eu estou.  
e se ele me olha, eu me vejo como eu sou.

mas eu só posso me ver como sou  
- inteiramente-  
quando o olhar do outro em que eu me vejo  
refletir um gesto de amor. (Buber)  
pois só quando o outro reflete um rosto  
tomado de amor: o meu,  
o espelho do olhar do outro acende a luz  
em que eu me vejo claro e nu, como sou.  
não uma imagem, mas uma pessoa.  
o meu amor, não por mim,  
mas, em mim, através do outro  
é quem me devolve, em seus olhos,  
não o rosto do meu eu: a figura,  
mas o rosto de meu encontro com um outro:  
a pessoa.”

(Carlos Rodrigues Brandão,1998).

A partir dessa compreensão do Eu e Tu (Buber – 1974 e Brandão-1998), lembramos que o campo de interesse nesse estudo é a exploração sexual de criança e adolescentes, que tal fenômeno, o compreendemos, sendo vivenciado em relações sociais, constituindo-se em experiência inter-relacional, logo, precisamos dos referenciais teóricos citados, além de outras contribuições.

Uma contribuição indispensável de ser citada é de Maturana (2000), um chileno, que, quando estudante propagava, com seus colegas, o seguinte propósito: devolver ao país o que estavam recebendo dele. Tem a erudição de um Ph. D. em Biologia, mas trata com simplicidade categorias que pode nos ajudar:

“O humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional (...) não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato. Por isso penso também que, para que se desse um modo de vida baseado no estar juntos em interações recorrentes no plano da sensualidade em que surge a linguagem, seria necessária uma emoção fundadora particular, sem a qual esse modo de vida na convivência não seria possível. Esta emoção é o amor. O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência (...) a palavra amor foi desvirtuada (...) a emoção que ela conota perdeu sua vitalidade, de tanto se dizer que o amor é algo especial e difícil (...) o amor é a emoção que funda o social.” (pág. 23)

Escolho trabalhar com/no e pelo coletivo, o público, a justiça social, a amorosidade e uma possibilidade de maior pacificação, re-elaborando as discriminações, com convivências afetivas e solidárias; com muitas festas, compartilhando culturas, artes e pela sustentabilidade ecológica. Trabalhar por esse devir, aqui e agora!



Lembrando-nos dos referenciais de crianças e adolescentes descritos anteriormente, proponho que iniciemos a escalada. Iremos agora, profissionais e pesquisadores das áreas sociais, trilhar uma montanha que é conhecer as tramas das determinações do fenômeno social, manifestado como exploração sexual de crianças e adolescentes.

Proponho que para localizar esse estudo no campo das construções teóricas referentes à temática em questão, elaborar uma síntese conceitual acerca desse fenômeno.

Dentre os imbricados obstáculos que foram e estão sendo encontrados pelos adolescentes, familiares, trabalhadores, militantes e pesquisadores, há as superações, assim, buscaremos também, delimitar as propostas institucionais atuais conquistadas e em curso para o enfrentamento dessa questão.

Descrevi um relato da História de Vida de Lilás. Apontei algumas de suas singularidades. Trabalhei com a compreensão de que Lilás, cidadã, portadora de direitos, viveu em um determinado momento histórico e cultural. A proposta agora é construir uma reflexão, um distanciamento analítico para pesquisarmos a questão da exploração sexual de crianças e adolescentes, transcendendo a subjetividade, a singularidade, considerando a relação trans-pessoal inserida, produzida e produzindo um acontecimento público enquanto uma ação de mercado, histórico-cultural, conformando-se em um fenômeno social.

Ao pesquisar na literatura brasileira atual, percebi a utilização de vários termos referindo-se à questão da violência sexual e à exploração, tais como: maus tratos, vitimização sexual, violência doméstica, abuso sexual, prostituição-infanto-juvenil, exploração sexual comercial, entre outros.

Segundo Faleiros (2000 – pág. 4) o uso de variadas expressões acerca do tema em questão, revela uma dispersão, uma fragilidade conceitual:

“(…) a utilização de diferentes termos (…) não é apenas uma questão de terminologia, mas uma questão epistemológica, ou seja, revela a falta de rigorosa e clara conceituação da problemática”. O referido autor entende que tal situação se dá devido “a recente consciência, desvelamento e enfrentamento dessa problemática”. Escreveu ainda que sua dificuldade em realizar uma pesquisa conceitual “deu-se pela originalidade do tema, pois não foi encontrada nenhuma outra pesquisa similar”.

Os autores e atores que trabalham atualmente com a referida problemática estão utilizando a terminologia “exploração sexual”, concepção que vem sendo construída desde a CPI da prostituição-juvenil no Brasil em 1993, principalmente influenciada pelo construto teórico do Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, de 1990. Alguns autores, principalmente os que trabalham com referencial do materialismo histórico, acrescentam a palavra “comercial”:

“Definimos a ESCCA (exploração sexual comercial de crianças e adolescentes) como uma relação de mercantilização (exploração/dominação) e abuso (poder) do corpo de crianças e adolescentes (oferta) por exploradores sexuais (mercadores), organizados em redes de comercialização local e global (mercado), ou por pais, ou responsáveis, e por consumidores de serviços sexuais pagos (demanda ). (Leal – 2003, pág.7)

O termo “prostituição infanto-juvenil” tem sido usado popularmente, com maior frequência, porém é importante considerar que criança ou adolescente encontram-se em diferentes escalas de discernimento, de consciência de direitos, de maturidade psíquica, e ainda, condições estruturais usurpadoras que não lhes permitem optar. Assim, compreendo que não se trata de prostituição no sentido de opção enquanto trabalho, ou trocas financeiras, favores ou oferta de teto, comida ou “proteção” de outros grupos e atores, principalmente, em situação de rua. Concordo com os autores que sugerem a

utilização da terminologia “exploração sexual”, compreendida como uma violência que ocorre com desigualdades de condições e de poderes.

O tráfico de seres humanos (no caso de crianças e adolescentes), o turismo sexual, principalmente nas cidades nordestinas ou náutico nos rios do norte e centro-oeste do Brasil e a pornografia infantil são compreendidas como modalidades de exploração sexual, logo, segundo a legislação brasileira, são crimes.

Outra distinção necessária a ser feita é quanto ao termo abuso sexual:

“O abuso sexual constitui ato ou jogo sexual em que o adulto submete a criança ou o adolescente com a intenção de estimular-se ou satisfazer-se sexualmente, com ou sem consentimento da vítima, impondo-se pela força física ou ameaça nas classes de baixa renda e pela sedução nas demais classes, podendo variar desde a ausência de contato sexual (voyeurismo) até atos sexuais com ou sem penetração.  
(Vaz – 1997, pág.17)

Vários autores compreendem a questão da exploração sexual de crianças e adolescentes como um fenômeno social (Lamarão - 1997, Minayo - 2001, Azevedo -1998 e Leal–1999 e 2003). Com base nesse pressuposto compreende-se a problemática da exploração sexual de crianças e adolescentes como produzida pelos modos de relações sociais:

“Trata-se de um fenômeno complexo, cujas principais causas são sócio-econômicas e histórico-culturais. Dentre as primeiras, pode-se destacar: o desenvolvimento desigual das diversas regiões brasileiras, a má distribuição da renda, a pobreza, a migração, o acelerado processo de urbanização, a ineficácia das políticas sociais.”  
(Cecilia, 1997-pág.8)

É fundamental pesquisarmos as causas, denunciarmos esses crimes, mas já se faz necessário estudar também, as implicações da exploração sexual para as crianças e os adolescentes, as famílias e até para os vitimizadores, para a sociedade, entendendo-os como grupos sociais que se interrelacionam. É necessário, também, buscar entender as especificidades e inovações na manifestação do fenômeno nos dias atuais, para que

possamos elaborar propostas de política pública de enfrentamento à exploração sexual. Segundo nossas experiências recentes observamos que tal fenômeno não está sendo gerado nessas últimas décadas, mas está sendo reeditado, segundo mentalidades e forças estruturais contemporâneas:

“diversos estudos informam que adultos vêm utilizando crianças e adolescentes em suas práticas sexuais – com ou sem uso da força física – ao longo de todo o período histórico que vai da Antiguidade até a contemporaneidade (DeMause, 1974). Contudo, as definições de quais dessas práticas são socialmente aceitas e quais são sancionadas têm variado historicamente, de cultura para cultura, de sociedade para sociedade.” (Ippolito, 2003)

Avalio ser importante, quando pensamos em termo de Brasil, lembrarmos de nosso processo histórico e cultural. Alguns autores discutem o fenômeno da exploração sexual evidenciando os aspectos sociais; dentre eles, destaquei:

“A exploração sexual de crianças e de adolescentes tem de ser compreendida em suas determinações históricas. A formação econômica, social e cultural da América Latina, assentada na colonização e na escravidão, produziu uma sociedade escravagista, elites oligárquicas dominantes e dominadoras de categorias sociais inferiorizadas pela raça, cor, gênero e idade. O que deu origem a uma sexualidade machista, sexista, adultocêntrica, ainda vigente.” (Eva T. S. Faleiros, 2000, pág.18)

Concordando com as citações anteriores, acredito que seja importante refletir, não somente sobre as questões sócio-econômicas determinantes do fenômeno da exploração sexual, mas também sobre as mentalidades, os valores vigentes e as culturas nas quais estamos imersos.

O Ministério da Justiça e o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (Cecria), apontaram, em 1997, referindo-se às estratégias de enfrentamento da exploração sexual:

“Trata-se, pois, de uma profunda mudança nos valores da sociedade e que implica a superação do paradigma autoritário, patriarcal, machista, racista, vigente, sob o qual estão estruturadas as relações de gênero e da sexualidade no Brasil. Essa mudança passa também pelas relações familiares e pelas relações de poder existentes no âmbito das instituições.” (pág.4)

A minha experiência profissional, as observações das instituições, assim como a opinião de vários autores demonstraram-me o quanto é moroso e complexo quebrar e ou construir novos paradigmas (T. S. Kuhn- 1983), novos valores, novas mentalidades. Individualmente nos percebemos impotentes perante a complexidade e amplitude da construção e manutenção das mentalidades, mas enquanto integrantes de um grupo de trabalho, que é um pequeno ator nessa história, temos, no entanto, que perguntar: atualmente, quais são os atores que formulam, que ditam os comportamentos e mentalidades e, principalmente, quem, quais os grupos sociais que serão influenciados por essas mudanças? Avalio que são vários os atores que disputam concepções, mas dentre eles destaco o mercado, a mídia, que só priorizam seus interesses econômicos e a nossa mentalidade materialista já incorporada. Devemos destacar os contrapontos que os grupos das “minorias”, como os de mulheres, de homossexuais e militantes na área social defendem: além de suas causas específicas, militam por uma sociedade mais justa, com respeito aos direitos e diversidades, com inclusão nas políticas públicas das crianças e adolescentes.

Durante esse estudo, li várias bibliografias, dentre essas encontrei um texto que continha a fala de Gabriela Leite, presidente da Associação Nacional de Prostitutas do Brasil, em 1995. Por entender a relevância de seu papel e ineditismo de seu posicionamento, destaco um trecho:

“Em sã consciência, todas as pessoas na vida fazem opção. O leque de opções pode ser pequenininho ou grandão, mas todas as pessoas fazem opções. Tirar esse direito é uma maldade muito grande. Dizer que a prostituição é decorrente da pobreza, da desigualdade sócio-econômica, é de uma pobreza muito grande também.

A prostituição é muito mais complexa. Tem a ver com a questão de como a sociedade encara a sexualidade, os tabus com relação ao sexo, com a concepção cristã ocidental de que sexo é igual a amor, sexo sem amor é igual a animalidade, a fidelidade no casamento e a monogamia...” (Seminário sobre exploração sexual de meninas e adolescentes no Brasil, 1995, pág.27)

Essa opinião de Gabriela Leite mexe com algumas concepções, principalmente as histórico-estruturais, mas para mim ela amplia a reflexão porque coloca-se como sujeito, traz a subjetividade sua e da categoria que representa, põe o dedo na ferida da mentalidade machista, sexista e pseudo-cristã, levando-nos a pensar que o fenômeno da exploração sexual é construído socialmente e em determinada cultura.

Proponho, agora, pensarmos na dimensão de nosso país, com suas diferenças geo-políticas e econômicas; nas suas características culturais regionalizadas, com os processos migratórios historicamente instituídos; nesse momento de imbricação de veiculação de signos pela mídia com a resistência da moral instituída e as militâncias por valores emergentes; no poder do capital financeiro; na realidade das carências de habitação, de infra-estrutura urbana e da oferta de empregos. Assim, temos que lidar tanto com as idéias consumistas, como também, com os valores arcaicos. Tal contexto complexo nos faz apostar na importância das articulações de atores e movimentos; além da política do cotidiano nas escolas, em demais espaços públicos; e ainda, nas relações interpessoais e familiares.

Outro fator a ser considerado é a concepção de subalternidade das crianças e adolescentes, em alguns grupos sociais, o que propicia a adultos abusarem ou explorem as meninas e meninos. Deve-se pensar ainda sobre as transformações pelas quais vem passando a instituição família, tanto quanto aos costumes, valores, estratégias de sobrevivência e convivência social que ampliam a possibilidade das violências, entre elas da exploração sexual; além do fato, das crianças e adolescentes terem que conviver com as dificuldades financeiras, alcoolismo dos pais ou drogadição, troca de parceiros, perda de parentes ou vizinhos por violências externas, etc. Outra preocupação é com as dificuldades de diálogo, do exercício da responsabilização nos papéis de pais, do dar limites, do exercer a autoridade protetora nos cotidianos das famílias.

Na busca por uma compreensão do fenômeno da exploração sexual, avalio ser enriquecedor considerar os estudos que demonstraram a relação entre o abuso sexual e a exploração sexual:

“Estatísticas da ABRAPIA indicam que 58% dos casos de abuso sexual ocorreram dentro da família, geralmente cometidos pelo pai ou padrasto. Em muitos casos, o abusador era conhecido da vítima. Quando o abusador era a única ou principal fonte de renda, os membros da família eram relutantes ao fazer a denúncia de abuso às autoridades competentes, uma vez que colocaria em risco o sustento da família. Essas situações acabavam levando as vítimas a deixar a família e acabar nas ruas ou em condições mais precárias que as tornavam vulneráveis à Exploração Sexual Comercial.” (Relatório da ONU, 2003, pág.9)

Um dado preocupante observado nas grandes cidades é o número de famílias mono-parentais, cujas mães esforçam-se em suas duplas jornadas de trabalho (quando essas têm empregos) somado à figura masculina ausente, aumentando a vulnerabilidade relacional (menos tempo para a convivência e trocas afetivas) e de sobrevivência financeira. No estudo realizado em 2003 pela Prefeitura Municipal de Campinas, chamado “Mapa da Inclusão e Exclusão”, foi demonstrado que, nas ocupações tidas como as maiores da América Latina, do Monte Cristo e Oziel, cerca de 43% das famílias são chefiadas por mulheres, sendo ainda que 52% do total das famílias disseram que é zero o seu rendimento mensal.

Um outro aspecto a ser considerado é trazido por Rebouças, nosso colega integrante da equipe do projeto com meninas em situação de exploração, na cidade de Santos, o qual observou a força determinante do ambiente familiar para o aumento da exploração sexual:

“A cultura inter-geracional é outro fator dado que acarreta a exploração sexual relacionado à família (...) as avós e mães são trabalhadoras que vivem da comercialização do sexo, que é para elas a única fonte geradora de recursos financeiros (...) A prática da prostituição dos ascendentes familiares acaba sendo modelo econômico e cultural de vida para as crianças e adolescentes, que vão

crescendo nesse ambiente onde seus projetos pessoais já estão traçados por esse destino: ser uma trabalhadora do sexo ou prostituta. Claro que também dessa perspectiva de vida também faz parte encontrar um “príncipe encantado”, único capaz de alterar o destino dessas jovens, proporcionando-lhes amor e segurança para o resto de sua existência.” (Rebouças, 2004, pág.15)

A cultura do estímulo à genitalidade, a venda dos corpos e a comercialização de produtos estéticos vêm estimulando um marketing ao qual tem acesso as crianças e adolescentes de todos os extratos de poder de compra, até aqueles que estão abaixo da linha de pobreza, posto que nas favelas e ocupações existem televisores, os quais ficam sublimando no campo dos desejos (sublimando até quando? ou, dá para entender o número crescente de violências e explorados?). Vendem uma ilusão inacessível à grande maioria da população e veiculam imagens que excluem o fenótipo de grande parte de nosso povo de descendência africana e indígena, marginalizando pessoas que não são loiras, altas e magras como algumas apresentadoras de programa de televisão.

“A erotização, segundo Giddens, pode fortalecer nas sociedades machistas desejos que vão se internalizando de tal maneira, que é preciso descarregar esta energia erótica numa dada prática sexual, o que historicamente era realizada em prostíbulos, hoje existem outros estabelecimentos e formas sofisticadas, envolvendo crianças e adolescentes, como: a pornografia na Internet; o turismo sexual (folder, book, etc); os classificados de jornais e outros meios de comunicação, ligados em redes globalizadas do sexo, os quais se constituem em verdadeiros espaços de busca sexual e erotismo”. (Leal, 1999, pág.17)

Outro discurso que se soma à mentalidade atual é o da “Utopia da Saúde” ao qual se refere Madel T. Luz (2003), pontuando como determinada imagem de estética aparente vem também construindo um imaginário social:

“No universo simbólico da saúde contemporânea há um conjunto de representações relativas aos valores dominantes na sociedade, como o individualismo (a compreensão dos sujeitos como unidades pontuais autônomas), a competição entre os indivíduos como regra básica do

relacionar-se, o consumismo, entendo-se por este termo a disposição dos indivíduos para adquirir bens materiais ou simbólicos que possam diferenciá-los hierarquicamente dos outros indivíduos como objetivo do viver, o cuidado do corpo como unidade central (e muitas vezes única) delimitadora do indivíduo em relação aos outros, bem como de estratégias de valorização deste corpo para obter, a partir dele, dinheiro, status e poder. As estratégias dominantes concernindo essa valorização são basicamente estéticas e incluem representações e imagens corporais de juventude, beleza e vigor”. (Luz, 2003, pág. 98)

Ora, se destacarmos a questão da estética, do desejo de se manter jovem, da pretensa potência machista de se manter potente, podemos vislumbrar um dos estímulos à exploração de adolescentes. Quanto à exploração de crianças, penso ser mais complexo e necessário aprofundar mais nessa reflexão, pois sabemos das várias formas de impulsos sexuais, desejo de dominação, frustrações, projeções, perversões, das várias concepções morais e religiosas que compõem os diferentes grupos sociais. A reflexão sobre a “utopia da saúde” cabe mais para grupos com acesso à informação e de consumo. Nos grupos em que predomina o machismo, encontramos, por exemplo, os leilões de meninas virgens como fora denunciado por Gilberto Dimenstein, na região norte do Brasil. (Dimenstein, 1992)

Ampliamos as explicações do fenômeno, mas devemos ponderar também as condições de pobreza, como uma das determinações importantes da exploração sexual. Por exemplo, um dos sintomas são as condições de (des) habitação: a falta de espaços influencia as relações produzindo violências, dentre elas, a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes, a fome e os desejos materiais não satisfeitos.

Referindo-se ao Brasil, representante da ONU destaca essa relação entre condição econômica e exploração sexual:

“O Relatório de Desenvolvimento Humano de 2003 diz que “os 10% (dez por cento) mais ricos têm renda 70 (setenta) vezes maior que a dos 10% (dez por cento) mais pobres.” (Relatório da ONU, 2003, pág. 5)

Na tentativa de entender melhor a atual forma do fenômeno da exploração sexual, no que se refere às condições econômicas, devemos nos lembrar de que o Brasil tem seu próprio processo histórico, mas que o quadro que vivenciamos vem sendo construído e está inserido num contexto internacional, nomeado, segundo Milton Santos, de “globalizações”.

“De fato, o modelo de globalização de mercados expande a idéia do consumo como meio de inserção social, estilo de vida, status, que veicula através dos meios tecnológicos de comunicação e informação uma sociedade de marcas, onde a mesma vai buscar se identificar e fortalecer relações de discriminação de classe, de estilos urbanos e comportamentos socioculturais, capazes de despolitizar as diferenças e recriar respostas violentas e bárbaras para os conflitos.”  
(Leal, 2003, pág.9)

O quadro atual de pobreza, desemprego ou desestruturas familiares coloca as crianças e os adolescentes nas ruas para tentar suprir as necessidades financeiras que os adultos não conseguiram obter, mas são espaços desprotegidos e que podem levar à exploração sexual.

Além de terem que lidar com a pobreza material, muitos adolescentes têm que manejar a baixa imagem de grupo de pertencimento. As mídias locais, ao mostrarem as tragédias de determinadas regiões vão produzindo uma baixa auto-estima naqueles moradores. Constatei isso em várias situações, por exemplo, em reuniões com jovens que, ao se apresentarem, diziam ser moradores de tal bairro, mas “a gente somos de família de bem, a gente não somos marginal”. Em um dos centros de convivência do projeto “Rotas Recriadas”, localizado na região em que houve o maior índice de suspeitas e confirmações de exploração sexual em Campinas, uma das arte-educadoras responsáveis por aquele serviço priorizou dentre suas atividades um trabalho no qual as crianças e adolescentes visitaram as casas, uns dos outros, pois essa havia percebido que eles sentiam vergonha de suas condições de moradia, mesmo naquele grupo, sendo que todos estavam vivendo em condições semelhantes.

Proponho considerar, enquanto construção simbólica coletiva que influencia na exploração sexual, a forma e os espaços decisórios insuficientes que os governos federais e municipais vinham dando aos adolescentes e jovens; a força do capital financeiro oprimindo a democracia e gerando o desemprego e a falta de perspectiva para os jovens, a retração dos movimentos populares, do fazer política nos espaços públicos envolvendo as famílias, os jovens, para os quais vêm diminuindo o sentido de pertencimento desses enquanto sujeitos portadores de direitos (Sennett, 1999). A cultura do individualismo pode também explicar a busca somente da satisfação pela genitalidade, já que, em uma cultura de massificação, as experiências, as trocas afetivas, simbólicas, as consciências de classes, a participação em movimentos sociais estão em descrédito.

A falta de espaços públicos para convivência, o medo da violência, o empobrecimento das classes populares, dificultando o acesso aos espaços físicos de lazer, cultura e entretenimento, fazem com que as pessoas fiquem somente dentro de casa. Penso que tais fatos podem ser algumas das explicações para o alto índice de violência doméstica, a qual pode induzir para a exploração sexual. Observo, em Campinas, que os únicos pontos de encontros acessíveis nos bairros da periferia têm sido as igrejas ou botecos. Mesmo considerando algumas novas construções públicas viabilizadas pelo Orçamento Participativo da atual gestão municipal, o número desses equipamentos não poderia suprir a forma de crescimento da periferia que obedeceu à especulação imobiliária e às pressões dos sem-tetos, sem ter havido investimentos e planejamentos do governo municipal nas décadas anteriores.

Constato ainda o empobrecimento das classes com maior poder aquisitivo, quanto a possibilidades de relações em espaços de convivência públicos, abertos e seguros, de festas populares, de rituais, de trocas simbólicas. Impera o individualismo, o medo, o vídeo, o consumo nos “shopping centers” devidamente cercados e vigiados, o eu, a mídia e o mercado. Uma sociometria materialista, egoísta, com imediatismo pela satisfação do desejo pode explicar, estimular e viabilizar o uso e a venda do corpo da criança e do adolescente.

Chegamos ao extremo do valor de uma vida ser trocado por um par de tênis de “marca”, mas que pode ser falso; lembremo-nos ainda, de que esse sapato fora produzido em um país que explora os trabalhadores e é vendido com o logotipo de uma empresa multinacional, que investe em propaganda vendendo o produto como signo de “status” social, como sinônimo de “ser importante” e “vencer”. Já de outro ponto de vista, podemos pensar que hoje, dentre as perspectivas colocadas para um jovem, talvez atingir uma meta viável seja somente ter um par de tênis que logo ficará velho ou fora da moda.

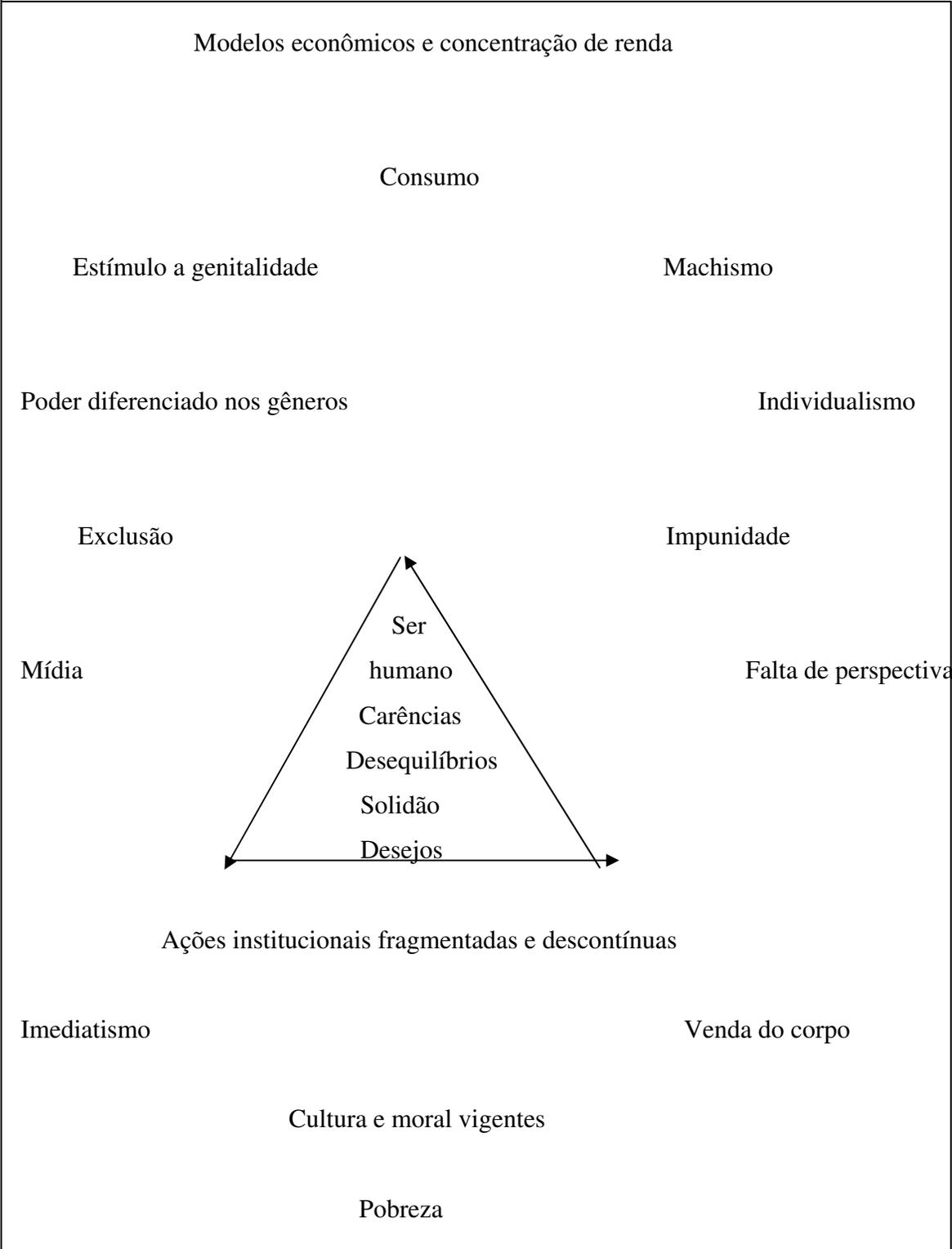
A questão do dinheiro para sobrevivência, das dúvidas quanto à identidade sexual e mudanças artificiais no corpo, para os adolescentes que estão no campo da exploração sexual é cruel. Obtive informações através de uma organização não-governamental de Campinas, cujo nome não pode ser explicitado para preservá-los, de que vários adolescentes, alguns com apenas 13 anos, aceitaram a colocação de silicone e tornaram-se trabalhadores escravos, pois o dinheiro que recebem diariamente não cobre as dívidas do implante, as quais vão se avolumando pelas “compras” de roupas sensuais, preservativos (que uma das cafetinas retirava de um serviço de saúde dos Sistema Único de Saúde – SUS gratuitamente), comidas e pouso nas casas de cafetinagem.

Outro aspecto a ser considerado para a compreensão da exploração sexual de crianças e adolescentes é a cultura da impunidade no Brasil, ficando os agenciadores, a cafetinagem e os exploradores agindo sem limites legais, repreensão e punição. À impunidade soma-se a tolerância social que não pressiona as autoridades públicas para mudança desse quadro. Há informações, cujos denunciantes pedem sigilo, de que algumas das casas de prostituição do Bairro Itatinga, em Campinas, tida como a maior zona confinada da América Latina, são de propriedade de pessoas influentes na cidade.

Uma observação: entendo as categorizações de que em nossa cidade temos a maior ocupação e a maior zona de prostituição na América Latina como uma das contradições a ser considerada pela equipe do ‘Rotas’, pois vivemos na terceira praça bancária do país e temos um pólo científico e tecnológico reconhecido internacionalmente. Penso que devemos considerar esses recordes, classificando-os como dois argumentos consistentes para justificar a existência de projetos de geração de empregos e de programas que lidem com as questões das violências, dentre elas, a sexual.

Por tudo que fora explanado, se considerarmos as determinações anteriormente citadas, os sofrimentos e graves repercussões na subjetividade dos explorados; além do caráter de ilegalidade, de envolver a privacidade das pessoas, a clandestinidade, as ocorrências serem dispersas, podemos classificar o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes de altíssima complexidade.

O esquema abaixo tem a intenção de sintetizar e melhorar a visualização da problemática da exploração sexual, demonstrando as várias determinações que caoticamente articulam-se entre si:



## **E a história continua:**

Após a atualização conceitual, a citação de algumas determinações da exploração sexual, precisamos agora focar as conquistas institucionais, pois no processo histórico mais recente não foram só obstáculos, houveram superações, conquistas de direitos e mudanças em concepções sobre as crianças e adolescentes.

Jorge e Laurenti (1988) explicitam dados históricos que colaboraram na institucionalização de direitos de crianças e adolescentes:

“A criança vem sendo objeto de preocupação e cuidados há não pouco tempo, em todo mundo. A Declaração de Genebra, em 1924, constituiu-se na primeira manifestação internacional em prol dos direitos dos menores de idade. Entretanto, foi cerca de trinta anos depois (1959) que a Organização das Nações Unidas (ONU) (...) estabeleceu os princípios relativos a essa proteção, que só vieram, todavia, a se concretizar em 1979. Este ano, declarado como o Ano Internacional dos Direitos Humanos da ONU, representou um marco quanto ao assunto, visto que trouxe à luz a Convenção dos Direitos da Criança, passo importante para a sua defesa, até mesmo do ponto de vista internacional.”(Melo Jorge e Laurenti- 1998 )

No bojo do processo histórico da abertura política após a ditadura militar no Brasil, ocorreram disputas ideológico-políticas que viabilizaram a Constituição Federal de 1988:

“Capítulo VII:

Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso

Artigo 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Parágrafo 4. A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.”

Importante localizar que, na mesma fase, em nível internacional, ocorriam as negociações que culminaram na Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas, a qual foi adotada em 1989, a mesma sendo ratificada pelo Brasil. Destaco a disposição:

“Exploração Sexual (art.34)

O Estado deve proteger a criança contra a violência e a exploração sexuais, inclusive a prostituição e a participação em qualquer produção pornográfica.” (Correio da Unesco, 1989)

Como regulamentação da Constituição Federal de 1988, foi promulgado o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, Lei n 8.069, de 13 de julho de 1990. Se analisarmos os artigos do ECA, dentre os vários problemas que foram abordados, encontramos trechos referentes à questão da exploração sexual de crianças e adolescentes:

“Art. 13: Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade sem prejuízo de outras providências legais.

Art. 87 – São linhas de ação da política de atendimento:

III – serviços especiais de prevenção e atendimento médico e psicossocial às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;”

Tendo informações sobre as atividades de organizações não-governamentais na área das mulheres, crianças e adolescentes e principalmente relacionadas a meninos de rua, no Dossiê “Crianças da Amazônia” com denúncias sobre exploração e tráfico de meninas escravas levaram o jornalista Gilberto Dimenstein a publicar reportagens no Jornal “Folha de São Paulo” e o livro “Meninas da Noite” em 1992. Levando em consideração toda essa circunstância e ainda reações contra o turismo sexual no nordeste (Faleiros-1997), realizadas na década de 1980; ao ler os artigos do ECA, avalio que a questão da exploração sexual não recebeu o destaque necessário, principalmente se observamos o Capítulo I “Dos Crimes” na Seção II- “Dos crimes em espécie”, no qual são previstos crimes como o tráfico para o exterior de criança e adolescente, defende-se o não uso da imagens com características pornográficas e define-se o horário adequado de programas de rádio e

televisão, etc. Não há detalhamento abordando o fenômeno da exploração sexual, o que pode nos dar um indício de que tal problemática não vem sendo valorizada, conhecida, denunciada, estudada e enfrentada como os sofrimentos dos explorados requerem.

O Brasil ratificou os principais tratados internacionais de direitos humanos, nos quais estão previstos atenção e relevância aos problemas que envolvem as crianças e adolescentes. Cabe destacar que segundo Código Penal Brasileiro (Art. 224) reconhece a exploração sexual de criança e adolescente é reconhecida como crime, entretanto, acaba não atingindo o núcleo da questão:

“O Código Penal tem algumas provisões obsoletas datadas de antes de 1940. Por exemplo, crimes sexuais são considerados crimes contra os costumes e não contra a pessoa (...) o sistema de apresentação de evidências do procedimento penal em casos de abuso sexual e exploração é inadequado e favorece o criminoso”. (Relatório da ONU, 2003, pág.11).

No Brasil, o caráter de investigação cabe à Polícia Civil enquanto ação criminal. A Polícia Militar tem como missão manter a ordem pública. Mas é freqüente observarmos que os jornais anunciam a corrupção e o envolvimento da polícia com as redes de exploração sexual. Do ponto de vista legal, temos ainda uma concepção limitante:

“Em casos de abuso sexual, os promotores públicos podem mover uma ação pública incondicionada somente se o ato de violência deixar marcas no corpo da vítima (violência real). Se não há sinais de violência ou violência real, o caso pode ser processado uma vez denunciado pelos pais ou responsáveis legais da criança vitimizada.” (Relatório da ONU, pág.12).

Enquanto ação do Eixo Fiscalizar, sobre o qual discorrerei posteriormente, realizamos reuniões propondo ações conjuntas de enfrentamento à exploração sexual com os Conselhos Tutelares, com representante da Polícia Militar, com a Vara da Criança e Juventude, com Promotores Públicos e observei com clareza suas limitações de atuação e a complexidade de se tentar agir em rede.

Em um documento oficial do Ministério da Justiça, denominado “Políticas Públicas e Estratégias contra a exploração sexual comercial e o abuso sexual intra-familiar de crianças e adolescentes”, de 1997, encontrei a seguinte citação:

“As ações do executivo, do legislativo, e do judiciário em relação a essa problemática são incipientes, tímidas e pouco efetivas. A não priorização deste problema pelo governo evidencia-se em nível orçamentário. Existe uma falta de clareza e indefinição do Executivo (Ministério e outros órgãos, nos níveis federal, estadual e municipal) quanto a seu papel no enfrentamento da questão. Verifica-se a ausência de um plano estratégico articulado de ações, o que provoca: mudanças constantes nas estratégias, programas e financiamentos; descontinuidade na aplicação de recursos; programas “alternativos”, ações isoladas, fragmentadas, pontuais, descontínuas, imediatistas, ao sabor das urgências. Não há universalidade no atendimento. Falta acompanhamento e avaliação das ações. Se por um lado, há um consenso de que as ações preventivas passam pela família, mas não se tem clareza metodológica do trabalho a ser realizado.” (pág.9)

Retornando às conquistas nas esferas públicas, em 1997, o Ministério da Justiça- Departamento Nacional da Criança e do Adolescente e o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Criança e Adolescentes realizaram uma oficina inter-ministerial e propuseram um plano de ação. Dentre as estratégias propostas, apontaram a descentralização, a regionalização, a municipalização das ações com espaços para atendimento, mas também prevenção, articulação com as famílias, com o território e a cultura local. (CECRIA, 1997, pág. 12)

Considero que o plano foi importante por reconhecer oficialmente a problemática da exploração sexual e iniciar a proposição de ações. Porém ressalto que suas propostas eram genéricas e pensadas de forma centralizada, coerentemente por ter sido elaborada por atores do governo federal . Um exemplo das ações macro foi a proposição da construção de um banco de dados nacional; concordo com a necessidade, mas uma vez diagnosticada a exploração, qual seria o encaminhamento para o cuidado e proteção das crianças ou adolescentes explorados?

Permitam-me fazer uma extensa citação do plano acima, pois o diagnóstico naquele período, há poucos anos atrás, dá-nos referências para pensarmos tanto, o momento atual, quanto para estratégias de enfrentar à exploração sexual.

“De acordo ao paradigma dominante a estratégia que se tem adotado predominantemente é a do binômio denúncia / repressão. A ação é focalizada em casos isolados e voltada a atacar, pontualmente, algumas situações flagrantes de abuso ou exploração, com digitação dos “maus elementos” como se a sociedade fosse boa, moral, civilizada, respeitosa da cidadania. É o pouco que se faz, mas é o que atrai a atenção da mídia e da sociedade, constituiu-se em marketing político e responde aos valores autoritários e repressivos vigentes...

É necessário além da denúncia e da repressão, da responsabilização, a formulação de uma política de atendimento às pessoas vitimizadas, suas famílias e aos agressores, que é da competência dos Estados e municípios. Esta política envolve não só os setores de saúde, educação, assistência, onde devem ser feitos diagnósticos, pesquisas, e, principalmente, a intervenção profissional, mas também a Justiça, numa perspectiva de rede. A rede de atendimento ainda é insuficiente e mal estruturada no Brasil. Não há definição de uma política de redes e nem resolutividade no atendimento aos vitimizados e agressores. Por outro lado, talvez a política mais importante seja a prevenção”. (CECRIA, 1997, pág.5)

Para oferecer mais dados históricos, cito que, dentre as entidades e ações desenvolvidas contra os maus tratos de crianças, Ippolito fez a seguinte observação:

“ao que tudo indica o Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância – CRAMI de Campinas (SP) foi a primeira agência a ser criada no Brasil, em 1985.”(Ippolito,2003, pág. 19).

Cabe pontuar que a referida entidade participa do projeto Rotas Recriadas, mas que em Campinas não ocorreu ampliações das ações nas décadas posteriores.

Com o objetivo de ampliar o entendimento sobre a problemática da exploração sexual, concordo com a Convenção 182 da OIT, que dispõe, dentre outras questões, sobre a “prostituição” como sendo uma das piores formas de trabalho infantil. O Brasil ratificou tal convenção, em 02 de fevereiro de 2000.

Após breve contextualização histórico-político e jurídica, para a proposição de uma política de enfrentamento à exploração, seria ideal partir de um diagnóstico das determinações, das características do fenômeno e até mesmo um diagnóstico quantitativo. Porém, como já referido, devido às suas peculiaridades e à inexistência de serviços de cuidado e proteção ou de sistema de informação, não obtive dados precisos e fontes com seriedade histórica quanto a dados nacionais. Mas obtive informações de que alguns autores apontam estar havendo um aumento significativo dos casos de exploração sexual de crianças e adolescentes, no Brasil, para termos um parâmetro, um texto de 1997 afirma:

“O Brasil é o primeiro país em prostituição infanto-juvenil na América Latina, com 500 mil meninas nesta atividade, segundo dados da CPI que investiga a prostituição nesta faixa etária (...). Ao nível internacional, o Brasil só perde para a Tailândia (...). Não obstante toda a miséria da Índia, cuja renda per capita é de US 359, e seus mais de 863 milhões de habitantes, o país ostenta uma cifra modesta, se comparada à brasileira ou tailandesa, de prostitutas mirins: 400 mil. Convém lembrar que a população do Brasil não chega a atingir 150 milhões de almas e que sua renda per capita é de US 2.400 (Dimenstein, 1993, p.3-12). Mais uma vez, fica patente que a pobreza não responde inteiramente pela prostituição em geral e, em particular, de menores. Traços específicos das distintas culturas nacionais pesam, obviamente, na determinação deste fenômeno.” (Saffioti, 1997)

O Relatório da ONU, construído a partir de uma visita do Relator Especial da ONU, sobre a venda de crianças, prostituição infantil e pornografia infantil, Sr. Juan Miguel Petit Addendum, que ocorreu entre 03 a 14 de novembro de 2003, cita:

“A dificuldade em quantificar a Exploração Sexual Comercial de Crianças é evidente, principalmente devido à disparidade nas estimativas que são dadas por diferentes fontes que variam de 100.000 a 500.000 casos”.

Resumindo informações de vários textos, podemos citar que as meninas estão sendo vitimizadas em maior número, porém o número de meninos vem aumentando. Dentre as meninas exploradas, observou-se que em sua maioria são pobres, negras, analfabetas ou com poucos anos de escolarização. Porém, há relatos de que o número de adolescentes de classe média vem aumentando, exploram-se para consumo de drogas, roupas, etc.

Em Campinas não havia dados oficiais sobre a incidência de exploração sexual de crianças e adolescentes, sendo que um dos objetivos que temos no Projeto Rotas Recriadas é implantar um Sistema de Informação e Acompanhamento.

Sobre a idade com a qual as meninas vêm enfrentando a questão da exploração sexual, Leal (1999) afirma:

“A faixa etária das meninas varia de acordo com as cidades pesquisadas, conforme quadro abaixo:

<b>Cidades / Estados</b>	<b>Faixa etária feminina</b>
Distrito Federal	10-17
Belém / PA	07-18
Várzea Grande / MT	Acima de 12
Cuiabá / MT	-
Poconé	12
Salvador	05 -12

Obs: As pesquisas demonstram que nas cidades de Poconé, Várzea Grande e Cuiabá/MT foi identificada a presença de meninos em situação de exploração sexual, porém não especifica a faixa etária. A pesquisa de Mato Grosso também não apresenta a faixa etária das meninas.” (Leal, 1999, pág.22)

Nas duas gestões do Presidente Fernando Henrique Cardoso, o que houve de mais concreto foi a elaboração do Plano de Enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes pelo Ministério da Justiça, com a colaboração do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes – CECRIA, em 1997.

A mobilização social na década de 90, as experiências municipais de governo do campo democrático que priorizaram as questões referentes à criança, estudos acadêmicos, os esforços da implementação do Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, as constituições e experiências dos conselhos tutelares, as ações de organizações não-governamentais e os fatos reais, as denúncias conseguiram dar visibilidade e disputar para essa questão a agenda política do governo federal que tomou posse em 2003. Em 2002 foi eleito um governo federal, sobre o qual foram depositadas muitas expectativas sociais.

“Em seu primeiro encontro com seus ministros em 8 de janeiro de 2003, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva estabeleceu que a luta contra a Exploração Sexual seria uma das prioridades de seu governo. Essa foi uma decisão louvável em termos de compromisso político, sem precedentes na história do Brasil e única no mundo”.

(Relatório da Onu, 2003, pág. 5)

Em maio de 2003, foi criada a Comissão Interministerial de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-juvenil, sendo constituída por representantes da Assistência Social, Cultura, Direitos Humanos, Educação, Relações Exteriores, Saúde e Turismo.

Alguns atores que vinham articulando projetos voltados aos meninos de rua, às mulheres passam a contribuir e trabalhar no Governo Federal, trazendo propostas e ações. Um dos exemplos foi a elaboração do “Guia Escolar - Métodos para Identificação de sinais de abuso e exploração sexual em crianças e adolescentes,” editado em 2003.

Em 10 de maio de 2004, foi divulgado o relatório “Um Brasil para as Crianças e Adolescentes”, elaborado pela Rede de Monitoramento Amiga da Criança. Os dados nele contidos informam sobre as perspectivas atuais no âmbito federal:

“No total, o orçamento do Plano Presidente Amigo da Criança e do Adolescente estima, para o período que vai de 2004 a 2007, um investimento da ordem de R\$ 113,8 milhões, cerca de R\$ 28 milhões por ano, contemplando o seguinte conjunto de iniciativas:

- implementar ações como objetivo de combater a exploração sexual, em especial a implantação de rede de centros especializados de atendimento às crianças, aos adolescentes e às famílias em situação de violência sexual, priorizando a instalação nas regiões identificadas como rotas de tráfico e fronteiras com outros países, bem como em outros pontos de exploração sexual e comercial de crianças e adolescentes;

- realizar campanhas de prevenção ao abuso e à exploração sexual;
- manter os serviços de recebimento e encaminhamento de denúncias; e,
- capacitar os agentes participantes do sistema de garantia dos direitos de criança e adolescentes no combate à exploração sexual infantil”.

A partir do contexto delineado, penso que é necessário perguntarmo-nos se essa problemática é reconhecida pelo Estado, de fato, enquanto um problema. Como que nas estradas, nas ruas, nas instituições sociais a exploração sexual é diagnosticada, priorizada e enfrentada? Assim sendo, devemos também, defender políticas públicas de enfrentamento à tal questão. Sendo assim, algumas das perguntas centrais desse estudo são: é estratégico se ter um projeto municipal de enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes? Qual deve ser sua concepção? Qual é a governabilidade, a potência de intervenção, a “resolutividade” dos cuidados e ações de proteção? Sendo mais realista, pergunto, é possível qualificar a vida dos explorados sexualmente através de ações de um projeto municipal de enfrentamento às explorações sexuais de crianças e adolescentes?

A pesquisadora sobre a temática da exploração sexual, Maria Lúcia Pinto Leal, cita que o movimento realizado pelas organizações não-governamentais, conselhos de direitos, centros de defesa, fóruns e movimento de mulheres, desde a década de 90, conseguiu colocar na pauta da política nacional a necessidade do enfrentamento da violência sexual. Aponta, em um texto de 1999, mas que ainda se faz atual, no contexto nacional, sem desconsiderar as últimas ações descritas do Governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva:

“A questão de fundo é que o processo de incorporação das necessidades sociais e culturais das crianças e dos adolescentes, ainda são respondidas pelas instituições através de programas e projetos isolados, não se constituindo em políticas públicas, onde recursos financeiros, capacitação, controle e desempenho são considerados no planejamento das políticas sociais do governo e municípios.”  
(Leal, 1999, pág. 19)

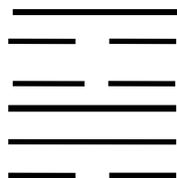
Esses trechos anteriores, penso que comprovam, em certa medida, a justificativa dessa tarefa que espero cumprir com esse estudo, que é estudar a exploração sexual de crianças e adolescentes, buscando enriquecer as reflexões através das contribuições de novos referenciais e registrar a implantação de um projeto de intervenção inter-setorial e inter-disciplinar.

Pois bem, escalamos a montanha. Esse trajeto não poderia ter sido muito agradável, posto que a natureza do assunto é muito complexa, triste e cruel.

O domingo se fez, presenteando-nos com uma quente noite de primavera, de lua cheia. Daqui há uma semana ocorrerão as eleições municipais que muito interferirão na continuidade do Projeto Rotas Recriadas, por tudo isso, proponho um simples respiro...

Olho para a estante de livros e um oráculo chinês leva-me até ele. Para minha surpresa, encontrei o hexagrama 18 que traduz esse processo da compreensão da problemática em estudo. I Ching – O livro das Mutações, “surgiu no período anterior à dinastia CHOU (1150-249 AC)”. Jung, no prefácio, apresenta-o como um método de explorar o inconsciente.

**“18- KU / Trabalho sobre o que se deteriorou**



Acima KÊN, A QUIETUDE, **MONTANHA**

Abaixo SUN, A SUAVIDADE, **VENTO**

O ideograma chinês Ku representa uma tigela em cujo conteúdo proliferam vermes. Isso significa o que se deteriorou. Isso ocorreu porque a suave indiferença do trigramma inferior uniu-se à rígida inércia do trigramma superior, resultando em estagnação. Como isso implica em culpa, tal condição exige a remoção da causa. Por isso o significado do hexagrama não é simplesmente “o que se deteriorou” e sim **Trabalho sobre o que se deteriorou.**

### **Julgamento**

Trabalho sobre o que se deteriorou tem sublime sucesso.

É favorável atravessar a grande água.

Antes do ponto de partida, três dias,

Depois do ponto de partida, três dias.

Aquilo que se deteriorou por culpa dos homens pode ser pelo seu trabalho restaurado. O que levou a esse estado de corrupção não foi um destino imutável, como na época da Estagnação, mas sim o uso abusivo da liberdade. O trabalho visando à melhoria das condições é promissor, pois está em harmonia com as possibilidades do momento. O homem não deve recuar amedrontado diante do trabalho e do perigo – simbolizados pela travessia da grande água -, e sim empenhar-se nele com energia. O sucesso, entretanto, depende de uma deliberação correta. Isso está expresso nas frases “Antes do ponto de partida, três dias”, “Depois do ponto de partida, três dias”. Deve-se conhecer as causas da deterioração para então se poder afastá-las; por isso é necessário cautela no período que antecede o ponto de partida. Depois deve-se cuidar para que o novo caminho seja iniciado com segurança de maneira a evitar retrocesso. Por isso a cautela é importante também depois do ponto de partida. A indiferença e a inércia que provocaram a deterioração devem ser substituídas pela decisão e energia, para que após o final surja um novo começo.

## **Imagem**

O vento sopra na base da montanha: a imagem da Deterioração.

Assim o homem superior agita os homens e lhes fortalece o espírito.

Quando o vento sopra na base da montanha, é por ela rechaçado. Tal movimento danifica a vegetação, o que torna necessário melhorias. Assim também, atitudes e hábitos aviltantes levam a sociedade humana a deteriorar-se. Para eliminá-los, o homem superior deve regenerar a sociedade. Seus métodos devem se derivar também dos dois trigramas básicos, mas de modo a que seus efeitos se desenvolvam numa seqüência ordenada. O homem superior deve remover a estagnação sacudindo a opinião pública, assim como age o vento sacudindo tudo para, em seguida, fortalecer e tranquilizar o caráter dos homens – assim como a montanha oferece tranquilidade e alimento a tudo que vive ao seu redor. ”(I CHING, 1987, pág. 76 / 77 – Trad. Richard Wilhelm)



**O que nasce  
nasce do fundo  
aflora em olhos  
d'água**

**Percorre**

**Teu corpo**

**Mãe**

**terra**

**marca-te**

**nutre**

**a todos**

**tornamo-nos**

**nuvens**

**Josely Rimoli**

Do pulsar da Vida, das dores da Lilás e de tantas outras, das reações perante as injustiças e crimes, das paixões, das disputas, das conquistas, dos direitos, surgiu uma pequena nascente, cujas águas pretende-se que tracem rotas, recriem outras vidas, rios e chuvas, para que crianças-sementes-adolescentes sejam regados, com direitos e delicadeza.

Quando e como nasce o projeto “Rotas Recriadas”? Quais os atores e em que contexto se deu a concepção desse projeto? E qual sua conformação? A constituição de sua equipe? Nas páginas seguintes buscarei responder tais perguntas, com a intenção de transcrever o aprendizado ocorrido nesse processo.

Antes, porém, penso ser relevante para construção de conhecimento sobre metodologias sociais, iniciarmos a descrição do processo de concepção e implantação do projeto “Rotas Recriadas”, refletindo o onde, o *locus*, *que* se encontrou os olhos d’ água.

Aprendi que é aqui, na nossa terra, no município, o *locus* privilegiado de se conformar as políticas públicas, pois aqui vivemos e exercitamos nossa cidadania. Dentre os vários exemplos das histórias das políticas municipais observei o quão fecundo é o espaço geo-político de uma cidade. Trata-se da instância com possibilidade de formulação de planejamentos descentralizados que considerem as características sócio-culturais e institucionais, o que provavelmente potencializará a gestão para o enfrentamento de questões sociais.

Ao recordarmos experiências de gestões municipais brasileiras, podemos aprender com os exemplos de inovações, como, por exemplo, a proposta de (des)hospitalização psiquiátrica iniciada em Santos-SP, em 1989, período no qual David Capistrano foi secretário municipal de saúde; ou ainda, com a diretriz de acolhimento nos centros de saúde implantada em Belém-MG.(Franco,2003)

Aprendi ainda, que a produção de conhecimento também tem no âmbito municipal um campo fértil, como exemplifica o livro “O Trabalho em Saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano”, que contém produções acadêmicas a partir de experiências ocorridas em Belo Horizonte-MG, Betim-MG e Campinas-SP.(Merhy,2003)

Tais argumentações sobre as contribuições de experiências locais podem nos exemplificar uma estratégia para a implantação de um programa, o qual pode ser compreendido como a tradução de um modelo técnico-operacional, que através da oferta de ações, dá concretude a uma política pública.

Ora, além de refletir sobre a potência de ações no nível municipal, o nascimento do projeto “Rotas Recriadas” ter ocorrido no município de Campinas, leva-nos a perguntar: Por quê essa cidade foi escolhida? Você saberá ao ler o relato da “trilha” que vem logo a seguir.

### **O Encontro de Rotas**

No início da gestão do Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, em 2003, espaços importantes foram ocupados por atores vindo do campo democrático, o que ocorreu também, na estatal Petrobrás.

Dentre os projetos existentes na Petrobrás, havia o “Siga Bem Caminhoneiro”. A nova equipe propôs o “Siga Bem Criança”, com a intenção de orientar os financiamentos da referida estatal para fins sociais e também, devido ao diagnóstico de que os caminhoneiros são “clientes” nas diversas rotas nacionais da exploração sexual. O Projeto Siga Bem Criança tinha os seguintes objetivos:

“\* Fortalecer e ou criar condições para que as crianças e adolescentes exploradas sexualmente, possam ter uma rede de proteção para alternativas saudáveis de trabalho e de vida em geral;

\*Orientar políticas sociais e apoiar a necessidade de integração das políticas voltadas para a inserção das crianças e adolescentes e de suas famílias;

\* Criar espaços de experimentação para novas oportunidades de trabalho e de renda;

\* Criar condições de protagonismo social de adolescentes e jovens que vierem participar dos projetos.” (Ippolito, mimeo, 2004)

Para a implantação do “Siga Bem Criança”, foi utilizado o critério de se investir na implantação de uma experiência em cada região do Brasil, porém, tendo em vista as carências e denúncias ocorridas no norte e nordeste, haveria o dobro do número de projetos naquelas regiões. Foi ainda utilizado o conhecimento das principais rotas existentes, seus meios de transporte e especificidades regionais. Trabalhou-se com a estratégia de sobrepor uma rede de intervenção às rotas de turismo sexual litorâneo, principalmente, no nordeste; ao tráfico de seres humanos, dentre eles, de crianças e adolescentes; ainda foi proposto realizar intervenções pontuais próximas às rotas hidroviárias do norte, entroncamento de grandes rodovias e regiões de fronteiras internacionais.

Um outro critério de escolha para a proposição de parceria técnica foi a competência técnica-política de formulação e implantação para desenvolver metodologia de enfrentamento à exploração sexual. Foram escolhidas organizações não-governamentais, universidades, secretarias estadual ou municipais, devido às suas experiências com programas de intervenção na área da criança ou violência sexual.

Foi escolhido como um dos parceiros técnicos do “Siga Bem Criança”, o Centro de Defesa de Belém-PA. Como citado inicialmente, as denúncias realizadas em 1992 chamaram a atenção nacional e de várias entidades internacionais preocupadas com os direitos humanos sobre as questões de exploração sexual, as quais tiveram em trabalhos protagonizados, por exemplo, pelo Padre Bruno, [com meninos em situação de rua, do projeto República de Emaús], a visibilidade do problema e as primeiras ações de proteção.

O Centro de Defesa de Manaus-AM também foi selecionado para efetivação da proposta. Naquela região há além da pobreza, o isolamento no interior do estado, fazendo com que haja exploração nos barcos e embarcações, e ainda, a crise de mercado enfrentado pela Zona Franca de Manaus, que causou muito desemprego, fazendo com que as crianças fossem para as ruas ganhar seus sustentos e de suas famílias. Lembro ainda, das informações sobre ser uma importante rota de tráfico de drogas, pelo fato de estar próxima à Bolívia.

A Universidade Estadual do Piauí também fora convidada para participar do projeto para atuar em quatro cidades. Além da pobreza de parte significativa da população daquele estado, que predispõe as crianças e adolescentes à exploração sexual, observou-se a

migração de jovens para o turismo sexual nas principais cidades da costa marítima do nordeste.

Considerando que há trabalhos reconhecidos referentes à exploração sexual em Salvador e Recife, foi convidada a participar do projeto “Siga Bem Criança”, a Prefeitura Municipal de Aracajú. Além da conhecida má distribuição de renda daquele estado, nos últimos anos, tem-se observado a permanência do antigo padrão de prostíbulos, nos quais escravizam adolescentes como demonstrado na pesquisa de Vaiz (1995, pág.45) e, ainda, vem-se constatando o início do turismo sexual.

O Relatório da ONU (2003, op.cit), notícias da imprensa loco-regional e outros apontaram o estado de Goiás como uma das principais regiões onde ocorrem tráfico internacional de mulheres e adolescentes, por isso e pelos trabalhos já realizados na área da criança, foi convidada a Universidade Católica de Goiás para ser também um parceiro técnico no projeto “Siga Bem Criança”, desenvolvendo ações em Goiânia e em mais três cidades.

A construção da hidroelétrica de Itaipu desencadeou processos que produziram impactos sociais e ambientais. Um grande contingente de homens imigrou para aquela região em busca de trabalho na construção civil, processo esse que gerou a prostituição e, posteriormente, a exploração sexual. Cabe lembrar que Foz do Iguaçu está próxima às fronteiras, por onde também há tráfico de armas e drogas. Nessa cidade, há uma organização não-governamental, Programa de Atenção à Criança e Adolescente em situação de Exploração Sexual Comercial, que já trabalhava com a referida problemática e também foi escolhida para participar do projeto “Siga Bem Criança”.

A sétima parceria técnica do projeto “Siga Bem Criança” fora proposta para a Prefeitura Municipal de Campinas, SP. Um dos critérios de escolha fora à existência do Projeto Iluminar, que se propõe a cuidar das vítimas de violência sexual. Há ainda dados do contexto da cidade que justificam tal escolha, como descreverei posteriormente.

Para finalizar a explicação sobre o projeto “Siga Bem Criança”, esclareço que as propostas das várias cidades são singulares, segundo suas características locais, assim são diferentes entre si, assemelham-se quanto às necessidades de capacitar pessoal e oferta

de apoio jurídico, sendo que todas visam o cumprimento do Estatuto da Criança e Adolescente.

A equipe da Petrobrás disse em uma reunião com os parceiros técnicos, ocorrida em Brasília, no dia 18 de março de 2004, na qual estive presente, que trabalhava com a pretensão de transcender as disputas locais para a criação de uma tecnologia nacional, posto que se tem discernimento sobre a fragilidade das experimentações ou ações pontuais existentes para o enfrentamento da exploração sexual. A estratégia era implantar experiências locais, com a perspectiva de tornarem-se Pólos Regionais. Os pólos constituiriam redes estaduais, as quais formariam a rede nacional.

O relato das informações, acima citadas penso ter respondido em partes, o porque ter nascido em Campinas o projeto “Rotas Recriadas”, quais os atores e instituição proponente.

Lembrando que um dos objetivos dessa pesquisa é tentar discernir o “como”, entendendo-o enquanto uma construção de metodologia social que visem o enfrentamento da exploração sexual no âmbito municipal, darei um enfoque especial, à descrição dos processos, às formulações e reflexões que constituíram a concepção e implantação do projeto ‘Rotas Recriadas – Crianças e Adolescentes livres da exploração sexual’. Além de tentar demonstrar as tramas das forças em disputa, as redes de serviços públicos implantadas, com seus respectivos profissionais, as necessidades das crianças e adolescentes e as rotas de prostituição informalmente conhecidas.

### **Campinas e suas rotas**

O município de Campinas faz parte da segunda maior região metropolitana do estado de São Paulo. É a terceira praça bancária do país, sendo um pólo tecnológico, industrial e acadêmico com suas três universidades. Por localização geográfica, situa-se na região sudeste, em ponto estratégico de contato com todas as regiões do país; por essas redondezas passa parte significativa da produção agro-industrial nacional, através de um entroncamento de importantes rodovias, como a Bandeirantes, D. Pedro, Anhanguera, Santos Dumont. Porém, por essas estradas há indícios de que junto com as cargas, também,

alguns caminhoneiros transportam jovens e adolescentes, que além de serem exploradas sexualmente, chegam a engravidar sem saber quem é o pai da criança.

Nossa cidade possui ainda, um aeroporto internacional com trânsito intenso de cargas e de muitas pessoas, principalmente de executivos e técnicos. Essa via aérea também poderia ser rota do tráfico de seres humanos?

Campinas concentra ainda, com seus um milhão de habitantes, muitos problemas sociais e urbanos. Essa cidade agro-industrial, de tendência tecnocrática, de grande dimensão territorial e financeira, é cenário, onde os protagonistas tradicionais de uma elite e uma mídia conservadoras contracenam com os muitos consumidores, com os muitos trabalhadores, com representantes de movimentos sociais e milhares de excluídos.

Para entender um pouco da dinâmica desse município, em sua historiografia mais recente, tenho que destacar um fato marcante que foi o assassinato do Prefeito Toninho em 2001, do Partido dos Trabalhadores, sem ter sido esclarecido o crime até a presente data. Na edição de setembro de 2003, no mês em que se fazia dois anos do assassinato, a Revista Caros Amigos publicou uma reportagem mostrando outras redes, outras rotas de atores, demonstrando como os traficantes, delegados, policiais, deputados, médico legista trançavam seus “podres poderes”:

“A passagem da CPI do Narcotráfico por Campinas, (em novembro de 1999), conferiu à cidade mais industrializada do interior de São Paulo e um dos principais pólos tecnológicos do país o triste título de centro logístico e financeiro do crime organizado: do tráfico de drogas ao roubo de cargas, passando pela lavagem de dinheiro.”(Rev. Caros Amigos, 2003)

Trabalhávamos em um cenário municipal perplexo e momento político complexo, por saber das existências dessas “forças” que agiam fora da institucionalidade. Com quais esquemas de crimes organizados estaríamos nos defrontando? Qual a conformação da cartografia de exploração sexual dos micro-esquemas? Quantos e como eram os crimes de exploração sexual a serem diagnosticados? Quais eram os perfis dos atores de violência e ou dos criminosos? As áreas de maior vulnerabilidade onde estariam?

Quantas eram, quais suas demandas e quem seriam as crianças e adolescentes que estavam sendo explorados?

Considerando a realidade do delimitado momento, as respostas à essas perguntas já seriam informações que iriam constituir um diagnóstico da exploração sexual em nosso município, sendo que tal contribuição seria um dos objetivos a serem atingidos pelo projeto “Rotas Recriadas”. Tendo que lidar com a condição real, elaboramos a proposta inicial do “Rotas Recriadas” sem ter diagnóstico dos casos de exploração sexual, tampouco sabíamos do desenho das redes e da sobreposição das rotas dos crimes organizados e dos pequenos aliciadores, mas sabíamos que estávamos entrando em campo minado.

O convite foi feito pela equipe da Petrobrás aos gestores da Prefeitura Municipal de Campinas, em novembro de 2003, assim o aproveitamento da oportunidade aberta pela possibilidade de financiamento logrou instituir uma nova prioridade dentre as ações do Plano Municipal da Infância e Juventude. Os assessores municipais elaboraram rapidamente uma proposta que continha as seguintes intenções:

- estimular o protagonismo das crianças e dos jovens, com implantação de espaços para a realização de oficinas das diversas linguagens artísticas e introdução à Cultura Popular; desenvolver oficinas de geração de renda nas regiões mais vulneráveis; fazer os primeiros contatos e dar orientações aos adolescentes através da Trupe do Encantamento com artistas circenses em carro estilizado;
- implantar as ações do “Tô Legal” para os adolescentes, como objetivo de cuidar da auto-estima, promover a saúde, oferecer atividades esportivas e corporais. Oferecer oficinas de teatro e psicodrama, com o objetivo de propiciar espaços de expressão e de apoio, quando necessário encaminhar para psicoterapia. Realizar rodas de conversa sobre educação sexual e autos cuidados;

- sensibilizar, informar e capacitar os profissionais das secretarias municipais e de instituições que trabalhassem nas regiões sobre as questões de exploração sexual;
- elaborar ficha de notificação compulsória e divulgação dos dados; elaboração de guias dos locais de atendimento e realização de campanhas; realizar Fórum Nacional para discussão dos modelos de cuidados com os vitimizadores; capacitar a equipe do Centro de Referência e Atenção Integral à Saúde do Adolescente-CRAISA para abordagem integral às crianças e adolescentes que estão em situação de rua e que sofrem exploração sexual e ofertar oficinas artísticas, de informática e de estética corporal;
- realizar pesquisa de diagnóstico das rotas, mobilização nos bairros e contatos com municípios vizinhos.

A Petrobras aprovou a proposta encaminhada pela Prefeitura Municipal de Campinas. O recurso da referida estatal, em forma de isenção fiscal, fora depositado no dia 29 de dezembro de 2003, no Fundo Municipal de Direitos da Criança e Adolescentes - FMDCA. O fato do recurso ter vindo através do CMDCA e não para as secretarias que haviam elaborado o projeto trouxe para a arena vários outros atores e colocou um novo cenário. No início de 2004, segundo pude observar, a destinação de R\$ 1.000.000,00 suscitou várias disputas entre as entidades e ainda mobilizou o imaginário dos servidores municipais que idealizaram suprir as carências de recursos materiais, tendo como exemplo mais cogitado a compra de micro-computadores. Convivemos com a situação em que ter dinheiro era um problema, conformando um cenário com disputas desgastantes e que atrasavam a implantação do projeto “Rotas Recriadas”.

Após a conquista do significativo financiamento, a segunda vitória foi a aprovação junto ao CMDCA de uma resolução que criou o eixo de enfrentamento à exploração sexual de criança e adolescentes instituindo que os recursos somente seriam usados para os fins do projeto “Rotas Recriadas” e destinando-os às instituições que já tivessem algum trabalho afinado com a problemática a ser trabalhada.

Os atores que estiveram envolvidos na reformulação do projeto “Rotas Recriadas” foram as Secretarias Municipais de Assistência Social, Educação, Cultura, Esporte e Turismo, Saúde; o Conselho Municipal de Direitos da Criança e Adolescentes; a executiva do CMDCA; assim como as entidades: Associação Promocional Oração e Trabalho-APOT, Casa Betel, Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância-CRAMI, Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada-CEPROMM e Obra Social São João Bosco.

Considerando o novo cenário, foram propostos instrumentos a serem utilizados para a reconstrução do projeto de enfrentamento à exploração sexual, que então passaria a ser realizado por muitos profissionais, com diferentes concepções, de diversas instituições campineiras. Foi acordado a elaboração de Planos de Ação e a utilização de sete Eixos de Intervenção, oriundos da concepção proposta inicialmente pelas secretarias municipais.

Os Planos de Ação seriam construídos coletivamente, por serem instrumentos de uma metodologia de contrato social, de planejamento ascendente e participativo, os quais norteariam as negociações e as intervenções.

Os sete Eixos de Intervenção foram pensados com o objetivo de traduzir as propostas vindas das secretarias municipais, buscando dar uma organicidade conceitual e uma identidade programática ao projeto “Rotas Recriadas”. Os eixos propostos foram: **Eixo Buscar e Diagnosticar**, o **Eixo Capacitar**, o **Eixo Prevenir**, o **Eixo Cuidar e Proteger**, o **Eixo Fiscalizar** e o **Eixo Gestar**. Estes eixos de intervenção serão melhor descritos posteriormente.

No processo de re-elaboração do “Rotas Recriadas”, durante dois meses, foram realizadas exaustivas articulações e cerca de 50 reuniões e duas plenárias finais para aprovação dos planos de ação conduzidas pelo Grupo-tarefa constituído por integrantes do CMDCA e da Prefeitura Municipal de Campinas.

A Gestão financeira do projeto “Rotas Recriadas” não constitui objeto desse estudo, porém penso que devemos adiantar um aspecto que considero ser importante de se dar publicidade. Alguns integrantes desse Grupo-tarefa, durante as elaborações dos Planos

de Ação, construídos com a participação de cada nível operacional, das secretarias municipais e representantes das entidades acima citadas, defendiam que os recursos fossem destinados para execução de ações que diretamente iriam ser realizadas com as crianças e adolescentes. Nos Planos de Ação que serão apresentados posteriormente será possível analisar como se deu a distribuição do recurso financeiro e assim observar que tal posicionamento contribui no resultado final.

Trabalhávamos com a perspectiva da viabilidade de institucionalização desse programa, considerando, que no contexto das políticas públicas, em Campinas, seria possível, realizá-la através de sua inclusão ao Plano Municipal da Infância e Juventude e ao Plano Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil; destacando, que sua consolidação a ser conquistada ocorrerá quando o financiamento do projeto for gradativamente incorporado ao orçamento municipal e federal.

A partir desses relatos podemos concluir que o nascimento do projeto “Rotas Recriadas” deu-se a pelos projetos e ações dos novos atores em instituições influentes; segundo um ideário-programático que reconhece os direitos e as violências vividas pelas crianças e adolescentes; das somatórias de experiências individuais e de grupos de trabalho, do saber-fazer; da confluência de práticas instituídas na saúde, na educação, na cultura e assistência social, em um contexto político favorável, quando confluíram afinidades ideológicas e programáticas entre técnicos da esfera municipal e federal.

### **O problema: exploração sexual de crianças e adolescentes**

Segundo o Planejamento Estratégico Situacional, para a proposição de um projeto que cause impacto, é necessário conhecer primeiramente o problema, estudar suas causas, mensurá-lo, se possível, e, posteriormente, formular Planos de Ação para implantação das propostas, as quais devem ser analisadas quanto às suas viabilidades e sendo ainda, necessário acordar com os diversos atores, os resultados esperados.

Além dessas fases do planejamento, há que fazer a pergunta fundamental: a exploração sexual é priorizada como um problema para quem? Quais são os atores sociais que querem enfrentá-la? Qual era o ator protagonista, no município, a denunciá-la?

O professor Dr. Fernando César Chacra, do Departamento de Medicina Preventiva e Social-FCM-Unicamp, fez na qualificação deste projeto de doutorado, a seguinte observação:

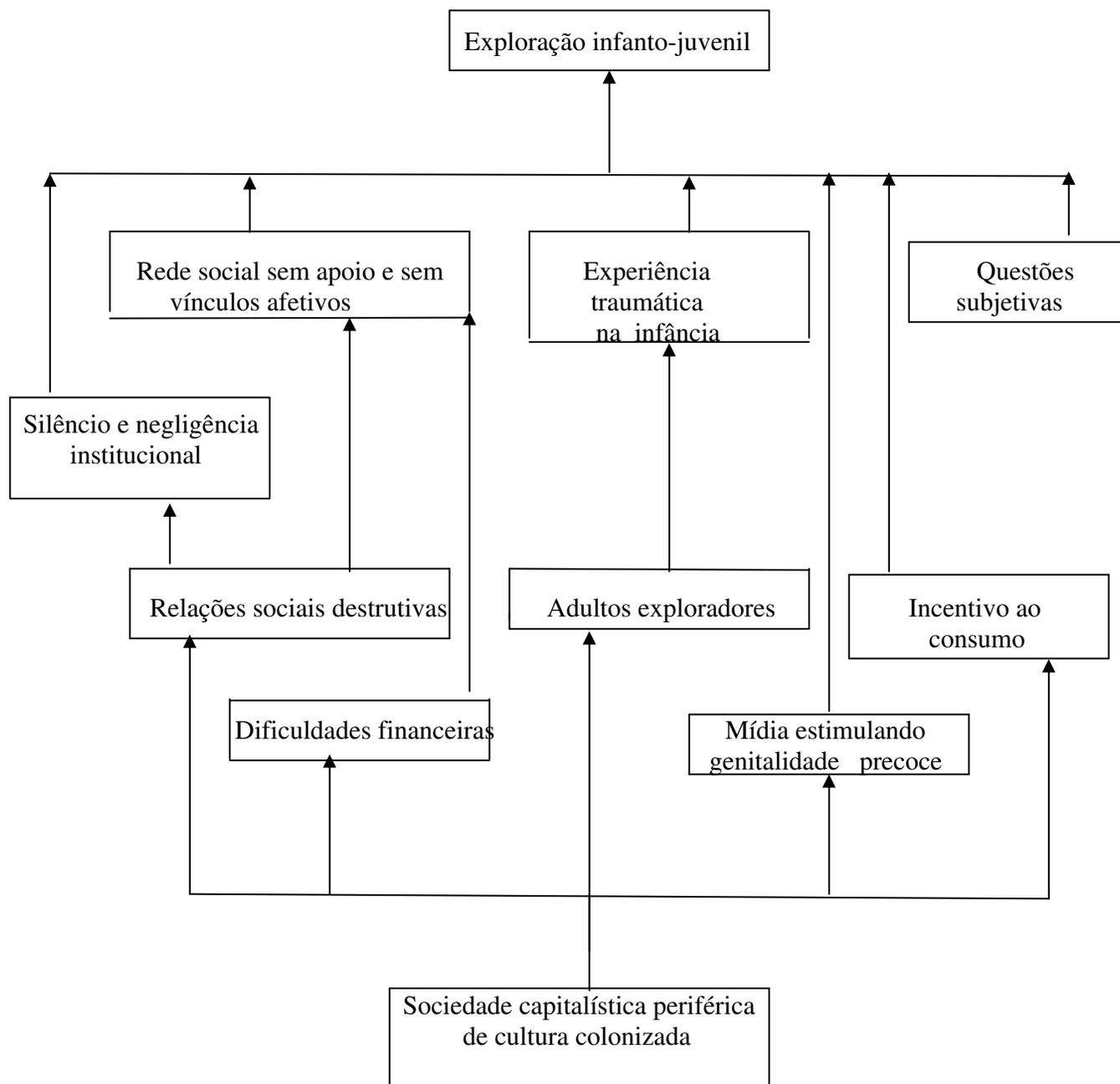
“O tema é muito pertinente, mas difícil de ser explorado dada a sua volatilidade, dificuldade de se tornar visível, perceptível socialmente e mais ainda, ser considerado problema social relevante uma vez que atinge principalmente as classes sociais mais carentes. Daí a importância de tomá-lo como tema de pesquisa e de ação de governo”.(mimeo, pág. 2, dia 29 de outubro de 2004).

No início de 2004, em Campinas, não havia uma voz resultante da agregação dos que estavam sendo explorados e nem de seus familiares, penso que obviamente devido à própria natureza do problema e por suas determinações sócio-culturais, como já fora descrito. Tal circunstância foi uma das variáveis desfavoráveis, fazendo com que na arena das disputas pela destinação do recurso financeiro, estivessem os profissionais das entidades e os representantes do governo municipal, sem uma externalidade, ou seja, sem controle social. Tínhamos a pretensão de colaborar na organização dos adolescentes e jovens que vivenciaram à exploração sexual, para que nos anos posteriores, pudessem representar os usuários no colegiado gestor do programa “Rotas Recriadas”. Idealmente podemos pensar em representantes de familiares, porém como sabemos, os que estão em situação de exploração sexual, na grande maioria de casos, são filhos de famílias desestruturadas.

Relembrando as multi-causalidades da exploração sexual de crianças e adolescentes, mencionadas no capítulo, intitulado Montanha, a argumentação anterior, a conquista na legislação brasileira, através do Estatuto da Criança e do Adolescente, citados no capítulo Caminho, podemos responder que a exploração sexual deve ser priorizada e tomada como um problema a ser enfrentado pelos representantes do governo municipal, Conselho Municipal da Criança e Adolescente, autoridades do poder legislativo e judiciário, além das entidades que atuam com a referida problemática. Logo, todos esses atores deveriam estar participando da implantação e acompanhamento do projeto “Rotas Recriadas”.

O recurso utilizado para conhecer o problema da exploração sexual foi à elaboração da

### Árvore causal:



**Análise da árvore causal:** problema de alta complexidade, com previsibilidade de impacto a médio e longo prazo.

**Diagnóstico inicial:** inexistência de dados institucionais

**Resultados esperados:**

- realizado diagnóstico da incidência das rotas e pontos de exploração,
- divulgado a rede de serviços e as ofertas de ações realizadas,
- implantado serviço de: cuidado, proteção, apoio jurídico, apoio à constituição de grupos.

associativos e cooperativas,

- incentivado o retorno à escola,
- capacitado profissionais,
- realizadas oficinas com a comunidade,
- estimulada aproximação com familiares,
- oferecidas atividades culturais e esportivas preventivamente.

Se observarmos as raízes da árvore causal, podemos perceber que elas evidenciam determinantes diferentes e complementares. Se considerarmos assim, as suas multi-causalidades, faz-se necessário à implantação de um programa que busque agir em cada uma das raízes. O entendimento de tal explicação do problema justifica e pressupõe-se criar potência a concepção inter-setorial do projeto “Rotas Recriadas”, com a construção de uma rede de serviços, com fluxos complementares.

Depois de todos os percursos dos capítulos anteriores, quando se tentou delimitar que essa pesquisa se dá no campo do fenômeno da exploração sexual, no trajeto da pesquisadora, na compreensão do fenômeno social em estudo, dos relatos dos acontecimentos e contextos institucionais que viabilizaram o projeto “Rotas Recriadas”, agora podemos conhecê-lo com mais detalhes, com reflexões que busquem os seus frutos.

**Projeto Rotas Recriadas**

**CRIANÇAS E ADOLESCENTES LIVRES DA**

**EXPLORAÇÃO SEXUAL**

**Objetivos:**

- Diagnosticar, cuidar, proteger e qualificar a vida de crianças e adolescentes em situação de exploração sexual;
- Contribuir para o aumento da capacidade de sobrevivência e autonomia das crianças e adolescentes em situação de exploração sexual, ofertando novas possibilidades como: inclusão escolar, aproximação familiar, atividades culturais e de geração de renda;
- Oferecer uma rede de ações educativas e artísticas para crianças e adolescentes que vivem em regiões de maior vulnerabilidade à exploração sexual;
- Elaborar uma metodologia social e realizar intervenções de enfrentamento à exploração sexual de forma inter-setorial e em uma parceria entre organizações governamentais e não-governamentais.

O projeto “Rotas Recriadas” é constituído por treze serviços e sete eixos de intervenção – Eixo Buscar e Diagnosticar, Eixo Capacitar, Eixo Comunicar, Eixo Prevenir, Eixo Cuidar e Proteger, Eixo Fiscalizar e Eixo Gestar:

- 3 duplas de busca e aproximação nas ruas, rodovias e pontos de prostituição;
- 9 centros de convivência, sendo que um deles localiza-se no centro da cidade, com funcionamento de 24hs para oferecer pernoite;

- 1 equipe do eixo cuidar no centro da cidade e cinco profissionais, um em cada distrito de saúde e 1 no centro de saúde de Jardim Itatinga;
- atividades de capacitação dos profissionais das secretarias e das entidades que atuam nos bairros sobre a referida temática nas cinco regiões da cidade. Trabalho com escolas municipais;
- 1 Casa de Acolhimento;
- 2 equipes de apoio jurídico (advogado, psicóloga e assistente social);
- atividades do eixo fiscalizar, com as instituições da área da criança e juventude;
- disponibilidade de passes, de auxílio-proteção para situações emergenciais e bolsa-família.

Propomos a utilização de sete eixos conceituais que estruturaram a constituição da proposta metodológica e do plano de ação.

#### **Eixos de intervenção:**

**Buscar e Diagnosticar** – realizar contatos iniciais visando a oferta de informações e abordagem qualificada, feitas por educadores sociais, em rodovias, pontos de prostituição; e implantar Sistema de Informação e Acompanhamento dos Projetos de Vida.

**Cuidar e Proteger** – intervir junto às crianças e adolescentes em situação de exploração sexual e suas famílias para promover o acolhimento, a escuta, o vínculo, o cuidado: educação em saúde, prevenção DST-AIDS, trabalhos individuais e em grupos com psicólogos e terapeutas ocupacionais, acompanhamento terapêutico, trabalho corporal, oficinas lúdicas e terapias complementares. Ofertar ações de proteção, como apoio jurídico, estimular o retorno à família, auxílio financeiro para proteção emergencial, estadia na Casa de Acolhimento e acesso à bolsa-família. Construir com os colegas dos demais eixos um projeto de vida, para cada criança ou adolescente, que proporcione o resgate da cidadania, a inserção em uma rede de apoio pessoal significativa e social para reduzir os fatores de vulnerabilidade aos quais estão expostos.

**Gestar** – gestão inter-institucional, acompanhamento dos planos de ações, prestação de contas, captação de financiamento.

**Capacitar** – capacitar profissionais participantes desse projeto e da rede local (trabalhadores das Secretarias Municipais da Assistência Social, Cultura, Educação e Saúde, das entidades, das lideranças do bairro – adultos e adolescentes e os profissionais das escolas públicas estaduais).

**Comunicar** – produção de material informativo e educativo, divulgação nos meios de comunicação oficial e na mídia. Realização do Fórum dos Vitimizadores.

**Prevenir** – implantar centros de convivência e ofertar atividades culturais e esportivas para as crianças, os adolescentes, que vivem em regiões carentes de espaços de lazer e atividades culturais, cujas localizações estejam nas rotas que há indícios de exploração sexual. Implantar oficinas e grupos culturais que propiciem a geração de renda, visando à constituição de grupos associativos e ou cooperativas, através da utilização de linguagens que estimulem a participação dos jovens e o protagonismo juvenil.

**Fiscalizar** – criar uma rede de cooperação e intervenções conjuntas entre as instituições públicas que tem em suas missões a fiscalização, como o Conselho Tutelar, Ministério do Trabalho, o Ministério Público, Delegacia da Mulher, a Guarda Municipal e a Polícia Civil.

Apesar da inexistência de dados oficiais, optamos pela escolha de rotas, sobre as quais há conhecimento popular de exploração sexual e prostituição, principalmente de adultos, mas com relatos sobre envolvimento de crianças e adolescentes. A partir das principais rodovias, em reuniões inter-setoriais, definiu-se que no ano de 2004 seriam priorizadas sete rotas.

## **Rotas de vias intermunicipais:**

### **1. Via Anhanguera:**

Trecho entre Americana e Campinas. As cidades de Americana, Nova Odessa, Sumaré, bairro de Nova Veneza, situadas na beira da rodovia com muitos postos de combustível, atraem não somente jovens à espera de “carona”, como moradores próximos que costumam se aglomerar nestes locais, principalmente, à noite e nos fins de semana.

Em Campinas na mesma via, os bairros Nova Aparecida e Vila Pe Anchieta I – II e III, assim como as ocupações da Vila Francisca, Beira Rio e adjacências utilizam-se da rodovia para chegar ao centro da cidade.

Atravessando a cidade, a via oferece pouca alternativa de uso da estrada para outros fins tendo em vista a ausência de acostamento.

### **2. Via Bandeirantes:**

É uma rota possível, envolvendo os Bairros Vila União, Jd. Ipausurama, Parque Tropical e o Novo Campos Elíseos, os quais estão muito próximos da pista, embora não haja entrada oficial. O restante da pista não favorece acesso fácil.

### **3. Rodovia Santos Dumont:**

Essa rodovia atravessa vários bairros (Jd. das Bandeiras I e II, Monte Cristo e Parque Oziel, Jd. do Lago I e II, Jd. Itatinga – local tradicional de casas de prostituição, desde os anos 70, quando foi cedido o terreno para tal uso- Jd São Paulo), nas aproximações do centro oferece possibilidades de paradas com postos de combustíveis muito freqüentados pelos moradores daqueles locais.

Mais adiante, a região do Aeroporto (São Domingos, Jd. Fernanda e adjacências) que se constitui rota de fuga de cargas pesadas (Campinas-Vinhedo) é reconhecida como pontos de prostituição.

#### **4. Rodovia Dom Pedro I:**

Percorre a região dos Amarais (Sta. Mônica, Jd. São Marcos, Recanto da Fortuna e adjacências), propicia grande movimentação de caminhões pelo comércio de peças e de construção civil, o Posto do CEASA e implementação da rede intermodal de cargas.

Os bairros Nilópolis, São Quirino e Vila Nogueira têm fácil acesso à rodovia que freqüentam devido ao Ceasa (milhares de cargas de frutas legumes e flores transitam diariamente), além de estar nas proximidades de grandes centros comerciais de alto padrão.

Os bairros Alto do Taquaral, Santa Cândida e Mansões Sto. Antônio, na saída para Jaguariúna e via de acesso para as Universidades PUC e Unicamp, atraem particularmente pelo número de motéis e *drive inn* existentes. Na saída, por esta via, para Bragança Paulista, há motéis de luxo.

A recém via Magalhães Teixeira, que liga a Dom Pedro sentido Campinas-Valinhos, pode se tornar um ponto de exploração sexual devido à facilidade de acesso dos bairros Tamoio, Formosa e Nova York, que estão em suas encostas.

#### **5. Campinas – Monte-Mor**

No entroncamento da Bosch para Hortolândia e Monte Mor, a via constituiu-se como rota de fuga de carga. As margens dos bairros Jd. Boa Vista, Santa Bárbara, Shalom e Parque Universal são alvo de possível prostituição. As aproximações do Complexo Penitenciário de Campinas/Hortolândia, nesta região descampada, propiciam trânsitos sem controle.

#### **6. Centro**

O Centro de Campinas já possui seus pontos conhecidos de prostituição adulta e há identificação de locais que atraem os adolescentes.

**As Rotas a serem Recriadas e seus centros de convivência:**

1 – Centro → **Centro de convivência 24 hs** - perto do mercado municipal

2 – Três vias – Anhanguera, D. Pedro, Bandeirantes: região Distrito

Pde. Anchieta → **Centro de Convivência no teatro P. Anchieta**

3 – Rodovia D. Pedro I

→ **Centro de convivência no Núcleo Comunitário do Jd. Nilópolis**

na região do Ceasa → **Centro de Convivência no Espaço Esperança** do Jd.Santa Mônica

4 – Estrada Campinas Monte Mor → **Centro de Convivência** na Praça de Esporte e Casa inter-setorial da Vila **Boa Vista**

5 – Rodovia Santos Dumont: Monte Cristo / Oziel → **Centro de Convivência no Oziel**

→ **Centro de Convivência no Jd. Itatinga**

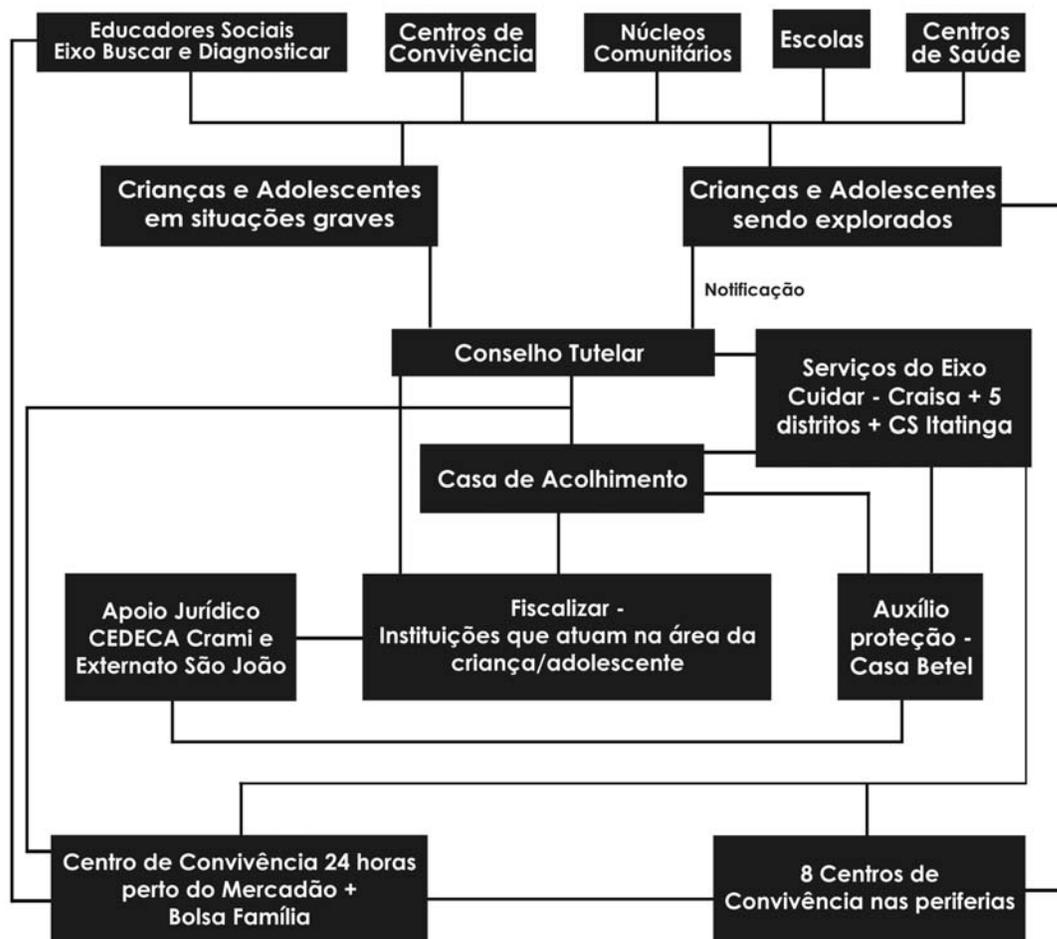
→ **Centro de convivência** no Espaço Inter-setorial do **Campo Belo**

6 – Estrada do Mão Branca → Centro de Convivência no **Centro Comunitário do Jd. Satélite Íris**

7 – Bandeirantes – Vila União, por já possuir equipamentos sociais não seria implantado centro de convivência.

Como dispositivo de análise da potência de intervenção do projeto “Rotas Recriadas” escolheu-se dois casos analisadores, os quais demonstraram os fluxos e as possibilidades de ações.

## FLUXOGRAMA



## Planos de Ação:

### *Eixo Diagnosticar e Buscar*

Objetivos	Ação
Identificar as rotas	Realizar Pesquisa
Implantar Sistema de Informação	Elaborar ficha de identificação, prontuário individual e o Sistema de informação
	Comprar computador, cartucho e papel
	Contratar 1 estagiário de Computação
	Contratação de 5 arte –educadores e/ou educadores sociais (3 profissionais Ceprom e 2 Convivência e Cid.) + 1 aux. de serviços gerais – CEPROM
	Comprar 1 carro pequeno + gasolina + manutenção e seguro
	Comprar 3 celulares pré-pagos e cartões
	Elaboração Relatório Anual de Diagnóstico

Observação: excluí as colunas que continham os custos e a entidade responsável, desse plano de ação, assim como os das próximas páginas.

## Eixo Capacitar

Objetivos	Ação
Sensibilizar, informar, formar e estimular a constituição de uma rede local(ONG's, lideranças de bairro, guarda municipal) para enfrentamento da exploração sexual	Comprar 1 computador, 1 impressoras, 4 tv 29", 4 vídeos, 9 CD Player fitas vhs, cartuchos, disquetes, cotas xerox, material pedagógico, bibliografias, camisetas contratação 1 aux. adm.
	Realizar Seminário e Fórum de Encerramento do Ano  Capacitar profissionais, redes locais e escolas, 4 consultores

## Eixo Cuidar e Proteger

Objetivos	Ação
Ofertar cuidados médicos, psicológicos e lúdicos	Contratar 3 psicólogos 1 terapeuta ocupacional
Ofertar atividades Grupais	Contratar 1 terapeuta corporal
Ofertar Terapias Complementares	Contratar horas-profissional e remédios
Qualificar o cuidado	Oficinas e cursos
Estimular a vinculação	Disponibilizar 60 bolsa- família *
Implementar Projeto Prevenção DST/ AIDS	Realizar encontros de auto-cuidados e oficinas nas ruas
Viabilizar Casa de Proteção	Contratar 1 psicólogo, 1 assistente social, dois monitores e auxiliar de serviços gerais + alimentação p/ adolescentes
Criar o auxílio –proteção	Elaborar minuta e distribuir o \$
Oferecer Apoio Jurídico	Contratar 2 advogados, 2 assistentes sociais, 2 profissionais universitários (psicólogo e/ou arte-educador) + material escritório

- 60 Bolsas famílias, no valor unitário de R\$ 180,00, totalizando de R\$ 46.000,00 para o período de julho a dezembro.

## Eixo Prevenir

Objetivos	Ação
Ofertar atividades artísticas, de cultura popular e esportivas nos territórios de maior vulnerabilidade	Contratar 8 arte-educadores e 4 professores de educação física (utilizar 1 profissional do Craisa)
	Comprar material e equip.
Implementar oficinas de educação e arte p/ adolescente >14 anos nos territórios vulneráveis	Material e Equipamento
Fomentar e implantar a formação de grupos associativos e cooperativas	Material e Equipamento
Facilitar o acesso e vínculo com o Projeto Rotas Recriadas	Oferecer passes
Estimular a permanência nos centros de Convivência	Oferecer lanches nas manhãs e tardes

## Eixo Comunicar

<b>Objetivos</b>	<b>Ação</b>
Informar população e adolescentes sobre seus direitos e recursos disponíveis da rede de cuidados das vítimas de violência doméstica e sexual em Campinas	Elaborar, editar e distribuir guia informativo da rede de cuidados
Informar os profissionais sobre os recursos disponíveis na rede de cuidados	Editar e distribuir guia da rede de cuidados às vítimas de violência doméstica e sexual
Divulgar projetos rotas recriadas e manter rede atualizada sobre suas ações e resultados	Criar e manter um site Criar,editar e distribuir jornal + 1 máquina fotográfica
Dar visibilidade ao Projeto Rotas Recriadas	Produzir 1 vídeo e editar 1 cartilha
Promover debate c/ diferentes atores sobre atenção aos vitimizadores	Realizar Fórum Nacional sobre Atenção aos Vitimizadores

## Eixo Gestar

<b>Objetivo</b>	<b>Ação</b>
Gerenciar a implantação e a execução do,	1 – Acompanhar e apoiar a construção dos Planos de Ação dos demais eixos
Projeto Rotas Recriadas	2 – Planificar todos os planos e propor a adequação ao valor recebido do destinador
através do acompanhamento, monitoramento	3 – Readequar as ações dos eixos com os valores aprovados pelo CMDCA
e avaliação	4- Planejar e acompanhar as ações de implantação, monitoramento e avaliação
	5- Comprar computador, impressora, tinta e papel, contratar auxiliar administrativo
	6- Apresentar relatórios mensais do monitoramento para o CMDCA, Destinador, Governo Municipal e ONG's envolvidas
	7- Elaborar proposta de financiamento para continuidade do Projeto em 2005, junto a possíveis destinadores
	8 – Apresentar Relatório ao final do exercício

Ao lermos os planos de ação, podemos perceber que na sua conformação foram agregados os olhares da educação, da cultura, da saúde, do direito e da assistência social; e principalmente, que as concepções e proposta de ação do projeto aprovado pela Petrobrás foi preponderante, sendo acrescido da oferta de bolsa-família.

Em síntese, construiu-se um arranjo institucional muito peculiar, sem hierarquização das tomadas de decisões, constituindo um formato que lembra um rizoma ou raiz. Tal situação foi consolidando-se no processo, sem uma estratégia inicial acordada coletivamente, pois procurávamos uma saída diante de cada entrave.

Durante a construção dos planos de ação, vários paradigmas e concepções foram discutidos. Em síntese, cabe destacar a referência que utilizamos, sendo este nuclear na concepção do projeto “Rotas Recriadas”: o paradigma civilizatório, norteador da elaboração do Estatuto da Criança – ECA, o qual postula que as crianças e adolescentes são sujeitos portadores de direitos, logo possuem o direito a ter acesso às políticas sociais. Avalio tratar-se de um avanço frente do paradigma higienista e à visão de mundo excludente, hegemônica nos últimos séculos, que segregou “menores infratores”, loucos, prostitutas, hansenianos, pobres...

Ao adotarmos a categoria de direito estávamos nos responsabilizando em dar respostas ao problema de falta de acesso a serviços com ações de orientação, escuta, cuidado, apoio e proteção para crianças e adolescentes que estivessem em situação de exploração sexual e, ainda mais, ofertar atividades para os que vivem em locais vulneráveis, visando a prevenção de novos crimes.

Uma concepção importante a se deixar explícita, que houve opiniões contrárias, foi priorizar a implantação de centros de convivência e Casa de Acolhimento, contrapondo-se à criação de abrigos para crianças e adolescentes que estavam sendo explorados sexualmente, pois visávamos não segregar e sim criar projetos individualizados com uma rede de apoio para cada um dos vinculados ao projeto.

## **Processo de implantação – obstáculos e superações**

Como transpor essa força instituinte, emergente, em um discurso incorporado como plano e ação de governo? O que se espera da implantação de um projeto cuja meta é consolidar um arranjo institucional, instituído enquanto uma política pública?

A gestão do projeto foi realizada através do Colegiado de Gestão composto por uma coordenação de cada eixo, com reuniões mensais e contatos frequentes entre os eixos. Foram elaborados relatórios trimestrais para a prestação de contas.

Foi proposto um sistema de avaliação, com indicadores qualitativos e quantitativos dos resultados das ações do projeto “Rotas Recriadas”. Com a implantação do Sistema de Informação e Acompanhamento, pretendemos criar uma base de dados que possibilite, a médio prazo, analisar o impacto na redução dos níveis de morbi-mortalidade das crianças e adolescentes acompanhadas pelo referido projeto. Pretendemos trabalhar com o Modelo de categorização de riscos:

Vulnerabilidade / em exploração / os excluídos dos excluídos - risco de morte.

O recurso de isenção fiscal da Petrobrás chegou às entidades e secretarias no dia 20 de abril de 2004. Os quatro meses gastos nas pactuações e destinações financeiras propiciaram a ampliação da rede de implantação; as inúmeras reuniões colaboraram para a divulgação da problemática da exploração sexual, porém interferiu negativamente no recurso tempo para a implantação do projeto e desenvolvimento das ações. É necessário lembrar que estávamos em ano eleitoral e o projeto “Rotas Recriadas” foi implantado nos meses mais tensos das disputas pré-eleitorais. Trabalhávamos com a escassez do recurso tempo, com baixa governabilidade, posto que cada entidade quando recebeu o dinheiro, iniciou as ações segundo suas concepções e interesses. Quanto à implementação das ações na Prefeitura Municipal de Campinas, tivemos que enfrentar os tempos administrativos e a impossibilidade de contratação de pessoal, sendo que foi necessário renegociar com as entidades, encaminhar para nova aprovação e nova destinação de recursos. Outro problema foi que as Secretarias Municipais de Cultura, Esporte e Turismo e a Secretaria Municipal de Educação, por não possuírem projetos inscritos no CMDCA, não receberam os recursos

para implantar as ações referentes aos seus campos, os quais foram para outra entidade ou secretaria que executaram financeiramente, com apoio técnico das secretarias citadas.

Avalio que foi a proposta do ‘Siga Bem Criança’, com o seu significativo financiamento, o dispositivo que gerou o processo inicialmente que estimulou a emergência de porta-vozes.

Penso ser importante destacar que o fato do problema da exploração sexual de crianças e adolescentes ser analisado somente por técnicos deu um recorte e re-editou concepções e práticas, o que não retira o mérito das dedicações que ocorreram, tornando esses profissionais atores fundamentais no processo, mas nem por isso se supriu a falta de voz dos destinatários do projeto que certamente ofereceriam outra estética e obviamente outros caminhos para a abordagem dessa questão.

Em um período de instabilidade política, tentando trabalhar somando os recursos dispersos nas instituições, fizemos o discurso e criamos estratégias para a continuidade do projeto, sendo que a meta era institucionalizá-lo enquanto uma política pública municipal, pois cada dia ficávamos mais preocupados com a complexidade das situações das crianças abusadas sexualmente diagnosticadas além do esperado e com os adolescentes explorados com os quais agora, não tínhamos somente responsabilidade profissional, mas também vínculos.

As superações foram conseguidas, principalmente, com a chegada das equipes contratadas, profissionais com disposição para o trabalho e muitos com experiências com crianças e adolescentes. A construção dos planos de ação e sua utilização no acompanhamento da gestão foram ferramentas potentes.

Ao meu ver, o grande ânimo foi quando começamos a receber os retornos das crianças e adolescentes que estavam se vinculando ao projeto.

A dedicação, o compromisso e as competências de alguns profissionais e coordenadoras de eixo que somaram esforços resistiram aos entraves burocráticos e disputas pessoais, foram a força motriz na superação de vários obstáculos, conseguindo implantar assim o projeto “Rotas Recriadas”.

Os apoios e reconhecimentos sobre a relevância social do projeto, vindos de vários colegas das secretarias municipais, das entidades e autoridades, garantiram a legitimidade do ‘Rotas Recriadas’, colaborando em momentos decisórios para implantação e realizações de ações para sua continuidade .

O nome do projeto nasceu de uma conversa despreziosa de corredor, mas levado para ser votado em todos os eixos. Citei esse caso para exemplificar que vivenciamos um processo trabalhoso, tenso, no qual foram experimentadas dificuldades e potencialidades necessárias para se construir um projeto inter-secretarias e inter-institucional.

Além do recurso tempo escasso, da descoberta de uma realidade mais complexa ainda a ser enfrentada, das dificuldades institucionais, convivemos meses com a tensão sobre a continuidade do projeto que estava sendo implantado com recursos de incentivo fiscal da Petrobrás. A possibilidade da descontinuidade dava insegurança para os trabalhadores e diretoria das entidades, interferia na governabilidade do eixo gestor. Após o resultado das eleições municipais, esse quadro agravou-se, pois o partido que estava no governo não fora re-eleito, dando instabilidade para os profissionais que eram da prefeitura municipal.

Nossa meta era conseguir instituir o projeto “Rotas Recriadas” no município de Campinas e realizar articulações para garantir sua continuidade. Apesar das inúmeras variáveis jogarem pela descontinuidade, tornando o processo desgastante, pelo menos por enquanto fomos vitoriosos!

E o projeto “Rotas Recriadas” continuará em 2005.

## **Dos olhos d'água, uma nascente - A inter-setorialidade**

Pelo que nos contam, do viver gregário, surgiram a linguagem, o *homo sapien*, e os aprendizados. Pelo compartilhar das colheitas, caças, histórias e do conhecimento, constituíram-se povos e culturas. Tempos depois, uma das vertentes ocidentais do conhecimento, a tradição grega deixou-nos registros e influências no pensar, no educar, no criar, etc:

“ (...) havia um programa de ensino, que pelo seu caráter enciclopédico era eminentemente interdisciplinar (...) o *enkuklio paidéia* – confunde-se com o próprio ideal grego da cultura (...) representa a formação de um homem integral, culto, sábio, filósofo, artista – educação e cultura juntavam-se (...) Essa maneira de ver a formação será retomada pelos romanos e transmitida à Idade Média, com a idéia de uma *orbis doctrinae*.”(Nunes, pág. 98,1999)

Temos somente que lembrar que esse programa de ensino era restrito a uma determinada elite daquele povo grego que nos deixou um presente dos “deuses”: a idéia de democracia.

Os séculos foram passando e as especializações se conformando; os burgos, o pensar positivista, o método científico cartesiano e o capitalismo consolidaram-se.

No último século, estudiosos, principalmente das ciências humanas, reforçaram questionamentos quanto à construção do conhecimento, assim como de sua fragmentação; repensaram os conceitos de disciplina, apontaram para as ineficiências do distanciamento entre a prática e a teoria.

No campo da epistemologia, foram propostos conceitos como:

Interdisciplinaridade –

“se consegue tomar de empréstimo de outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicas e esquemas conceituais, a fim de fazê-lo integrarem e convergirem depois de terem sido comparados e julgados” (Nunes, pág.105, 1999)

## Transdisciplinaridade –

“(...) não há somente relação ou reciprocidade, mas as ligações se situariam num plano total, sem fronteiras entre as disciplinas.(Nunes, pág.105, 1999)”

No Brasil, nas últimas décadas, nas confluências de movimentos sociais, nas produções acadêmicas e nas experiências em serviços, foi sendo apontada a necessidade de convergência entre os poderes, saberes e intervenções.

Nesse texto Em Campinas, acrescentando ao caminho, demonstrado por mim percorrido. O trabalhar nos serviços de saúde, as ações no Movimento Popular de Saúde, as trocas com companheiras e companheiros da Educação Popular e Saúde, meus processos terapêuticos, deram-me, além de informações, um aprendizado visceral sobre a potência da práxis. Certifiquei-me sobre a necessidade, a coerência ideológica, a resolutividade e, principalmente, o justo uso dos tempos e recursos, pessoais e públicos, quando se vive a práxis, quando se busca integrar a experiência/ação à reflexão. Dentre os muitos autores, as contribuições de Carlos Rodrigues Brandão e sua proposta metodológica de pesquisa-ação foram referenciais inspiradores na construção da metodologia de pesquisa para o doutorado.

Penso que devemos fazer uma distinção entre a formulação do projeto “Rotas Recriadas” e da proposta metodológica do doutorado, “Direito à Delicadeza”.

Seguindo meu trajeto tinha a intenção de utilizar como objeto de estudo algo que estivesse na dimensão da prática, assim entendo que registrar o arranjo institucional e a concepção do “Rotas Recriadas” cumpre meu objetivo; reconhecendo não se tratar de uma típica pesquisa participante, avalio que se aproxima mais da pesquisa-ação.

Quanto à elaboração do “Rotas Recriadas”, cabe esclarecer que devido à proposta inicial ter sido escrita no espaço de tempo de uma reunião em uma sexta-feira à tarde, quando se dividiram partes a serem escritas no final de semana e encaminhadas à Petrobrás na segunda-feira, iniciou-se um *modu operandi* que proponho chamá-lo de “costura” entre as ações das secretarias municipais. Assim, ao me ver, o projeto “Rotas

Recriadas” não nasceu de um grupo que o formulou interdisciplinarmente e muito menos transdisciplinarmente, o que ao meu ver foi uma das causas de ruídos que citarei posteriormente.

As filiações teóricas e a concepção metodológica do projeto, enquanto tais, não foram explicitamente discutidas no coletivo, o que perante tantas tarefas não era uma preocupação, ou melhor, não tivemos tempo para fazê-lo. Na minha opinião, o debate foi demorado e exaustivo em torno dos Planos de Ação, quando discutíamos as destinações financeiras. Mas temos que buscar ler as origens teóricas e metodológicas através do que fora proposto. Assim penso que, quando propus conformar o projeto utilizando os eixos organizacionais e principalmente buscando uma palavra que sintetizasse ações do campo de cada secretaria, havia uma intenção de aproximação dos conhecimentos e do saber-fazer; o método levando à integração ou costura de uma colcha de retalhos? Entretanto as colchas costumam ser viáveis, úteis e belas, mesmo de retalhos.

No projeto “Rotas Recriadas” há uma concepção de gestão coletiva que vem sendo vivenciada em vários setores. Porém temos que reconhecer que o organograma e o modo de realizar a gestão propostos têm um desenho apreendido nas experiências do LAPA - Laboratório de Administração e Planejamento, do Departamento de Medicina Preventiva e Social- FCM – Unicamp, assim como na utilização de ferramentas do planejamento estratégico situacional (Bueno, pág 169; Campos, pág. 29; Cecílio, pág 11 e 235; e Merhy, pág 117).

Nesse texto utilizo o termo intersetorialidade, o qual foi escolhido como uma das diretrizes na gestão municipal de 2000 a 2004. A constituição de um Grupo de Políticas Públicas e do Plano da Infância e Juventude já citado, foram esforços visando à integração das ações das secretarias, principalmente das áreas sociais, mesmo em detrimento da departamentalização com suas divisões orçamentárias e administrativas instituídas.

Como os planos de ação do referido projeto foram re-elaborados, após a Petrobrás fazer a destinação orçamentária para o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e Adolescentes, propiciou-se que entidades inscritas no CMDCA fossem parceiras na execução das ações, assim como na resolução do uso do dinheiro. Assim o “Rotas

Recriadas” tornou-se inter-institucional, além de ser inter-setorial. Olhares, experiências, formações profissionais e interesses diferentes se juntaram, trazendo contribuições, brechas institucionais e disputas.

Não me alongarei em expor as necessidades e contribuições de se tentar construir um projeto inter-setorial, por tratar-se de discussão teórica antiga. Muitas tentativas de operacionalizar estes conceitos na prática não tiveram longevidade, como por exemplo, na área da saúde, a proposta inter-setorial dos SILOS - Sistema locais de Saúde, de 1986 (Silva Junior, pág.64), mesmo assim poderíamos entender que seus princípios mantêm-se nas formulações do Programa Saúde da Família.

Penso, entretanto, que investir na continuidade do projeto “Rotas Recriadas” e realizar esse registro sejam tarefas importantes. Considero que o registro, além de ser uma atividade acadêmica, é recurso essencial para subsidiar o direcionamento da continuidade do projeto<sup>2</sup>.

A exposição real da questão da exploração sexual convence sobre necessidade de integralidade das ações para cuidar e proteger as crianças e adolescentes nessa situação, pois o problema é complexo, não há um sistema de serviços públicos suficiente para absorver as demandas e envolve situações de segurança pessoal, na medida em que se aproxima da rota da contra versão organizada, todos esses elementos mobilizam e pesam muito para os profissionais atuantes no projeto. Há também as esperadas limitações de campo, isto é, nenhuma área “dá conta sozinha” do projeto, com seu repertório, a saúde não garante a integralidade, assim como acontece na educação, na cultura ou na assistência social. Por exemplo, um adolescente que está com mais autonomia e desejos após um processo terapêutico, carece de uma escola que o acolha. Ou ainda, uma educadora com limites nos seus espaços e recursos na escola poderá ampliar a resolutividade de suas ações,

---

<sup>2</sup> Uma informação se faz necessária, a de que acordei com a consultora da Petrobrás, Cenise Monte Vicente; a Secretária Municipal de Saúde, Maria do Carmo Cabral Carpintero e a Secretária Municipal da Assistência Social, Rita de Cássia Angarten Marchiore, as quais representaram a Prefeitura Municipal de Campinas no convênio com a referida estatal; com a executiva do CMDCA e com minhas colegas do Colegiado Gestor do “Rotas Recriadas” a permissão para que utilizasse o citado projeto como inspiração e modelo para a elaboração da proposta de doutorado, “Direito à Delicadeza – Crianças e adolescentes livres da exploração sexual”.

se trabalhar em rede e encaminhar sua aluna para um centro de convivência, com disponibilidade de passes, enquanto um trabalho está sendo desenvolvido com sua família.

Tecerei as próximas reflexões buscando demonstrar alguns dos acúmulos teórico-políticos e o saber-fazer que cada “setor” trouxe e contribuiu para o projeto “Rotas Recriadas”. Para determinados leitores poderá ser enfadonho, mas como no cotidiano observei e ouvi comentários de colegas de todas as secretarias envolvidas de que os conhecimentos, as metodologias de trabalho e os “resultados” ainda estão conformados corporativamente e não compartilhados a ponto de gerar um processo de consenso, reconhecimento e disponibilidades para trabalhos interdisciplinares, senti necessidade de salientar contribuições de cada área.

### **O olho d’água da Educação**

“A Educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. (Paulo Freire, pág. 104, 2000)

Penso que a escola, nos dias atuais, seja o espaço estratégico para a construção de um sistema público inter-setorial de ações para crianças e adolescentes. Se considerarmos os que estão em situações de vulnerabilidade ou iniciando na exploração sexual, os educadores são nossos grandes aliados, em potencial. Porém, para os que vivenciam a vida nas ruas, analfabetos ou evadidos das escolas e estão sendo explorados sexualmente, o estudar passa a ser uma das metas a serem alcançadas nos seus projetos de vida.

Penso que consigo perceber o que vive o professor na sala de aula das nossas escolas municipais, com muitos alunos agitados e aumento de ações violentas, locais onde estuda a maioria das crianças e adolescentes com os quais desejamos realizar ações no projeto “Rotas Recriadas”.

Nesses últimos anos tive contato com várias escolas e professores. Há problemas? Sim. Há críticas? Muitas. Há contribuições e trabalhos pedagógicos dignos? Sim, muitos. Há diretoras e professores irritados? Sim, assim como, às vezes, eu e vários colegas de demais secretarias ficamos. O que importa é que, em todas as escolas que interagi, sempre encontrei alguém aberto ao diálogo, a sair da rotina e preocupado com os alunos. Penso que devemos fazer as críticas através de projetos que no processo vão alimentando e arejando os educadores e educandos, buscando fortalecimento e investimento em novos interlocutores.

O núcleo da Educação é sublime, pois se dá em relação, no coletivo. As responsabilidades no processo de ensino-aprendizagem são enormes, pois acontecem no período fundamental da constituição do Eu e do cidadão. A escola é o *locus* onde se pode refletir sobre a visão de mundo, exercitar a crítica sobre a realidade social, o conviver em grupo e os aprendizados dos valores e direitos humanos. Assim como os limites e responsabilidades para com a cidadania. Lembrando do contexto familiar e social que estão vivenciando os alunos de nossa cidade como escrevi anteriormente, a escola se torna, nas vidas das muitas crianças e adolescentes, o único espaço acolhedor e a única rede de convivência com adultos mais estruturados.

A missão das escolas, a proximidade geográfica com as residências familiares; o convívio cotidiano; a duração do processo pedagógico; as possibilidades de contato e conhecimento sobre uma família por terem vários irmãos estudando na mesma instituição escolar; o número significativo de equipamentos escolares existentes nesse município, assim como as suas localizações descentralizadas demonstram como se trata de lugares estratégicos para ações do projeto “Rotas Recriadas”, assim como demais políticas públicas.

Em Campinas, temos o privilégio de aprender e trabalhar com o Programa de Orientação Sexual da Secretaria Municipal de Educação. Há doze anos uma equipe vem atuando e acumulando aprendizados em atividades de capacitação de professores, grupos com alunos nas escolas, na organização do Encontro Municipal de Adolescentes e até em “atendimento individualizado”.

Por ser amiga de uma professora de ciências, que integra a referida equipe, acompanhei esse trabalho, nas dificuldades cotidianas, nos momentos que em uma das gestões municipais desintegrou tal trabalho. No início enfrentaram resistências dos colegas, dos pais e dos próprios alunos. Na escola em que minha amiga, a botânica e terapeuta corporal Edna Scola Klein, vem realizando os grupos de orientação sexual, quando havia passado cinco anos, nos quais não ocorreu nenhuma gravidez não planejada em adolescentes, uma aluna ficou grávida, essa foi acolhida por sua turma e não “expulsa” da escola como tinha acontecido com as demais meninas que haviam engravidado anteriormente.

Como há poucos recursos financeiros para construções prediais, em várias cidades estão utilizando as escolas como espaço para atividades culturais, de lazer e para reuniões de bairros, visando também deixar as escolas mais gostosas, aproximando-as mais das famílias e da comunidade. A proposição de trabalhos conjuntos entre dos profissionais do “Rotas Recriadas” e as equipes das escolas trata-se de uma estratégia e uma meta a serem conquistadas.

Os acúmulos dos colegas da Educação e do educador, psicólogo e militante no movimento nacional de adolescentes, Ricardo de Castro e Silva, assessor desse grupo e nosso dedicado colega no “Rotas Recriadas”, não são somente um olho d’água, mas um riacho que estava pronto para irrigar as capacitações que seriam realizadas pelo referido projeto, assim como as reflexões sobre sexualidade e adolescência.

“Aprender é a maior prova da maleabilidade do ser humano, porque, mais que adaptar-se à realidade, passa a nela intervir. Sendo atividade tipicamente reconstrutiva de tessitura política, é também a maior prova do sujeito capaz de história própria. Saber aprender é fazer-se oportunidade, não só fazer oportunidade. Deixa de lado a condição de massa de manobra” (Demo, pág. 47, 2000)

## **O olho d'água da Cultura**

“Além de Olinda

Além de Olinda ainda se encontra quem rendas tece  
e tece fendas, emendas, emblemas e gemas,  
doces linhas modulantes,  
suaves falenas azuis, na luz da embriaguez.

Se alguém pergunta o porquê do se fazer,  
Responde-se o porquê do perguntar.  
O tecer não tem um porquê enquanto ato de entrelaçar.

Além, além, além, o entrelaçar significa.

Além de Olinda ainda se encontra quem lendas tece...”

(Música de José Eduardo Gramani)

Um “viva” ao meu mestre, ao artista, que hoje é só ser, Zé Gramani, aquele que me ensinou a criar, a cantar, a me expressar além da minha timidez e aprender que todos temos um potencial criativo. Seu despojamento propiciou-nos o vivenciar do êxtase da criação coletiva e por isso uma experiência democrática, sem perder a irreverência. Apresentou-me uma máscara de mergulho, a ser usada no mar da cultura.

A cultura não é só as belas artes, as tradições de um povo. “A cultura é uma fusão de mundos”, como assim sintetizou o filósofo Pierre Levi (Bogéa, pág.14, 2004).

A cultura é de todos, no todo, nas memórias e estórias. A cultura são as culturas. Como é “culto” o Sr. Nelson da Rabeca, compositor e mestre das músicas das alagoas, que ensinou o Gramani, violinista de formação erudita, a tocar um instrumento tão madeira, que não deixa de lembrar o artesão que o esculpiu.

Cultura, espaços e possibilidades para vivenciar os processos criativos, de expressão. Continente e conteúdo. Manifestação e imersão, imaginário e re-significação. O templo do simbólico, dos sentidos e signos, que vai do êxtase individual, da autoria aos ritos, às catarses e manifestações coletivas, construindo, mantendo e rompendo com identidades. Conforma, deforma, reforma, transforma um grupo, uma sociedade. Nos processos culturais, a crítica e a re-significação das realidades mobilizam a sócio-dinâmica dos territórios grupais e subjetivos, dos poderes, fazendo história.

Nas culturas singulares, antigas, contemporâneas, os seres humanos, nem sempre preservam os humanos, mas, sempre em tribos, vêm demonstrando que se relacionar em grupo é uma necessidade.

As imigrações, o concreto, o aperto, a cidade grande. Os sonhos, a sobrevivência...

Como brincar, crescer, criar e festejar nos centros urbanos?

Por entre disputas éticas pelo coletivo, outras mesquinhas e egóicas, outras de grupos com e os sem capital e traçados áridos das instituições, constitui-se o teatro de arena das políticas legislativas e executivas, um dos *locus* do fazer história, do hegemônico e das lutas das “minorias”, também de defesas das causas justas de nossa cultura. O reivindicar, o criar e propor políticas culturais coloca-se no contexto atual de violências e exclusões, não só como necessidade, mas como uma estratégia de sobrevivência. Ter políticas culturais que envolvam as crianças e adolescentes é vital para as várias classes sociais, além de ser um direito para que eles possam vivenciar as possibilidades da cultura, como exposto acima.

Refletindo sobre a nossa cultura e momento histórico atual, a exploração sexual de crianças e adolescentes pode ser vista como uma “ferida” que desnuda nossa sociedade, que escancara os “nódulos” culturais.

Nas grandes cidades, como em Campinas, nos bairros periféricos, há carência de atividades de lazer, esportivas e culturais, assim como de espaços públicos abertos e fechados, como já mencionado. Porém nos deparamos com o paradoxo de encontrar prédios

públicos pouco utilizados em sua total capacidade de uso. Assim, propusemos a utilização desses espaços através da implantação de atividades culturais, que constituíram o Eixo Prevenir do projeto “Rotas Recriadas”.

A proposta recente do Centro Educacional Unificado - CEU, implantado no governo municipal de São Paulo, na gestão da Prefeita Marta Suplicy, vem contribuir para a quebra de paradigmas, dentre eles: “do pobre para pobres” e “do pouco para muitos”. As suas concepções arquitetônicas e disponibilidade de recursos, como teatros, piscinas, violinos, livros novos, filmes, que propiciaram o acesso ao erudito e ao popular, nos locais de maior índice de exclusão social, foi uma coerência programática e uma priorização acertada, na minha opinião, também valorizada e reconhecida pela população, como demonstrado nas votações para prefeita naquelas regiões onde tinham sido implantado os CEUs. Temos agora de acompanhar os processos, as contribuições, a continuidade, os usos, o controle social e as relações trabalhistas com os artistas, arte-educadores; aprender com esses recursos e possibilidades raras.

As várias opções oferecidas pelos CEUs propiciam novas oportunidades de acesso às experiências inusitadas, de vivências e apresentações que possibilitam o conhecimento de algumas linguagens artísticas. Com a ampliação das ofertas, os jovens podem fazer opções, não ficando aprisionados entre a televisão, o tráfico e as igrejas. Enquanto aumento das possibilidades de convivências, de encontros, podem estabelecer redes de pertencimento e de ajuda.

Quando somos espectadores ou integrantes das manifestações da cultura popular, do clássico ao pós-moderno, dos repertórios das diversas linguagens artísticas, entramos em contato com dimensões do ser humano que nos vitalizam, que nos instigam, dando tons e cores nas nossas vidas. Comungo com os que conclamam uma mudança estética, além de ética.

Dentro dessas reflexões, coloco uma das perguntas desse estudo: como deve ser ter nascido em uma ocupação feia, morar em um barraco apertado e frágil, onde as autoridades são os traficantes, tendo um pai alcoólatra ou uma mãe sozinha que bate, tendo irmão morto ou preso, brincando no meio da poeira e esgoto a céu aberto, ao som de

freqüentes tiroteios ou ser mandadas para a rua para trazerem dinheiro para casa e ficar “passando vontades” por não ter dinheiro para adquirir o vêm na televisão?

As três adolescentes com que mais interagi nesse ano no projeto “Rotas Recriadas” nasceram nesse “cenário” e cresceram mais nas ruas centrais. Uma delas está muito mobilizada e tem repentes agressivos, mas sua história é por demais trágica. As três adolescentes são portadoras de desejos, gostam de roupa da moda, de paquerar, de música e dança, ou seja, valorizam o que adolescentes nesta sociedade concreta desejam. Com os adultos que se colocam em relação de escuta e diálogo, fazem contratos, às vezes reclamam ou ficam com preguiça, também como qualquer outro adolescente. Agora, o que me chama a atenção é a baixa capacidade para lidar com as frustrações, entre elas, seus modos relacionais introjetados, pois vão logo “prá porrada”, como dizem, de “tirar sangue” e com muitas agressões verbais, indicam modelos de gerenciamento de conflitos que aprenderam. Porém, o que me espanta é a rapidez das reconciliações, mais do que observamos comumente nas crianças, que ora brigam e logo estão brincando, ou ainda entre jovens que foram mais poupados. As necessidades de sobrevivência, a sede de aceitação e pertencimento expressa-se na conciliação rápida. Relatam essas situações sem o menor constrangimento. É a violência introjetada, reproduzindo-se.

Perante a realidade trazida há pouco, coloco minha tese de que as crianças e adolescentes têm o direito à Delicadeza, à liberdade, à expectativa de futuro, de brincar, de passear, de criar e de conhecer a cultura universal, a de seu país, a de seus pais e antepassados.

Além das minhas experiências pessoais, convivi com artistas de várias linguagens, presenciei ou acompanhei processos de grupos artísticos, comunidades e suas manifestações populares, hospitais psiquiátricos, instituições filantrópicas e trabalhei em uma secretaria municipal de cultura, que me permitem afirmar:

- Todo ser humano tem capacidade de criar.
- Toda pessoa tem uma potencialidade ou um saber-fazer que colabora e enriquece aquele grupo.
- O ato de criação é prazeroso. O ato de criação coletiva é extasiante.

Apresentações artísticas, festas e manifestações populares agregam, alegram e fazem bem para a saúde.

Apresentei a fotografia do Grupo Meninos do Barão e citei-os como exemplo, assim como a proposta dos CÉUs. Relato uma experiência sobre a qual retirei aprendizados e argumentos na defesa de metodologias de ações culturais, de redes de pertencimento que disponibilizam ofertas e que exercitam o direito à delicadeza.

Acompanho, há cerca de nove anos, os trabalhos das artistas Maria Cristina Bueno e Inês Viana, cujas formações iniciais foram em artes cênicas. Utilizam várias linguagens, como dança, música, multimídia. São arte-educadoras e pesquisam a Cultura Popular. O fato de uma delas ter um emprego no SESI, com disponibilidade de espaços, alguns recursos materiais e tecnológicos, foi fundamental, principalmente por propiciar a continuidade dos trabalhos. Conseguiram aglutinar adolescentes, cujas famílias tinham, prioritariamente, carências financeiras e eram moradores em vários bairros da cidade. Lembro-me de que vários desses adolescentes tinham muitas dificuldades em suas relações familiares. As histórias pessoais desses adolescentes eram parecidas com as que escutamos nos centros de saúde e nas escolas. O fato é que a Inês e a Cris conseguiram construir uma grupalidade que possibilitou trocas afetivas e a constituição de uma rede de solidariedade, criativa e potente para obter, desde dinheiro para comprar passes, ajudas em momentos de doenças, de gravidez, até para arrumar empregos.

Hoje os integrantes desse grupo são jovens, bonitos, arrojados, estílojos, divulgadores da Cultura Popular, com disponibilidades para ações de cidadania e mobilizações políticas. São artistas de multi-linguagens, formaram junto com suas mestras, o Grupo Lapslázuli, de dança popular e de teatro, conhecido na cidade e região, conseguindo manter projetos de criações e apresentações anuais. Alguns desses jovens estão seguindo a carreira de músico, outros conseguiram registro profissional como atores e há os que estão empregados como monitores ou arte-educadores. Nenhum morreu como vários de seus vizinhos ou antigos colegas de escola e nem tão pouco entraram para o crime organizado ou desorganizado.

No início alguns dos integrantes desse grupo eram tímidos, atualmente me dão muito prazer, estimulando a tocar e dançar com eles na nossa tradicional festa junina. Cada qual segue seu trajeto, enfrentam seus problemas, mas posso afirmar que o pertencimento a uma rede, a identidade de participarem de um grupo artístico, os acessos que tiveram às informações, apresentações artísticas e manifestações culturais qualificaram as suas vidas e contribuíram para a constituição de suas subjetividades e nutrição da auto-estima.

Um aspecto importante a ser salientado, quando da realização de trabalhos com grupos de ensino e ou de criação das diversas linguagens artísticas, para crianças e adolescentes, é a necessidade de continuidade. O que observamos que sempre acontece é que o artista ou arte-educador constrói um vínculo, inicia um processo de ensino e aprendizagem e isso requer um tempo, mas logo o contrato temporário termina. Aquela garotada terá que lidar com mais uma frustração, mais uma perda, mais um luto; a comunidade não terá “resultados” para apreciar e assim reivindicar a continuidade de ações culturais, essas ainda, tendo que disputar com todas as outras demandas de “primeira necessidade”.

O profissional, muitos de formação universitária, por realidade de mercado, tem que se submeter a receber um salário, (nem sempre pagos em dia e com os direitos trabalhistas garantidos), que não corresponde à sua formação, necessidades de atualizações e mesmo de condições básicas para uma qualidade de vida aceitável. Sem as devidas condições de trabalho, nem sempre recebem devolutivas do seu trabalho, não há a retro-alimentação e o aprofundamento da “técnica” e do papel pedagógico.

Todos os trabalhadores de qualquer ramo de atividades utilizam ferramentas e matérias- primas, logo para se fazer arte-educação há que se ter recursos, mas o que tenho observado em várias instituições são parques materiais e equipamentos, quando há aparelhos de som.

Pensando nos aprendizados para os adolescentes, devemos ainda aprender com o projeto Axé, com meninos e meninas de rua em Salvador ou ainda com Ivaldo Bertazzo, por exemplo, cujos trabalhos ganharam premiações e reconhecimento nacional. Sua proposta é de trabalhar a re-educação do movimento, através da dança com

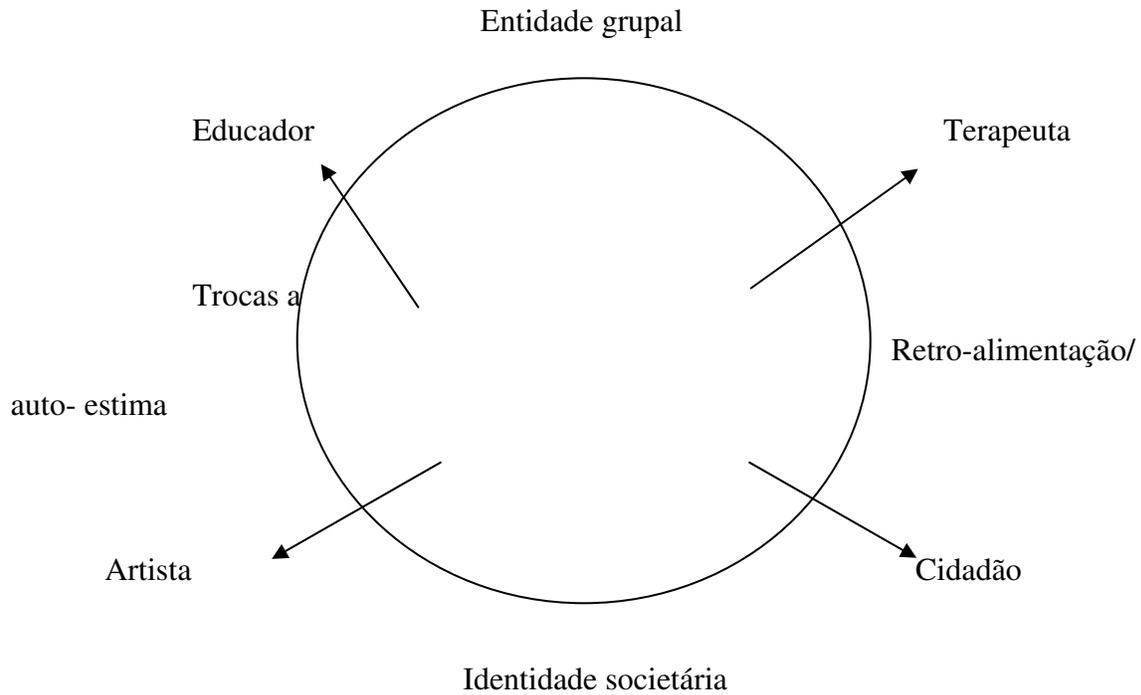
“cidadãos-dançantes”, isso é, com adolescentes e jovens em projetos sociais, finalizando em espetáculos, elogiados pelos críticos em arte e pela mídia. Esse coreógrafo e arte-educador tem conseguido recursos para montar uma equipe multi-profissional, infraestrutura, materiais e subsídios para os alunos.

O aprendizado que quero salientar é a necessidade de dedicação, importante experiência a ser propiciada aos adolescentes e jovens:

“Para além da preparação específica do espetáculo, o trabalho exige de quatro a seis horas de atividades diárias: cursos de reeducação do movimento e coordenação motora, complementados por aulas de canto, percussão, ritmo e dança (...) o que importa é justamente o processo de elaboração, com todos os desafios que aparecem (...) a preocupação não é formar dançarinos profissionais, e sim preparar os indivíduos para um cotidiano digno (...) E trabalhar nisso com adolescentes, em zona de riscos, exerce uma influência que chega a ser transformadora para cada um dos participantes, seja em termos pedagógicos, sociais e psicológicos.” ( Boguea, pág. 24, 2004).

Os círculos, mandalas e rodas nas várias culturas e povos são muito freqüentes. Inspirando-me neles e nos exemplos citados faço a reflexão:

Os que participam de grupos culturais ou artísticos podem viver relações e papéis em que cada um se integra enquanto ser humano e no instituído social, como idealizaram os gregos e os mestres das culturas orientais:



O círculo representa o grupo de adolescentes, sendo que o arte-educador, cujas potencialidades foram indicadas por flechas, pode expressar e atuar com seus vários papéis, sendo também terapeuta, educador, artista e um cidadão engajado.

Perante o quadro social que estamos vivendo, penso que o arte-educador, um cidadão, um ser humano íntegro, não uma idealização de um semideus grego, tem muito a contribuir e ensinar nas políticas públicas para crianças e adolescentes.

A cultura não é só um olho d'água, é a mina onde busco saciar minha sede, é o oceano onde mergulhamos e o universo onde tudo dança. Mas há que perfurar poços, canalizar córregos, assim defendemos e propomos a implantação dos Centros de Convivência, em espaços físicos públicos, ou de entidades, a serem otimizados e oferecer uma gama de atividades culturais.

Os centros de convivência são espaços para:

- que ocorra o acolhimento de crianças vulneráveis ou em situação de exploração sexual.
- a partir do lúdico, do vínculo, propiciar o continente para falas, dores e medos.
- que as próprias crianças e adolescentes, seus familiares ou protetores e comunidade tenham confiança e segurança de nesses locais deixarem seus filhos.
- que haja troca de saberes, rodas de conversa entre a garotada, os familiares, os profissionais, a comunidade.
- que se valorize as manifestações, o resgate da cultura local e das famílias, muitas delas de outros estados.
- que, à medida que haja continente, escuta e processo grupal, que possa ser exercitada a contratualidade de grupo e a co-responsabilização.
- que se tenha experiências para respeitar, trabalhando com a diversidade, diferenças de gênero, religiões, raças, condições financeiras, assim como valores e preconceitos culturais.
- que se trabalhe muito o corpo, a corporalidade.
- que ensine, resgate as brincadeiras infantis e os jogos.
- que se crie proposta de visitas a locais históricos, passeios em parques e até viagens.
- que se criem espaços e estímulos para discutir os problemas do bairro, assim como reivindicações e realizações de ações coletivas, criando grupo protagonista nas escolas, nos centros de saúde, no embelezamento do bairro e nos espaços decisórios da cidade.

- que seja um espaço público, aglutinando agentes constituintes de uma rede local ativa, solidária, com criação de fóruns e instrumentos de comunicação.
- que se implantem atividades e que se ofereçam linguagens artísticas de interesse dos jovens, tomando cuidado para não reproduzir o que manda a televisão, a indústria ou a pirataria de CD's.

Deseja-se que o centro de convivência seja um local de articulações com a comunidade, as instituições regionais e servidores públicos; sendo ainda a meta de chegada das crianças e adolescentes abordados, cuidados ou protegidos pelos profissionais dos demais eixos do projeto “Rotas Recriadas”.

Como já fora discutido anteriormente, as dificuldades financeiras e a pobreza são algumas das determinações da exploração sexual de crianças e adolescentes. Sabemos também dos impedimentos e trâmites do acesso de jovens no mercado formal, ainda mais daqueles que estão em situação de exploração sexual.

Tendo a autonomia dos jovens como um dos objetivos magnos do projeto “Rotas Recriadas” foi prevista a destinação de recursos financeiros para o estímulo à constituição de grupos associativos e / ou cooperativas para jovens e seus familiares, visando assim sua inserção social.

Não é fácil constituir um grupo, quanto mais uma cooperativa. Mas é viável se alguns fatores coexistirem. Participei de uma experiência, na qual o dinheiro que seria gasto em cartazes de papel para anunciar uma festa promovida pelo governo municipal foi utilizado na confecção de estandartes de pano com desenhos da cultura popular, assim sendo, com mais um recurso doado por uma “militante”, nasceu o “Grupo EstandArte”, de onde atualmente dez mulheres, de um bairro popular, obtêm recursos para sustentar suas famílias. Devo salientar que nessa experiência o fato de uma das mulheres, Cristina Andrade, ser uma artista plástica nata, com perfil agregador, solidário, foi a variável que sustentou o grupo e colaborou na troca de conhecimentos, além das articulações, apoio e possibilidade de uso do espaço público garantido pela Neusa das Graças Aguiar, na ocasião

coordenadora do Espaço Esperança, um centro comunitário da Secretaria Municipal da Assistência Social.

Uma das dificuldades já conhecidas pelas cooperativas em várias regiões do país é a venda de sua produção, assim indicamos escolher oficinas de mais fácil comercialização, além de agradar os jovens, como também a utilização de material de reciclagem e sempre tentando valorizar as artes e a cultura brasileira.

“Na sociedade dos homens, o mestre artesão talvez tenha sido um dos primeiros educadores completos. Seu magistério não foi o da transmissão oral de conceitos racionais, nem se limitou ao “audiovisual”, mas se fundou na experimentação e na prática repetida de gestos. O mestre artesão ensinou também aos aprendizes e aos companheiros a entender os limites e as possibilidades do próprio corpo, a dominar o meio ambiente com o uso de ferramentas. Por força de gestos repetidos no uso de um instrumento, da sensação de criar e habitar um espaço construído pelas próprias mãos, da percepção de um corpo protegido por vestimentas, as imagens internamente vivenciadas penetraram na dimensão do raciocínio e na elaboração do prazer”. (Bertazzo, pág. 42, 2004).

## **O olho d'água da Saúde**

“Art. 196 - A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.(Constituição da República Federativa do Brasil- 1998)

Aprendi a nadar no rio da Saúde Pública; dos mergulhos e canoagem, compreendi um pouco a vida e muito a valorizá-la - porto de partida para ler e conhecer o mundo.

O olho d'água da Saúde trouxe produções teóricas ecléticas, saber-cuidar, experiência de gestão coletiva e práticas políticas, que colaboraram na construção do projeto “Rotas Recriadas”.

O processo da Reforma Sanitária, com a defesa do direito à saúde e qualidade de vida, protagonizou a concepção e implantação do Sistema Único de Saúde - SUS, juntamente com os militantes que optaram pela via parlamentar, somando-se às contribuições teóricas vindas da academia, deram-nos um rico legado, um exemplo de: porque, para quem, com quem, como conquistar a implantação de uma política pública nacional.

Veio sendo construído um conhecimento coletivo, um entendimento do processo saúde-doença, que nos levou a compreender as suas determinações sócio-culturais e as relações interdependentes institucionais e necessidades de propostas de ações integradas.

“A existência de saúde, que é física e mental – está ligada a uma série de condições irreduzíveis umas às outras (...) É produzida dentro de sociedades que, além da produção, possuem formas de organização da vida cotidiana, da sociabilidade, da afetividade, da sensualidade, da subjetividade, da cultura e do lazer, das relações com o meio ambiente. É antes resultante do conjunto da experiência social,

individualizada em cada sentir e vivenciada num corpo que é também, não esqueçamos, biológico. Uma concepção de saúde não-reducionista deveria recuperar o significado do indivíduo em sua singularidade e subjetividade na relação com os outros e com o mundo. Pensar a saúde hoje passa então por pensar o indivíduo em sua organização da vida cotidiana, tal como se expressa não só através do trabalho mas também do lazer – ou da sua ausência, por exemplo – do afeto, da sexualidade, das relações com o meio ambiente. Uma concepção ampliada da saúde passaria então por pensar a recriação da vida sobre novas bases. (Vaitsman, pág.171, 1997).

Acolhimento, vínculo e resolutividade, categorias que foram utilizadas na formulação do Modelo Tecno-assistencial em Defesa da Vida, o qual buscava qualificar os serviços de saúde (Merhy, pág, 117, 1994) são fundamentais para nortear o trabalho das equipes dos diversos eixos do projeto “Rotas Recriadas”.

#### Acolhimento:

“é a relação humanizada, acolhedora, que os trabalhadores e o serviço, como um todo, têm que estabelecer com os diferentes (...) usuários que a eles aportam”.( Merhy, pág. 138, 1994)

#### Vínculo:

“implica em ter relações tão próximas e tão claras, que nós nos sensibilizamos com todo o sofrimento daquele outro, daquela população. É permitir a constituição de um processo de transferência entre o usuário e o trabalhador que possa servir à construção de autonomia do próprio usuário”(Merhy, pág. 138,1994)

#### Resolutividade:

“possibilidade de usar tudo que se dispõe para eliminar o sofrimento e as causas reais do problema do paciente”( Merhy, 139,1994)

As diretrizes do SUS, de universalidade, equidade de forma gratuita, acessibilidade, integralidade e controle social, já bastante consensuadas no Brasil, também contribuíram para o arcabouço teórico do projeto “Rotas Recriadas”.

Além de acolher, temos que ter uma escuta qualificada e, para escutar crianças e adolescentes, há que se respeitar suas singularidades, fase de vida e capacidade de discernir, agindo frente a necessidades urgentes e processuais.

Para a gente escutar é preciso que alguém fale e a voz dos adolescentes, do universo que cuidamos, é muito entrecortada pelos efeitos das carências, dos desrespeitos, das violências e dos autoritarismos que já vivenciaram. Investir na construção de diálogos e contratos talvez seja um dos principais aprendizados que as relações profissionais possa oferecer a crianças e adolescentes que estão vulneráveis ou em situação de exploração sexual, aos silenciosos e amedrontados que sofreram abusos sexuais.

Além de escutar, temos que bem cuidar:

“Cuidar é mais que um ato; é uma atitude (...) o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano(...) É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada (...).

Em sua forma mais antiga, *cura* em latim (...) era usada num contexto de relações de amor e de amizade. Outros derivam cuidado de *cogitare-cogitatus* (...) O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida.

Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Como dizíamos, estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude.”(Boff, págs. 33 e 91, 1999)

Na dimensão da Saúde, quando do desempenho do papel profissional, ao cuidado é incorporado um saber-fazer, meios de diagnósticos e tecnologias.

Uma das “tecnologias leves”(Merhy, pág. 123,1997) que vem demonstrando agilidade e resolutividade tem sido o Acompanhamento Terapêutico, que está colaborando na construção de vínculos, de confiança, ao proporcionar situações descontraídas, o início da construção de autonomia e socializações.

O cuidar não se restringe aos atendimentos de Psicologia, agregar uma equipe multi-profissional com formações diferenciadas vem demonstrando que foi muito acertado. Ampliar os olhares, os repertórios de intervenções foram possíveis devido à constituição da equipe do cuidar, escolhida em processo seletivo público, têm formação em Psicanálise, Teoria Sistêmica, Psicodrama, Psicologia Social Comunitária, Psicologia Sócio-Histórica, Psicologia do Adolescente, Linha Rio Aberto (terapia corporal com fundamentos da teoria transpessoal), Medicina Chinesa, além de especialistas em Políticas Sociais, Sexualidade Humana e Violência Sexual.

O cuidar das crianças e adolescentes, vulneráveis ou em situação de exploração sexual, utiliza de acolhimento, primeira escuta, atendimentos esporádicos individualizados quando necessário, terapias individuais ou em grupo de psicologia e terapia ocupacional, rodas de conversas e ações integradas com outros eixos.

Embasando-se no instrumento utilizado no Serviço de Saúde Cândido Ferreira, chamado de Projeto Terapêutico Individualizado – PTI, a equipe do eixo cuidar propôs o Projeto Educacional Terapêutico Social Singular - PETSS, que será apresentado no último capítulo, mas adianto que cada criança e adolescente terá uma proposta de cuidado a partir de sua história, necessidade, condições e desejos.

O PETSS será inserido e rediscutido com a equipe dos demais eixos, quando da formulação do Projeto de Vida:

“a construção conjunta de um projeto de vida singular para a criança e adolescente em situação de exploração sexual dar-se-á a partir de um planejamento, considerando os atores envolvidos (a criança ou o adolescente, família, comunidade, equipamentos sociais, etc), sua história de vida, as variáveis do seu contexto sociocultural com os recursos e adversidades, seus desejos, suas habilidades, visando a autonomia e sua inserção social. Objetiva criar uma proposta psicossocial e educativa que seja flexível, viável e compatível com as necessidades do sujeito.” (3º Relatório do projeto “Rotas Recriadas”)

Uma estratégia fundamental no processo de trabalho da equipe do cuidar é ser organizado através do Terapeuta de Referência, inspiramo-nos também nas experiências da Saúde Mental. Trabalhamos na busca da construção de vínculos, de processo e projetos terapêuticos, mas devido às dinâmicas subjetivas, das relações de referências e contra-referência, das sobre-cargas de tarefas, dos entraves institucionais, há a necessidade de um profissional que ancore o processo terapêutico daquele adolescente, que seja a referência, que assuma mais a responsabilização, aquele que batalha pelos acessos à rede de serviços, o que acompanha, analisa e avalia sempre trocando com os demais colegas. Exemplifico, lembrando da história de Lilás, assim faço uma aposta, de que o desfecho teria sido outro, como a morte, a exploração sexual, a drogadição ou tráfico de drogas, caso não tivesse as contribuições da Psicóloga, que agiu e age como terapeuta de referência, sendo assim reconhecida pela Lilás, pela rede informal e colegas dos serviços de Saúde Mental.

Os trabalhos do Eixo Cuidar devem estar integrados aos das equipes dos centros de saúde, centro de apoio psico-social para adolescentes, pronto-socorro e hospitais, assim, tem acontecido desde tratamento de verminose, doenças sexualmente transmitidas, curativos, acompanhamento psiquiátrico e de clínica médica.

A equipe do Eixo Cuidar vem acrescer ofertas às das equipes de Saúde Mental, que devido a muita demanda, nem sempre conseguem atender as crianças e adolescentes que sofrem abusos e exploração sexual. Nas áreas de cobertura dos centros de saúde que não têm equipe de saúde mental, os profissionais do “Rotas Recriadas” ampliam o acesso direcionado à missão do projeto. Onde há equipe, a proposta é que haja interações e otimizações dos recursos, não só terapêuticos, mas também dos oferecidos pelos demais eixos.

Emergindo do bojo do processo histórico da abertura política, pós ditadura militar brasileira, o movimento da Luta Anti-manicomial incorporou literatura e aprendizados de experiências humanitárias e socializantes de outros países, como as ocorridas na Itália, que questionaram as instituições totais, isto é, aquelas que deixam as pessoas fechadas, segregadas, como nos hospícios. Daí os receios de profissionais que participaram do processo de formulação e os que hoje integram o “Rotas Recriadas” quanto

a abrigos, os de não passagem temporária. Defendendo a construção de equipamento que preserve a identidade das pessoas, suas subjetividades e privacidades.

Propusemos um modelo tecno-assistencial e de gestão para viabilizar processos educativos, artísticos e terapêuticos, que busquem a qualificação da vida e autonomia dos sujeitos, entendidos como portadores de necessidades, desejos, histórias, potencialidades, direitos e deveres, respeitando as singularidades por acolherem crianças e adolescentes; assim, a partir dessas diretrizes surgiu a proposta da Casa de Acolhimento do projeto “Rotas Recriadas”.

Cabe informar que a proposta inicial foi para uma Casa de Proteção, cuja localização seria sigilosa para os que estivessem correndo risco de morrer, porém, devido a um telefonema anônimo, quando da destinação da verba e a prévia desistência da instituição que iria implantá-la, fez com que chegássemos à proposta de Casa de Acolhimento, a qual tem demonstrado dar mais e melhores respostas para as necessidades dos adolescentes em situação de exploração sexual e vivendo nas ruas, sendo que os que correm riscos continuam desprotegidos; avalio que é necessário haver os dois tipos de equipamentos.

Uma singularidade da equipe do Eixo Cuidar é oferecida por um terapeuta com formação em Medicina Chinesa. Otávio Augusto Contatore fez formação com o reconhecido Mestre Liu. Ele desenvolve atividades grupais de relaxamento, Tai-Chi-Chuan, lúdicas e ainda, massagem, Tuiná, acupuntura, quando já há uma vinculação do adolescente com a equipe do Cuidar e está proposto no projeto de vida. Esse profissional ofereceu um curso básico de medicina chinesa e uma serie de movimentos para os demais colegas do projeto e de alguns serviços de saúde. As suas contribuições ampliam nossos olhares sobre a Saúde e os processos de equilíbrio.

O cuidado é vital para os seres humanos.

O cuidado retro-alimenta o cuidador.

O cuidado ensina a paciência.

O cuidado desenvolve a perseverança.

O cuidado é delicado.

## O olho d'água da Assistência Social

“Para o pobre, os lugares são mais longe.”

Guimarães Rosa

Os colegas da Assistência Social trouxeram as experiências do saber do cotidiano das famílias e comunidades, dos direitos dos excluídos, das estratégias de inclusão para a cidadania.

Vicente Faleiros, Assistente Social, professor da Universidade de Brasília é um dos pioneiros em estudar a questão da exploração sexual propôs:

“nós não podemos pensar numa política social para as crianças sem a presença do Estado. O Estado é a garantia de direitos, e também, uma presença ativa da sociedade (...) vou fazer seis propostas:

(...) a política da negociação (...) supõe a presença da criança e não a sua ausência. Torná-la sujeito de direitos na prática. Negociar significa o respeito ao outro, ouvir sua opinião, dialogar.

Dar chances é o processo civilizatório, é criar possibilidades de lazer, de cultura, de expressão, de identidade.

A terceira proposta é prevenir (...) é mudar as relações antes que elas aconteçam.

A quarta proposta é vigiar e punir (...) os traficantes, os exploradores, o narcotráfico.

A quinta proposta é, realmente, proteger. Nós precisamos de proteção especial para a criança, como ser em desenvolvimento. E finalmente, educar, escolarizar. Porque é a escola, na realidade, o local onde a criança tem a possibilidade de transformar o seu conhecimento e a sua relação com o mundo.”(Faleiros, pág. 101, 1997)

Ao término da leitura desse estudo, o leitor poderá observar como há correlação entre essas propostas e os eixos de intervenção do projeto ‘Rotas Recriadas’.

Uma ação muito especial é a aproximação, a construção de confiança, a abordagem qualificada para encaminhamentos aos demais eixos e rede de serviços municipais. Carece de tempo e manejo do educador social, os quais devem ter condições mínimas para o trabalho como celulares, carros e trabalhar sempre em duplas, constituídas se possível, por uma mulher e um homem, contando ainda com apoio de supervisão, capacitações e atualizações.

Após conseguir a vinculação da criança ou do adolescente ao projeto é fundamental a notificação para alimentar o Sistema de Informação e Acompanhamento. Pensamos em ter informações para a ação, não somente priorizando a coleta de dados, mas construindo um diagnóstico e monitoramento para conformação de série histórica. O sistema está sendo construído visando o uso no cotidiano pelos técnicos, facilitando atualização dos atendimentos realizados e localização de cada adolescente.

O incluir é direito.

A ação na e com a comunidade

É o caminho

O proteger

É delicado.

## O olho d'água do Direito

“Art. 206 – A criança ou o adolescente, seus pais ou responsável, e qualquer pessoa que tenha legítimo interesse na solução da lide poderão intervir nos procedimentos de que trata esta Lei, através de advogado, o qual será intimado para todos os atos, pessoalmente ou por publicação oficial, respeitado o segredo de justiça.

Parágrafo único – Será prestada assistência judiciária integral e gratuita àqueles que dela necessitarem.” (Estatuto da Criança e do Adolescente)

Ter acesso ao Direito é um direito, porém na realidade de nossa cidade há repressão de demanda. As dificuldades de acesso e obtenção de ações jurídicas são acrescidas se considerarmos as questões criminais que envolvem a sexualidade, dificultadas ainda mais quando estão envolvidos com crianças e adolescentes.

No Colóquio sobre o Sistema de Notificação em Violência Sexual contra Criança e Adolescentes, ocorrido em Brasília, em 2004, os aspectos jurídicos foram discutido. O Promotor de Justiça do Ceará, Wanderlino Nogueira Neto, apontou as seguintes macro-estratégias:

- “\* globalização dos Direitos Humanos;
- \* interpretação e aplicação das normas jurídicas politicamente comprometidas;
- \* parcerização com movimentos de defesa de outros segmentos oprimidos (mulheres. p.ex.);
- \* desenvolvimento prioritário de estratégias afirmativas;
- \* potencialização da participação da criança e do adolescente; e
- \* envolvimento indispensável da família.”( Nogueira Neto, pá 44, 2004)

Há em Campinas dois Centros de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescentes - CEDECA, um deles funciona na Obra Social São João Bosco, localizado no centro da cidade e o outro no Crami, como mencionei, entidade pioneira no Brasil em cuidados com maus tratos na Infância, que fica na Vila Brandina. Os Cedecas vêm acumulando experiência, principalmente na atenção de crianças e adolescentes que sofreram abusos sexuais e seus familiares. A disponibilidade dos referidos serviços facilitou, assim, como recebermos contribuições de seus profissionais para a proposta de incluir suas ações dentre as do projeto “Rotas Recriadas”.

Direito é um direito

Receber seus direitos

Contribui para uma sociedade

Onde haja mais delicadeza.



O fogo transforma trigo em pão, ilumina os rituais, porém o mesmo fogo queima e destrói. No transcurso desse texto, depois de caminhar terras e montanhas, nascentes e olhos d'água, penso ser oportuno darmos uma parada para prostrar, defronte a uma fogueira.

Em uma reunião entre profissionais do Eixo Cuidar e de outros serviços que cuidam e abrigam os adolescentes em situação de rua, quando o grupo dava voltas em torno da pauta, o terapeuta corporal, Otávio Augusto Contatore, usou uma imagem: a de que “trabalhamos com o fogo”. Vou pedir-lhe de empréstimo essa imagem, por sua capacidade de retratar uma outra dimensão do que também lidamos nas questões da exploração sexual de crianças e adolescentes, trazendo assim o elemento fogo, aquele que pode nos ajudar iluminando e temperando nosso árduo trabalho e também contribuindo para as transformações necessárias das relações sociais e institucionais.

Trabalhamos, sim, no fogo e com o fogo. A natureza ígnea do que lidamos, desde as situações de miserabilidades, o envolvimento com o crime organizado ou pequeno bruto aliciador, até a dimensão inter-relacional, os aspectos da sexualidade, da genitalidade, envolvidos na exploração sexual de criança e adolescente, com o uso do mais fraco, do mais novo, as cruéis relações do mercado suburbano e mafioso, o consumo voraz dos corpos, coloca-nos frente a aspectos profundamente fortes que nossa sociedade aparenta negar, dissimular.

A partir da imagem do fogo, saliento a necessidade de compreendermos que estamos lidando com energias, que, como sabemos, são de grande utilidade e periculosidade, que há técnicas em como manejá-las; que a omissão na ação ou a negação do problema podem provocar ferimentos profundos nos que já estão na fogueira, ou perder

o tempo certo de dar o ponto no doce, desperdiçando assim o raro alimento, podendo ainda provocar queimaduras entre os próprios trabalhadores da “siderurgia social”.

Otávio disse ainda, frases semelhantes a essas:

“Por que nós escolhemos trabalhar com algo que tem tanta dor? Tem dia que eu me pergunto, não sei como eu agüento? E me pergunto como, (referindo-se a uma colega), consegue enfrentar tudo isso, todos os dias e parece estar sempre forte? Como suporta tanto peso? De onde vem a força que faz a gente continuar? Precisamos assumir que estamos trabalhando no e com fogo e assim agir”.

Essas perguntas levam-nos para os sub-textos, para as questões essenciais. Assim, por entre as labaredas, buscarei nas próximas linhas o significados das chamas.

No cotidiano das relações profissionais, deparamo-nos com situações-limite, com uma adolescente na nossa frente com sua história trágica e injusta, sem vínculos, com muitos desafetos, com raiva nos lábios, tristeza nos olhos e agressividade nas mãos. Sentimos uma pobreza de recursos, uma distância enorme, entre a “História da Sexualidade”, de Michel Foucault e o mau-caratismo daquele explorador que não pagou a T. (adolescente de 14 anos) depois de obrigá-la a ficar madrugada adentro no mato com uma arma apontada em sua cabeça. Reich dai-nos couraça de suportar tudo isso; Jung ajude-nos a dormir e sonhar com o candelabro de sete velas do apocalipse!<sup>3</sup>

Contemplar as brasas remete-nos ao encontro de enredos que a humanidade há muito tempo vem se emaranhando. Assim sendo pergunto:

“Existirmos a que será que se destina?”.

Coube ao poeta Caetano Veloso perguntar, mas o que responder?

Um parêntese para que possamos pensar sobre um paradoxo, como, por exemplo, presente na seguinte situação: a música “Cajuína” que contém essa pergunta foi escrita pelo Caetano após uma visita ao pai do poeta Torquato Neto, devido ao suicídio de seu filho (Chediak, pág.14), sendo que este havia escrito:

---

<sup>3</sup> A imagem do candelabro de sete velas pode ser lido uma referência aos sete dias da semana, aos sete chacras e as sete religiões

“Só quero saber do pode dar certo, não tenho tempo a perder...”

Parece-me o existencialismo da geração 68 puxando nossos pés para o chão: as muitas perguntas e indignações, o desespero, a morte! O tempo, os sentidos e os entraves do viver. O que se perde? Quando se ganha? Em nosso país do “dar um jeitinho” ou do “levar vantagens em tudo”, na nossa cultura do lucro que coisifica tudo e todos, recoloco a pergunta: “Existirmos a que será que destina?”.

As diversas tradições religiosas, os filósofos, poetas e os cientistas deram cada um suas respostas ou propuseram mais perguntas, engrossando o emaranhado de explicações e indagações.

Mas como sair desse labirinto que me coloquei ao perguntar:

“Existirmos a que será que se destina?”.

- A aprender...

É a resposta com mais consistência que já encontrei.

Ao cometer a loucura de colocar essa questão nesse texto e ainda ter ousado em dar uma resposta, coloco-me a responsabilidade de explicitar as implicações de tais pensamentos sobre a problemática em estudo. Para construir essa explicação, necessito lembrar mais um questionamento e assim pergunto sobre qual é a visão de ser humano que embasa o meu pensamento.

Busco essa resposta nas contribuições do filósofo, teólogo e Ph. D. em Psicologia Transpessoal, Jean Yves Leloup.

No livro “Terapeutas do Deserto” esse autor propôs um esquema com quatro visões do ser humano, cujo conjunto avalio ser uma ferramenta para a reflexão desses questionamentos. Essas visões podem ser localizadas dentre as concepções que encontramos na cultura ocidental e ao utilizá-las poderemos refletir um pouco sobre outras dimensões dos seres humanos, olhando de um outro prisma as crianças e adolescentes explorados sexualmente, assim como os exploradores, os aliciadores e os profissionais que trabalham nessa área.

**1 – A visão unidimensional**, na qual a compreensão do ser humano se restringe na sua dimensão corpórea. É a matéria, o corpo, o concreto e o mensurável.

O autor chama atenção sobre as implicações de tal visão sobre o ser humano enquanto máquina:

“nesta abordagem, o pensamento é apenas uma complexidade da matéria. É o jogo das sinapses em nosso cérebro. É a matéria que produz o espírito mas não há espírito fora da matéria. Só a matéria existe (...) os esforços são enviados para que a máquina funcione o melhor possível pelo maior tempo possível”.(Leloup, pág. 50, 1998).

Na educação e nas relações sociais que pensam o ser humano unidimensionalmente, tem-se a finalidade do sucesso material e do consumo, como argumentou o referido autor, que também lembrou que a mídia reforça muito esse tipo de concepção.

Podemos traçar um paralelo pensando que os adultos, ao explorarem sexualmente uma criança ou adolescente, estão agindo, aparentemente, na dimensão unidimensional, no consumo do corpo, na vazão de uma tensão corporal, por não terem se dado conta de suas outras dimensões, nas possibilidades relacionais e existenciais. Nessa lógica, esse adulto não estaria preparado psico-emocionalmente para entrar e se beneficiar dos aspectos construtivos, amorosos das relações e trocas.

Cabe ainda lembrar que estamos vivendo em uma região metropolitana, após décadas de mudanças nos valores que envolveram as instituições estruturantes da sociedade capitalista, tais como a família burguesa, o casamento monogâmico, etc. Assim sendo, há que se considerar as disponibilidades atuais dos costumes, das pessoas disponíveis sexualmente, das ofertas e espaços se ter relações genitais entre adultos. Assim podemos perguntar: esse ser humano que explora está aprendendo o quê? Nessa sua existência existe espaço para o Outro? Por que ele lida assim com sua pulsão sexual? Penso que esse explorador se reduz ao restringir suas possibilidades de trocas, as quais provavelmente não as tem em outras relações, ao comprar contato físico ou usar da força bruta. Matérias atritando-se e consumindo-se.

As crianças e adolescentes, ao serem tratados como objetos, estão aprendendo o quê? A ficarem cada vez mais empobrecidos de sentidos e de capacidades relacionais, pois somente conseguem pequenas coisas materiais. Qual sociedade se constrói com esse tipo de relação?

Penso ser necessário lembrar que é do senso comum, assim como há literatura específica sobre o tema, que existem multiplicidades de práticas e expressões sexuais, algumas sob ordem jurídica e/ou nosológica em sociedades concretas. Entretanto há outras: também as explorações sexuais de camuflados “normóticos” (Weil, pág. 29, 2003), que aparentemente desempenham seus papéis familiares e sociais esperados. É de fácil observação e de ocorrência diária, nas ruas centrais de Campinas, muitos adultos com modernos e valiosos carros procurarem adolescentes para “programas”. Observamos que nos bairros mais pobres a sedução vem através de pequenos objetos, como um passe, ou ainda, segundo temos informações em uma determinada região da cidade, há uma prática de exploração sexual conhecida como R\$ 1,99, imitando as lojas populares de objetos baratos, sendo que esses bairros não são os mais pobres, mas áreas em poder do narcotráfico.

## **2- Visão do ser humano bidimensional:**

“onde se considera o homem não somente como matéria, corpo, soma, mas também (...) como uma psique. Esta visão não é uma crença. Ela parte da observação do ser humano. Estamos no mundo dos terapeutas, quer dizer, das pessoas que observam o vivente, o ser humano vivo”.(Leloup, pág52, 1998).

Concordo com Leloup que lembra da discussão do dualismo entre o corpo e alma, soma e psique, sugerindo que não deveríamos privilegiar um em detrimento do outro. Assim qual a implicação desse questionamento nesse estudo? Penso que nos auxilia no entendimento de um fenômeno social, ou seja, de que em várias burocracias religiosas há o privilégio da alma, com a desqualificação do soma, conseqüentemente pode haver processos de negação e ou repressão da libido, cujas conseqüências já estudadas por Freud,

Reich, Foucault e outros demonstraram ser as raízes de vários sofrimentos e adoencamentos individuais e coletivos.

No projeto “Rotas Recriadas”, há parcerias com algumas instituições religiosas inscritas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, que ajudam a viabilizar o projeto, conjuntamente com as secretarias municipais. Porém essas entidades são instituições que nasceram com a missão de “caridade” e estão impregnadas pelo embate da dualidade entre o corpo e a alma, com seus valores e “mística”, que privilegiam a “conversão” e “salvação” no âmbito de seus códigos institucionais.

Por exemplo, cito a fala de uma freira que esbravejava em nossos ouvidos questionando atitudes de educadores sociais de rua, dizendo importar para ela a “mística”, ou seja, o trabalho de catequese, não somente as abordagens informativas do “Rotas Recriadas” e contatos institucionais ou com a comunidade para melhor diagnóstico da exploração sexual.

Ou seja, penso que para trabalhar com um programa que cuida e protege crianças e adolescentes, é necessário agregar profissionais, em espaços públicos, que tenham formação e experiências profissionais coerentes com o que a humanidade, as instituições e as ciências já conseguiram acumular de mais humanitário e construtivo, não se aprisionando em dogmas.

Nós que trabalhamos com a problemática da exploração sexual, devemos observar e cuidar dos juízos de valores, que inevitavelmente todos exercitamos, para desempenharmos nosso papel profissional, podendo tomar consciência de nossas limitações para que não sejam transferidas, projetando nossas dificuldades e preconceitos nas ações pedagógicas, culturais, de cuidado e proteção. Penso ainda que não devemos negar ou esquivar de discutir as questões sobre sexualidade, sobre as necessidades humanas, buscando aprofundar nossos estudos e discussões com os colegas. Lembrando ainda que os adolescentes gostam e precisam falar de seus afetos, de sua sexualidade, dos desejos e das expressões energéticas da sua libido, temáticas essas que colaboram para a aproximação com os técnicos, isto é, entre adultos e jovens. Também discutir o aspecto de que vivemos em uma cultura sexista e machista, na qual as meninas são mais discriminadas do que os meninos.

Avalio ser necessário trabalhar com as equipes de projetos sociais, a distinção entre as orientações religiosas pessoais e as das instituições filantrópicas nas quais são contratados, assim como com os funcionários públicos, visando ter acesso a abordagens e manejos que não reforcem preconceitos, doutrinações com seu corolário de práticas punitivas.

A natureza do trabalho que realizamos com as crianças e adolescentes leva-nos a ter que lidar com valores e preconceitos, com as diferenças de raça, religião, gênero, assim como, as opções e condições sexuais. Observei a necessidade de estudos, diálogos e novas formações para capacitarmo-nos à abordar adequadamente tais questões.

Ao trazermos a dimensão bidimensional e pensarmos no binômio explorador-explorados, ampliamos a complexidade do problema, pois, além das políticas públicas terem de cuidar e proteger as crianças e adolescentes enquanto sobrevivência física há que se cuidar da saúde mental de tais cidadãos.

### **3 – A visão do ser humano tridimensional.**

Convido-os a refletir sobre a visão tridimensional através de outra contribuição de Leloup, pois penso que podemos enriquecer ainda mais nossa visão sobre o ser humano:

“Há o soma, há a psique e há também o que os gregos chamam *nous* que corresponde aproximadamente à palavra Espírito, em português. (...) Ao nível da experiência, podemos verificar em nós mesmos. Não se trata somente da inteligência analítica ou da inteligência racional. Não se trata do mundo da emoção e do mundo do sentimento. Trata-se deste tipo de inteligência contemplativa que, na antropologia semita, terá o nome de “coração inteligente”. É uma inteligência silenciosa. E a experiência, no homem, de um espaço e de um silêncio além do mental, além das emoções, além das sensações”. (Leloup, pág. 54,1998).

Considerando que o termo *nous* não tem uso freqüente no cotidiano, tão pouco na literatura do campo da Saúde Coletiva, avalio ser esclarecedor recorrer-mos à um Dicionário de Filosofia (Mora, pág. 516,1998):

“O termo grego *vous* e sua transcrição *nous* emprega-se amiúde, em textos filosóficos. *Nous* é utilizado em grego em vários sentidos: (1) como faculdade de pensar, inteligência, espírito, memória e, às vezes, com na *Odisséia* (VI, 320), sabedoria; (2) como o pensamento objetivo, a inteligência objetiva; (3) como uma entidade (impregnada de inteligência) que rege todos os processos do universo. O sentido (1) é freqüente em Aristóteles, que concebe o *nous* como a parte superior da alma (...) (2) Nesse sentido traduziu-se com freqüência *vous* por *intellectus* (...) O sentido (3) é o que lhe dá Anaxágoras (ver Espírito). A combinação dos sentidos (3) e (2) encontra-se com freqüência nos neoplatônicos. Assim o vemos em Plotino, para quem o *vous* é a segunda hipóstase emanada do Uno e emanadora da Alma do Mundo. O *nous* plotiniano é, portanto, o ato primeiro do Bem e está para o Uno, assim como o círculo está para o centro. (...) Não é, contudo, pura forma: o *nous* tem matéria e forma, se bem que, sua matéria também seja de caráter inteligível. Para alguns neopitagóricos, o *vous* é a unidade das idéias (e dos números, ou dos “números-idéias”, ou “ideais-números”).”

Compreendendo *nous* como inteligência, campo das relações capazes de produzir acordos inteligentes e construtivos baseados na razão comunicativa (Habermans, apud Uribe Rivera, 1995), assim, tal conceito nos dá sustentação teórica, para que no cotidiano do projeto “Rotas Recriadas” se valorizar a possibilidade e as implicações da construção de contratos relacionais, terapêuticos e institucionais. Tendo na elaboração do “Projeto de Vida”, realizada pelo adolescente e o terapeuta de referência, a materialização dessa inteligência. Isto é, que os adolescentes passem a conseguir expressar seus desejos, compreender os vários aspectos de sua vida e ser sujeitos nos seus projetos. Ganhando o discernimento de que seus acordos são realizados em conjunto, com o Outro, dando-se com o profissional, o colega, o namorado, o irmão ou nas situações sedutoras com o aliciador, o traficante e o explorador.

Ao refletirmos sobre os adolescentes que vivem situações de exploração sexual, ampliando a compreensão através do entendimento da dimensão noética, enquanto uma potencialidade humana, que todos nós realizamos sem nos darmos conta, coloca-se a questão das condições necessárias para essa vivência. Condições não só materiais, de recursos terapêuticos, mas também, a possibilidade de construção de vínculos afetivos e solidários, para serem referência e suportes no cotidiano, a fim de constituírem relações de confiança e de ser acordado com o adolescente o processo de experienciar relações menos tensas e mais afetivadas, as contribuições das técnicas de relaxamento, trabalhos corporais, ou seja, do vivenciar dinâmicas grupais e atividades que fortaleçam a auto-estima e os vínculos, preferencialmente, a serem exercitadas no campo da arte-educação. Nessa perspectiva justifica-se a utilização de abordagens diversas e penso que essa “competência” não está instituída, isto é, que os profissionais ainda necessitam apropriá-la.

Os adolescentes que vivem em situações de rua e são explorados sexualmente usam com frequência o termo “quando a gente tá na nóia”. Faço um paralelo entre “nóia” e dimensão noética, não na busca de semelhanças, pois são de naturezas gramaticais diferentes, mas suponho que, para esses adolescentes, as condições de acesso aos prazeres dos diferentes êxtases, como o orgasmo genital e as “viagens” através do uso de substâncias psicoativas, ou seja, de atingir estágios diferenciados de consciência, pode tornar-se um empobrecimento de possibilidades relacionais e existenciais por somente conhecerem esses caminhos, além dos efeitos colaterais e dependência química que as substâncias psicoativas provocam, assim como da maior vulnerabilidade para as doenças sexualmente transmitidas e dos riscos de gravidez não planejada.

Ao observar as adolescentes que vincularam-se ao “Rotas Recriadas” e estiveram na Casa de Acolhimento podemos propor uma correlação entre os “estágios” por elas expressados e as dimensões citadas.

É visivelmente notáveis as mudanças que ocorrem nos três primeiros dias, quando se sacia a fome, o frio, o cansaço e a falta de banhos, isto é quando se dá a satisfação somática.

Os sete primeiros dias são fundamentais na construção dos vínculos delas com a equipe, sendo período no qual a “fissura” e a dificuldade de permanecer em uma instituição e em espaço fechado se manifestam fortemente; podemos chamar de crise, pois há sofrimento e enfrentamento dos conflitos entre voltar para a rua ou olhar para si mesmo, momentos nos quais os profissionais podem contribuir no entendimento do processo que estão vivenciando e cuidar da dimensão psíquica.

Após um período maior de estadia, que é variável, mas não inferior a um mês podemos inferir que inicia com mais autonomia e a participação na construção de contratos.

#### **4- A visão do ser humano com quatro dimensões:**

“... são o soma, a psique, o nous e elas estão atravessadas pelo Pneuma. O Pneuma é o sopro, o grande sopro da vida, a energia criadora (...) Trata-se também de introduzir o Pneuma em nossa psique. (...) Não seremos mais o objeto das nossas emoções, mas nos tornaremos o sujeito de nossas emoções. (...).

O que me parece interessante é que esta visão do homem não é um objeto de crença ou de revelação, mas é o aprofundamento de uma observação que tem seu ponto inicial na matéria. É preciso interrogar-se sobre o que anima esta matéria, e entrar neste silêncio existente no íntimo de todas as coisas. Entrar neste sopro que não destrói nada do que existe mas que abre o coração e o torna livre, que abre a inteligência e a torna livre em relação a tudo o que ela sabe. E a conduz um pouco mais longe.( Leloup, pág. 56 e 57, 1998).

O autor ao trazer essa quarta dimensão, ao meu ver, enriquece a compreensão do ser humano e nos dá subsídios para pensarmos que no cotidiano há necessidade de ter espaços para as subjetividades, para criatividade e que estamos sempre aprendendo sobre os sentidos mais amplos da vida. Aprendendo e apreendendo os sentidos ou criando sentidos. Essa é uma discussão que não podemos desenvolver neste momento, mas Leloup aponta para as implicações do uso de tal concepção e penso que ao tentarmos agir com essa inspiração, repensamos as ações com as crianças e adolescentes podemos assim buscar

significação para os papéis e a responsabilização profissional e existencial nossa, dos técnicos. Isto é, que cada ato profissional poderá ter ressonância na existência daquela criança e adolescente, como também para o terapeuta, para o educador, para o arte-educador, etc, que estiver atuando.

Se considerarmos a dimensão do pneuma poderíamos pensar que sua tradução no mundo da vida seria a construção de uma política pública pavimentadora de novas relações sociais, ou seja, que tenha maior comprometimento com a vida.

Considerando que estamos trabalhando com a tarefa de refletir sobre a implementação de um projeto, que se tem a pretensão de tornar-se uma política pública, poderíamos usar outros referenciais do humano tais como a discussão acerca do sujeito epistêmico ao sujeito político de Testa, poderíamos usar a teoria da correlação de forças de Gramsci, poderíamos discutir a questão da razão comunicativa de Habermas, dentre tantas. Por que escolhemos Leloup? Porque não estamos refletindo a partir de explicações, mas a partir da sua expressão; porque buscamos uma rede articulada de entendimento e de explicações que relacionem ou caibam para explicar o micro no macro e vice-versa; porque estamos lidando com o sofrimento humano no limite da sua condição. Na situação limite que contradiz todas as possibilidades teóricas de reconstrução.

Partimos concordando com Marx sobre a inexistência de uma qualificação do Ser Humano sem predicados, mas estamos implicados com o quê fazer. Sem cair na armadilha teleológica total da construção eventualmente arbitrária e autocrática do Homem Novo (Marcuse-Homem Unidimensional), buscamos sim o enfrentamento dessa situação de exclusão que longe de ser “coisa de pobres e marginais”, cada vez mais freqüentemente bate à porta de todos, os homicídios dentro da rede social que seria de apoio, nas relações de confiança são cada vez mais freqüentes em toda malha social. Podemos analisar a história e formular brilhantes teorias, mas queremos agir nela para transformá-la em algo melhor para esta e próximas gerações. Assim, da mesma forma que pode ser artificialmente arbitrário o olhar antropológico do homem do ponto de vista marxiano, ou do ponto de vista freudiano, ou rogeriano, ou durkheimniano, assumimos a arbitrariedade para nós mais fecunda de olhar antropológicamente como Leloup, inspirado nos Terapeutas do Deserto, dado que nosso compromisso é com o cuidado.

Concluindo, penso haver aprendizados a serem obtidos em vários níveis. Sendo um deles a reflexão quanto à questão da exploração sexual, tal como a AIDS oferecerem para nós um aprendizado a respeito das conseqüências do processo de coisificação. Assim sendo, os adultos (familiares e profissionais) e a sociedade, temos uma responsabilidade enorme perante as crianças e adolescentes que convivemos e cuidamos.

Ao refletirmos sobre o ser humano, isto nos impulsiona para lembrarmos também das dobras constitutivas, ou seja, das quais se alimenta todo esse processo.

Vivemos em uma sociedade que ainda pode ser chamada de patriarcal, onde as questões de gênero trazem diferenciações ou favoritismo, em alguns aspectos mais imediatos, aos meninos e aos homens. Por exemplo, culturalmente é aceito, como também estimulado, ainda nos dias atuais, em várias regiões do país, que os rapazes iniciem suas atividades sexuais com mulheres, com “prostitutas”. Esses ganham o status de homem, a partir da vivência coisificada da genitalidade. Não raramente, as mulheres são então usadas, no mais das vezes mal pagas, desprestigiadas e cada vez mais precocemente e produzindo à diminuição cada vez maior da auto-estima.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade(...) Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo.”(Beauvoir, pág.9, 1980).

Reportarmo-nos a Simone de Beauvoir, como um reconhecimento por suas contribuições teóricas e de militância, que dentre muitas outras mulheres, trabalhadoras e intelectuais prestaram um tributo à história, aos homens e mulheres, ao denunciar as condições de submissão, crueldade e injustiças a que foram submetidas as mulheres durante séculos e ainda somos, assim como são as adolescentes exploradas com as quais convivemos. Penso que não podemos refletir sobre a questão da exploração sexual de

crianças e adolescentes sem destacarmos as questões de gênero. Por exemplo, duas adolescentes que vivem nas ruas e estão sendo exploradas, fugiram da favela no Rio de Janeiro com sua mãe, porque seu pai era muito violento e hoje são sete filhos em situação de miséria, abrigo e exploração sexual.

O movimento feminista vem dando sua contribuição histórica contra as desigualdades e opressões que sofrem as mulheres. Muito se avançou nas conquistas em termos de cidadania, como o direito ao voto, de acesso das mulheres às universidades, ao mercado de trabalho, mas devemos observar que as conquistas deram-se na polaridade masculina da competição, da falta de tempo para os afetos, etc.

Essa prosa, ao pé da fogueira, esquentou. Observemos mais uma chama:

Nós, seres humanos, que somos muitos, de diversas culturas e personalidades, de subjetividades múltiplas, cada qual com suas dificuldades relacionais, temos também nossa dimensão feminina e a masculina. Desde as décadas de 60 e 70 vem sendo trazidos para o debate na cultura ocidental, conceitos utilizados milenarmente nas tradições orientais, dentre os quais o yin e o yang, contendo a discussão da polaridade masculina e feminina, que existem tanto nos homens como nas mulheres.

“o yin corresponde a tudo o que é contrátil, receptivo e conservador, ao passo que o yang, implica tudo o que é expansivo, agressivo e exigente(...) Na cultura chinesa, o yin e o yang nunca foram associados a valores morais. O que é bom não é yin ou yang, mas o equilíbrio dinâmico entre ambos, o que é mau ou nocivo é o desequilíbrio entre os dois.

Desde os tempos mais remotos da cultura chinesa, o yin está associado ao feminino e o yang ao masculino.(...) A personalidade de cada homem e de cada mulher não é uma entidade estática, mas um fenômeno dinâmico resultante da interação entre elementos masculinos e femininos. Essa concepção da natureza humana está em contraste flagrante com a da cultura patriarcal, que estabeleceu uma ordem rígida em que se supõe que todos os homens são masculinos e todas as mulheres, femininas e distorceu o significado desses termos ao conferir aos homens os papéis de protagonistas e a maioria dos

privilégios da sociedade. (...) é fácil ver que nossa sociedade tem favorecido sistematicamente o yang em detrimento do yin - o conhecimento racional prevalece sobre a sabedoria intuitiva (...) a competição sobre a cooperação (...). Essa ênfase, sustentada pelo sistema patriarcal e encorajada pelo predomínio da cultura sensualista durante os três últimos séculos, acarretou um profundo desequilíbrio cultural que está na própria raiz de nossa atual crise – um desequilíbrio em nossos pensamentos e sentimentos, em nossos valores e atitudes e em nossas estruturas sociais e políticas.”(Capra, pág. 34 e 36, 1982)

A conexão com os afetos e as expressões da feminilidade contribui para maior compreensão do Outro, da disponibilidade para o cuidado. Assim podemos questionar sobre a situação das crianças e adolescentes que são explorados, os quais provavelmente não tiveram um referencial de maternagem, não foram acariciados, protegidos, orientados e cuidados. Sendo assim, uma segunda oportunidade de aprendizados, com exemplo de conduta e disponibilidades afetivas, eles poderiam ter na convivência com os profissionais das áreas sociais. Ou seja, essas qualidades devem ser avaliadas como critério de contratação dos profissionais e ou de permanência na atividade. Pelas hipóteses que levantamos sobre as determinações sócio-culturais da exploração sexual, vimos que essas ocorrem em contextos em que falta cuidado, continência ou desestruturação da rede social e afetiva, quase sempre associado a dificuldades financeiras. Podemos inferir que as relações dessas crianças com os adultos foram de descaso e violência, atitudes essas que passam a ser introjetadas, reproduzindo o processo de repressão da feminilidade ampliando e sofisticando o arsenal de agressividade, violências e crimes.

Ao colocar tal explicação devemos nos perguntar sobre a qualidade das relações construídas com as crianças e adolescentes. Qualidade não somente técnica, mas também nutritiva e respeitosa no plano relacional. Penso que os profissionais que trabalham em projetos sociais deveriam estar atentos para a dimensão da expressão da feminilidade, ou melhor, dos componentes Ying, tanto dos meninos como das meninas, que seus “procedimentos” fossem orientados e avaliados no “**como** se faz” e não só no **que** se faz, valorizando processos e relações.

Já há muitas ferramentas desenvolvidas, muitas tecnologias que chamaríamos de leves, usando a nomenclatura de Merhy (1997), disponíveis, temos assim que rearticular em forma e continente.

Na Psicologia há décadas utiliza-se caixa de areia, bonecas em sessões de ludoterapia com crianças. A Terapia Ocupacional enriquece os repertórios de atividades terapêuticas, indo desde o estímulo de atividades criativas até a re-utilização de materiais descartáveis. A Antroposofia propõe a utilização de materiais o mais natural possível, isto é, o uso de panos (algodão, flanelas), madeira, pedras, caixas de papelão, para a construção de brinquedos, com o objetivo de trabalhar a sensibilidade, a criatividade, a afetividade, ou seja, aspectos da feminilidade das crianças.

Venho acompanhando ou tendo informações sobre trabalhos de arte-educação que estão sendo realizados com adolescentes em Campinas, São Paulo, Recife, Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, os quais vão da construção de instrumentos a apresentações em shows, citando como exemplo o Grupo Bate Lata, de nossa cidade, que já tocou em vários municípios, tendo disco gravado com Caetano Veloso. Tendo ainda trabalhos nas diversas linguagens artísticas, como a grafiteagem, o artesanato, as artes plásticas, a tapeçaria e tear, além de oficinas de música, dança, teatro e coral, todas mostrando serem significativas para os adolescentes e familiares. Os relatos dos arte-educadores do Eixo Prevenir e as próprias produções que foram realizadas no segundo semestre de 2004, vem confirmando as contribuições para a sociabilidade, constituição de laços afetivos, expressão da criatividade das crianças e adolescentes. Quando interagimos com uma adolescente, que mencionada nas páginas anteriores como tendo uma história muito trágica e que tem estado agressiva, porém quando vem nos mostrar os tapetes por ela confeccionados, suas obras – primas, mostra-se próxima, afetiva e sem resistência.

Nesse estudo, além de se pensar sobre o feminino, do arquétipo da Mulher, também há que comentar sobre a Prostituta. As adolescentes que cuidamos, para além das potencialidades que nos mostram, tem todas as dificuldades já descritas, desde a falta de vínculos sociais e afetivos, analfabetismo, até a necessidade de trabalhar aspectos importantes da auto-imagem, frente ao rótulo de “prostituta” e do sofrimento de muitas por ter que transar para conseguir algum dinheiro. Observei que as adolescentes relatam seus

namoros, suas paqueras, seus problemas familiares com desembaraço, porém ao referirem-se aos seus “programas”, além de um certo constrangimento, sempre um tom de tristeza acompanha as falas curtas e entrecortadas. Uma mocinha, disse certa vez, que prefere roubar a “prostituir-se”.

Enquanto trabalho e estudo a problemática da exploração sexual de crianças e adolescentes, refletimos constantemente sobre o conceito de prostituição. Esse conceito foi se tornando um instrumento averiguador, no cotidiano, nas observações das relações institucionais e nas minhas próprias atitudes. Há um asco, uma negação da ocorrência de relações prostituídas. Mas tenho me perguntado o quanto, nós nos prostituímos no dia a dia. Na realidade como poderemos nomear uma mulher ou um homem que “vendem-se” em falsas núpcias exclusivamente interessados nas propriedades do futuro cônjuge? E muitas outras situações onde a genitalidade vendida entra forçadamente como moeda de troca, mas também como no Dicionário Aurélio (1999): a “produção de qualquer bem científico artístico, etc, com o objetivo exclusivo de enriquecer, desprezando princípios, idéias, ou a qualidade do trabalho”.(pág. 1653)

Ou seja, a prostituição não está somente nas pessoas que se assumem profissionais do sexo, pode estar em nós, como no próximo parágrafo, apontará Leloup. Sinto que é profundo, doloroso e difícil de discernir em nós, traços ou atitudes de prostituição, mas leia, respire, se pergunte e silencie:

“Em frente à Mulher que existe em nós, existe também a Prostituta. A Prostituta é a mulher que se faz objeto nas mãos do outro, demitindo-se do seu ser enquanto sujeito. A Prostituta perde sua dignidade de sujeito, perde a sua dignidade de mulher. A lei do dragão e da Prostituta é a lei da oferta e da procura. Não é o mundo da relação entre o Sujeito e a Mulher, mas é o comércio. De novo consumir ou comungar. Doar-se como objeto de consumo ou ser um sujeito de relação”.(Leloup, pág. 28, 2003)

Recordando as quatro dimensões dos seres humanos, a feminilidade e os direitos da mulher, penso que podemos dizer que há muitas e mais diversificadas prostituições do que assumimos e do que dita a moral, as religiões e a nossa sociedade

contemporânea. Penso que há de se articular movimentos sociais amplos e individuais, começando por nós mesmos, no sentido de podermos escolher o cultivo de valores e relações voltadas à constituição de sujeitos epistêmicos e políticos disponíveis para construções mais amorosas, solidárias, capazes de desenvolver acordos e convivências.

Penso ainda, que se faz urgente, lembrando o conceito de *nous*, percebermos também, os contextos vivenciados pelos homens, nos diversos universos da expressão de suas masculinidades e refletir em numa dimensão maior, por entender que hoje a rediscussão da questão da masculinidade se impõe. Exercitando relações sociais mais igualitárias e equilibradas entre os aspectos masculinos e femininos, vivenciando de modo mais confortável a amplitude e possibilidades criativas dos diversificados papéis.

Essa prosa está ficando demorada, mas penso que devemos olhar, de frente, para mais uma chama, que nos é muito difícil de encará-la, que arde, queima e cega. Olhar mais fundo, para os exploradores.

Falamos muito dos explorados. Penso ser importante pesquisar e propor ações, também, para os exploradores, como por exemplo, as que ocorrem no programa “Siga Bem Caminhoneiro” da Petrobrás, visando que os motoristas deixem de ser um “cliente” e passem a ser um “protetor” das crianças e adolescentes.

Destaco a necessidade de se refletir sobre a problemática da exploração sexual, utilizando o prisma explorador x explorado, como expressões contraditórias do mesmo processo contextualizado em redes sócio-culturais concretas.

Reafirmando que compreendo e está na Constituição Federal que a exploração sexual seja um crime, coloco um questionamento referindo-me às dimensões dos seres humanos:

O que pode levar um ser humano a optar por vivenciar a exploração sexual?

“Deixei a jovem azulada à sombra da figueira, como em um pesadelo sonho”.

Teria podido, por minha vez, derramar o sangue. Mas minhas mãos sempre tremeram diante de facas e de pedras cortantes. Teria podido emparedar-me no silêncio e na dor. Eu acreditava na vida e que todos

os caminhos partiam de uma mulher já perfurada. Então eu me entreguei a todos aqueles que tinham sede, que tinham dor, aos grosseiros, aos criminosos, aos trôpegos, aos maníacos. Aos virgens desajeitados, aos senhores venenosos.

Eu sou a mulher de Magdala. Entregue a todos porque sou bela como a vida, irresistível como o prazer e a desgraça. Eles comeram meu corpo, morderam meus ombros e minhas coxas, beberam em meu ventre. Eu os acalentei, arranhei e consolei, desprezei e lisonjeei. Arrastei-me a seus pés. E os fiz urrar com minhas carícias.

Eles pensaram que me possuíram, compraram, escravizaram, e todos partiram imensamente vazios.

Sou a mulher, a ferida, o abismo. Eles vêm todos procurar a morte junto de mim, respirar o seu vazio em minha pele perfumada e comer seu opróbrio.”(Lacordaire, apud Leloup, pág. 268, 2003)

Esse trecho remete-nos à prostituição, já mencionada e entendida nessa pesquisa, como relação entre adultos, porém recorri a essa citação por não conhecer na literatura um escrito sobre exploração sexual, com essa poética, por ter a intenção de tocar mais fundo, remetendo-nos às subjetividades, nossas e percebendo a do outro.

Avalio ser importante refletir que o explorador não é só um criminoso, é um ser humano e em grande parte das vezes, é um homem, que tem história, habilidades e dificuldades como cada um de nós. Justifico que fiz referência ao homem, posto que na totalidade dos casos diagnosticados pelo projeto “Rotas Recriadas”, não foi encontrado nenhuma situação que envolvesse uma mulher, no papel de exploradora. Porém, tomou-se conhecimento de mulheres atuando na cafetinagem, inclusive de adolescentes, no município de Campinas, esse tipo de situação, já é conhecido socialmente e na literatura específica sobre prostituição.

Reforço que os exploradores ou atores de violência necessitam que suas histórias de vida sejam estudadas, para ampliar nossa visão do fenômeno da exploração sexual. No campo da Saúde Mental aprendemos que o agredido pode introjetar aspectos dos agressores, isto se não tiver outros exemplos mais significativos que contribuam na

constituição de sua matriz de identidade (Moreno) e não tenham sido cuidados após suas vivências traumáticas e ou em suas memórias de dor, posteriormente. Assim, se não cuidado e protegido, em outro contexto, quando as correlações de força se diferenciem, o agredido, tendo algum recurso de poder, pode reviver a situação no papel oposto, o do agressor.

Estou convencida de que os atores de violência devem ser cuidados, além da tentativa de nutrir suas humanidades, como estratégia de quebrar os ciclos das violências. Evitar novos abusos e explorações sexuais, pois como sabemos, um ator de violência agride há muitas crianças e adolescentes.

Considerando o nível de conhecimento que a humanidade já acumulou, penso que temos condições sociais de lutas por direito e do saber científico-humanista, de concretizar estudos e criação de projetos que escutem, cuidem, criem grupalidades e apoio para reabilitação psico-social dos atores de violência.

Ao trazermos e partirmos das quatro dimensões do ser humano e assim repensarmos nossa prática com as crianças e os adolescentes; pensarmos sobre a natureza, a tessitura do fenômeno social e individual da exploração sexual, destacando as reflexões sobre a dimensão noética e pneumática, nas quais os processos de mediações e de re-significações colaboram na transcendência dos interesses dos pequenos grupos, na busca da construção de projetos mais amplos nas relações sociais, entramos no campo da ética.

Varela nos chama a atenção para que ao entrarmos nesse campo devemos cuidar de não nos limitarmos aos códigos da moralidade.

“ética (...) cultivá-la num ângulo não moralista é crucial para nosso confuso e desorientado mundo contemporâneo.”(Varela, pág. 12, 1992)

Considerando que a nossa cultura brasileira, predominantemente católica, é constituída ainda por com um leque de outras religiões, todas de origem cristã, podemos observar a preponderância do uso e o valor que é dado ao termo: pecado.

Observei em várias situações que o fato de ser mencionada a expressão exploração sexual, mobilizava as pessoas, tanto no cotidiano como nas relações institucionais. Num primeiro impacto percebia manifestação de repulsa ou “piedade” pelas crianças. A palavra pecado, não aparecia no nível discursivo, mas percebia-se que era estruturante no pensar, no sentir e no reagir dessas pessoas. Avalio que temos que olhar para essas relações e reações, constatar que elas ocorrem, não desqualificá-las, mas buscar entendê-las, para não interromper a possibilidade de se trabalhar a questão da exploração sexual e nem nos imobilizarmos diante esse problema. Penso ser essa condição relacional o ponto de partida para a re-significação das relações interpessoais e sociais possibilitadoras de transformações. É naquilo que temos dificuldade de olhar, de assumir, de se implicar que está a possibilidade de mudanças.

“O ‘pecado não existe’, somos nós que, com nossa imaginação doentia, não cessamos de criar e de inventar leis para o reforçar. É nossa imaginação que é preciso curar. Somos responsáveis pelo mundo no qual vivemos, desde que somos nós que o criamos. Nossa falta de “imaginação esclarecida” fecha-o o “ser para a morte” e nos encerra nos limites onde nosso coração e nossa inteligência ficaram aprisionados.”(Leloup, pág.19, 2004)

Partindo dessas compreensões colocamo-nos a tarefa ética de desvendar para a sociedade e governos que há explorações sexuais de crianças e adolescentes, porém para buscar transcender o denunciamento sensacionalista tão em voga atualmente, nos meios de comunicação e a estagnação de nossas reações moralistas e alienantes, nos está dado o desafio de colocar essa questão de um modo que nos leve, cada um de nós, os grupos, os atores sociais e os integrantes dos governos legislativo, executivo e judiciário, a questionar as determinações sócio-culturais que levam à exploração sexual.

Penso que uma das estratégias para tal intuito é a de romper uma visão imediatista e moralista, **problematizando** e publicizando as características das relações sociais, dos valores morais e culturais que geram desigualdades estruturais, violências epidêmicas e exploração sexual de crianças, uma de suas expressões mais acabadas.

“a ética está mais próxima da compreensão de que coisa deve ser o bem do que da formulação de princípios correctos.”(Varela, pág. 13, 1992)

Ou seja, entendemos o bem como passível de compreensão do que seja confortável e construtivo para determinada rede social.

Sabemos que toda sociedade possui seu código moral, posto que é necessário criar mediações para as relações. O que estou tentando chamar a atenção é para a negação de aspectos que não queremos ou não podemos ver, individual ou coletivamente, mesmo reconhecendo que é doloroso fazê-lo e que o enfrentamento da problemática da exploração sexual é trabalhoso, requer tempo e investimentos.

Conhecer na prática a exploração sexual, os vários livros que li, as reflexões e esta pesquisa propiciaram-me rever, também, os meus conceitos e valores. Sou descendente de duas famílias católicas, das quais recebi formação religiosa, que se deu no aconchego de uma pequena cidade mineira, assim identifiquei-me com a influência religiosa hegemônica.

Tive também, condições de aprender a questionar as instituições religiosas e os dogmas, por perceber que a vida pode ir além da fiscalização persecutória e punitiva.(Foucault, 1987)

Busquei ainda, conhecer outras tradições religiosas, recebendo muitos aprendizados. Saboreei os rituais, conheci suas relações institucionais, percebi a dimensão humana em cada um desses grupos, nos quais, por estarem em relação havia as hierarquias, os poderes, as vaidades convivendo com a transcendência e as trocas solidárias.

Assim me posicionando, para concluir as reflexões e trago mais uma contribuição de Leloup que nos ajuda a compreender as raízes primárias da mutilação da feminilidade em nossa cultura catequizada:

“as primeiras comunidades cristãs (...) nos deixam pressentir, infelizmente, a exclusão do feminino e, em consequência, os diferentes modos e práticas de conhecimento que inspiraram estes primeiros cristãos.

O cristianismo se ‘reduzirá’ em seguida a ser, freqüentemente, apenas uma via de ação e de moral; se ele participa na transformação do mundo e da sociedade em um sentido positivo, em direção a uma

maior coerência e justiça.(...) Ele esquece de introduzir neste mundo do pesado e do penoso um pouco de leveza que o tornará possível e suportável, um pouco de imaginação...”( Leloup, pág. 21, 2004)

Mais leveza, mais delicadeza...

Ao concluir nossa conversa ao “pé da fogueira” proponho que pensemos sobre as trajetórias pessoais e as lutas coletivas, sem deixar que a chama se apague. Perceber que ainda há brasas, que há vida, que há fogo, que há danças, que há energias!

Na busca pela delicadeza, da harmonia da feminilidade com a masculinidade, exercitar a amorosidade, re-valorizando o saber-cuidar e a criatividade, nas instituições que cuidam e protegem as crianças e adolescentes para que essas sejam re-inventadas a partir do vínculo, da humanização, onde e quando os profissionais poderão ser retro-alimentados, re-significando o seu saber-fazer e as suas vidas propriamente ditas.

A Delicadeza na reinvenção das instituições pode ser elemento na construção e ser ainda, acordada como uma diretriz a ser conquistada. Nesses processos, o planejamento do tempo profissional necessitará de ser revisto, pois cada relação terapêutica, educativa, de criação ou proteção, para ser vivenciada com amorosidade e qualificado saber-fazer, necessita de dedicação e continuidade.

A Delicadeza não se ensina ou se vende, se aprende ao exercitar com amorosidade a relação com o outro.



Do fogo-sol, do trabalho, do cultivar, das sementes nascem os frutos.

Depois de dados, conceitos, experiências e reflexões, gostaria de lhes apresentar os frutos, dentre eles os mais preciosos, que foram a voz dos adolescentes e relatos que nos propiciaram muitos aprendizados e nos alimentaram.

### **As Vozes dos adolescentes**

#### **D. 15 anos**

“Eu ficava lá na Av. Brasil, morava lá, desde os seis anos. Minha mãe bebia, aí eu saí de casa. Usei droga a primeira vez com seis anos e com oito comecei a me prostituir. Usei maconha e cola. Depois eu comecei a fumar pedra. A gente pensa que é bom, mas não é, fica com medo.

Tenho o sonho de parar de usar drogas. Ter minha filha também do meu lado.”

#### **T. 14 anos**

“Chegou a hora de mudar, né. Com dez anos saí de casa. Não dava pra ficar na mesma vida que eu estava antes. Achei melhor parar um pouco e pensar o que eu queria da vida. Porque eu não sou mais criança! Então eu achei melhor procurar o Rotas. Isso tudo que está acontecendo agora na minha vida é uma experiência nova. Tudo que aconteceu antes é passado. Quero voltar a chegar perto da minha mãe. Isso seria a maior felicidade do mundo pra mim!”

## **Os silêncios, os cochichos dos adolescentes, as histórias e as tramas:**

Ao escalar a montanha pretendi demonstrar uma das leituras possíveis da trama sócio-cultural, que tem como um dos nós a exploração sexual de crianças e de adolescentes. Olho pelos emaranhados da trama e agora não vejo somente Lilás, mas também a T.-14 anos, a D. - 15, a R.-16, a R.-14 , a P. - 13, o R.-13, o B.-16 ... Conheci seus dramas, os sofrimentos e a solidão nas tramas!

Zoom: crianças em situação de rua

Zoom: famílias desestruturadas

Zoom: drogas

Zoom: analfabetismo

Zoom: abrigos e desabrigos

Zoom: adolescência

Zoom: sexualidade

Zoom: gravidez

Zoom: desejos inviáveis

Zoom: adoção

Zoom: namorados presos

Zoom : brigas entre adolescentes

Zoom: vaidade

Zoom: solidão

Zoom: dificuldades com os técnicos

Zoom: carências

Zoom: medos

Zoom: saudades

### **O silêncio e a história de um sofrimento desnecessário:**

Uma mulher jovem, durante um trabalho terapêutico, desabafou...  
confidenciando-me, como se deixasse voar pequenos sussurros de antigas dores contidas:

Um adolescente pegou sua mão, quando menina que era, com seis anos, que de  
tão distraída que estava na brincadeira, não percebeu que o zíper de calça dele estava  
aberto. Um toque, uma sensação estranha... Ela retira a mão e ele dis-farça...

Um silêncio, a culpa, a culpa, a culpa...

Ela não sabia explicar, mas tinha cometido um pecado mortal, não tinha mais o  
quer fazer, iria para o inferno!

Culpa, silêncio, solidão...

Culpa, medo, segredo...

Os anos avolumavam-se, a auto-estima encolhia-se...

Rezas.

“- Será que Deus poderia me perdoar?!”

Pedi um sinal.

E o milagre se fez!

Anos de desculpas, trabalhos e terapias

E fez-se a perda da dor!

### **Uma dança, uma fala e uma dor a menos:**

De repente, entram na sala de aula e chamam para o teatro.

- Teatro aqui? Eu nunca vi um teatro.

Que lindo! Que teatro engraçado, eles soltam fogo pela boca! Eles tocam  
música! Elas dançammmmmmm! Que moça bonita, que saia linda, que vontade de por a  
mão na saia dela! Quando eu crescer quero ser que nem ela! Mas minha mãe não vai deixar,

dançar é pecado! Ai, eu não podia ter olhado! Olhar essa pouca vergonha é pecado! Tá tão bonito, eu queria assistir, mas é pecado.

Ahhhh, já acabou! É que eles vieram na escola convidar a gente para participar da Festa do Boi Falô. Uma tia falou que era uma lenda do nosso distrito e que na festa vai ter música, dança e macarronada para todo mundo que for.

Vai ser na praça, na frente do Banco do Brasil? Eu sei ir lá, mas minha mãe não vai deixar. É pecado ir na festa. Mas eu queria tanto ir!

“Tia me ajuda, eu pequei e a minha mãe vai ficar brava porque eu olhei a dança!”

Apavorada, com os olhos cheios d’`água abraçou-me. Conversamos, levei-a para conhecer a dançarina, para por a mão na saia dela e perceber que era comprida e que ela não estava desrespeitando seu corpo e falamos sobre o que é pecado.

Abruptamente, a pré-adolescente levanta a camiseta do uniforme escolar e mostra que estava usando um “top”, uma blusa curta e colada a seu corpo, mas pediu para guardar segredo porque usava escondido da sua mãe.

Aquela menina falou de seus desejos, de músicas de axé, atrizes e cantoras prediletas. Por suas expressões e necessidades de contato físico, fiquei preocupada, procurei pela professora da garota e foi iniciado um cuidado especial.

No dia da festa, no meio de mil pessoas, fui agarrada:

-Oi, tia!!!

-Oi, que legal que você veio! Você está sozinha?

-Não a minha mãe deixou e eu vim com a minha prima mais velha.

### **Cochichos e histórias:**

No dia 25 de dezembro, após o almoço familiar, fui à Casa de Acolhimento. O almoço natalino estava terminando, a T-14 anos, quando me vê, joga uma toalha que estava dobrando, corre e me abraça fortemente, seu corpo todo tremia e ficou entre o riso e o choro. Eu sabia que ela “ia com a minha cara”, que às vezes “fazia jogo”, mas distinguia quando simplesmente era uma adolescente. Naquele momento a T. estava sendo sincera e estava muito mobilizada. Afoita contou-me que uma profissional não ligou para sua mãe, no Natal, como havia prometido. Eu sabia que sua mãe estava muito resistente a aproximações, “que não queria nem ouvir falar no nome da filha”.

Eu não sou a terapeuta de referência dessa garota, esforço-me para respeitar e distinguir os papéis dentro do projeto e das instituições, mas precisava acolhê-la, também devo explicitar que os vínculos criados com os adolescentes me retro-alimentavam, durante os momentos difíceis institucionais e insônias nesse ano, lembrar-me dessa garota, que é quem está há mais tempo vinculada no “Rotas Recriadas” e de seus colegas, tinha me dado ânimo de continuar na “luta”.

Fomos para o quiosque que fica em frente à Casa de Acolhimento e, se contasse tudo o que ela falou naquela tarde, eu escreveria um conto.

Escutei reclamações e aos poucos T. foi ficando tranqüila. Eu já sabia que seu maior sonho era voltar para perto de sua mãe. Porém, sei também, que é filha adotiva, pois sua mãe sanguínea havia morrido, que essa teria sido prostituta e deixou sua filha com uma vizinha antes de falecer. Sua mãe de criação mora em uma ocupação, é evangélica. Disse em uma visita familiar para profissionais do projeto que a filha é uma ingrata de não considerar tudo o que fez por ela e que a adolescente não pode voltar para casa porque está ameaçada de morte - há dúvidas sobre essa informação, pois, no Sarau do Sol já citado, o seu principal desafeto encontrou-se com ela na minha frente e não aconteceu nada. As famílias dessas adolescentes residem na mesma ocupação.

T. falava muito, mudava de assuntos e de humores. Em alguns momentos era uma adolescente carente; em outros, uma mulher fazendo comentários desrespeitosos sobre uma jovem, o seu principal desafeto, com a qual tem uma dívida.

Contarei como essa dívida foi adquirida, com a intenção de trazer as histórias de duas irmãs e mostrar um exemplo de tramas.

T. era colega de R-16 e R-14. Os lábios sempre contraídos e o semblante de raiva de R-16 me chamaram a atenção. Ela tem uma certa liderança entre as mais jovens, disseram-me que briga de tapas com o namorado, um jovem que ganha a vida em faróis e mora em um bueiro. Quando R-16 volta para o barraco dos pais, na mesma ocupação da mãe de T., expulsa a irmã mais nova para as ruas, pois o mesmo é minúsculo e faltava uma cama agora conseguida através do “Rotas Recriadas”. R-16 gosta de música e de dançar.

Sinto muito carinho por R-14. Ela não sabe ler, mas, quando estive na Casa de Acolhimento, vi que desenha muito bem, desenhou árvores e flores que lembravam mandalas. Pediu para os profissionais da casa escreverem o nome de seu irmão, uma prima e do namorado que está preso na Febem em seus desenhos, subiu no maleiro do guarda-roupa e os colou. Era o lugar que gostava de ficar, chamando-o de esconderijo.

No passado recente, em uma noite as três adolescentes resolveram que iriam fazer programas. Como T. estava com uma roupa “meio feia”, a R-16 emprestou uma calça para ela. Foram para um bar, no centro da cidade, “onde a gente consegue arrumar programa facinho, facinho”. Elas combinaram um lugar de encontro quando retornassem.

Um homem levou T. de carro para um mato fora da cidade. Depois que eles transaram, ela quis ir embora. O “cara” não deixou e mostrou um revolver. Ficaram ali até o dia amanhecer. Ao chegar na cidade, o criminoso não pagou os R\$ 30,00 reais prometidos. T. não encontrou as colegas e “fumou a calça” que era emprestada, isto é, trocou a peça de roupa por pedras de crack. Mais tarde quando estava na “noia”, as irmãs a encontraram e bateram nela, ferindo seu joelho.

T. procura no outro dia um serviço que cuida de adolescentes usuários de substâncias psico-ativas, local onde trabalha uma equipe do Eixo Cuidar do projeto “Rotas Recriadas”. T. pede para sair da rua e por ela foi acelerada a inauguração da Casa de

Acolhimento, o que deu muitos ruídos. Três dias depois, uma nova integrante chega ao novo serviço; quando as adolescentes se olham, era R-14. Manejos para que os técnicos mantivessem-na ali, cuidados. Começaram a conviver, como vários irmãos adolescentes, que brigam de vez em quando.

Dias depois, vivemos uma experiência muito forte, com uma terceira integrante, a D.15, me estenderei no relato pois acho importante vocês conhecerem um pouco mais essas adolescentes.

Essa adolescente gosta de fazer tapetes, aprendeu a fazê-los na Febem, quando lá ficou um ano e oito meses após ter tido uma filha, sua quarta gravidez. Como a sua mãe bebia, tinha ido para as ruas e, com seis anos, começou a usar drogas e, com oito, a ser explorada sexualmente. Ao retornar da Febem, descobriu que o juiz havia permitido que sua filha fosse adotada, o que lhe traumatizou profundamente.

Naqueles dias, D. estava “encanada” que seu namorado, que segundo informações era chefe de tráfico de drogas (mas não sei o tanto que era verdade ou fantasia de namorar “um cara da hora”), que este rapaz estava namorando uma outra menina. D., após um telefonema, quando confirmou “a traição”, começou a bater a cabeça nas paredes, seu sangue deixou marcas em suas roupas, nos móveis e nos quatro homens que conseguiram contê-la. D. chorou muito e perdeu bastante sangue. Após muitas conversas e ajudas de colegas do “Rotas Recriadas” que foram dar uma força, todos os envolvidos foram se acalmando, até a chegada da ambulância, após a ameaça de acessarmos uma autoridade, que chegou cerca de três horas após a primeira das várias chamadas. A R-14 ficou muito brava e começou a chorar:

- Eu não confio mais em você! Você disse que iria levar ela para o hospital porque ela bateu muito a cabeça e precisava fazer exame. Mas esses caras amarram a gente, olha o meu braço, ainda tá roxo. Eles prendem a gente e dão aqueles remédios que deixa a gente tonta. Ela é minha amiga e daqui vocês não vão tirá-la!

Depois de conversas, inclusive com os auxiliares de enfermagem da ambulância, R-14 foi ajudar a escolher a roupa para D., que estava tomando banho e ofereceu uma de suas camisetas mais novas. T., que também estava junto, me deu uma dura, quando sugeri uma calça de moletom, pensando no tamanho de D.

- Imagina, ela tem que ir bonitinha. Toma essa calça.

A referida peça, também era uma das melhores roupas dessa outra adolescente.

No próximo final de semana, D. estimula a R-14 a saírem da Casa de Acolhimento. Poucos dias depois, R-16 brigou com a D., que é irmã de seu namorado, as duas com pedras nas mãos, porque esta havia tirado sua irmã da referida casa. Chamo a atenção para esses atos e manifestações, pois penso que precisamos escutar o que esses adolescentes estão berrando, que é assim que conseguem se comunicar, reproduzindo o que aprenderam.

Zoom: jardim, verde, quiosque, natal.

Proposta 1: encontrar uma forma de pagar a dívida da calça.

T. e eu continuávamos a conversar, quando aproxima-se G-14, que estava contente pela festa de Natal que tiveram; enquanto me contavam as comidas que tinham na ceia e o tanto que comeram, chega R-13. Uma dessas adolescentes sem o menor constrangimento, fala que o garoto “era baixinho assim de tanta pedra que fumou”. Conversamos um pouco e percebi que todos estavam usando as mesmas roupas novas que usaram desde a noite anterior, que foram presentes de profissionais do projeto “Rotas Recriadas”, mas que eles escolheram e trabalharam com o limite dos valores que poderiam ser gastos, como para qualquer um de nós, estavam contentes com suas lembranças. Um detalhe: R-13, quando foi escolher a roupa, disse que nunca havia andado de elevador e, enquanto caminhavam até as lojas do centro, apontaram para o técnico acompanhante quais eram os policiais legais e quais os que batiam. Enquanto isso, outra garota cuja inicial também é D., de 14 anos, foi arrumar seu guarda-roupa, como sua mãe havia mandado. Fora a única que havia recebido visitas nos dias de Natal, antes porém, deu um pirulito e balas para os colegas, pois havia ganho um saco desses doces de sua mãe, que há pouco foi embora com o outro filho no colo.

R-13 foi tomar banho e guardar a calça nova. T. voltou às suas histórias e G14 foi logo entrando na roda de conversa. Lembrou-se que saiu de casa porque seu pai batia muito nela, mas falava dele com carinho e falou ainda de seu plano de ir morar com a mãe que reside em outra cidade com sua nova família. Avaliamos que é uma proposta viável.

A conversa ficou mais “amena”, discutiam se estavam com sarna ou não, observei os sinais e sintomas e avalei que o diagnóstico realizado por outro colega poderia estar equivocado.

G-14 retorna ao assunto de sua família, falando de suas meio-irmãs. T. foi ficando quieta, deitou-se no banco e aos poucos foi se aproximando de mim e colocou sua cabeça no meu colo, constrangida. Não tínhamos intimidade para essa aproximação, como agir? Não sou sua mãe, como lidar com sua carência? Confesso que pensei na possibilidade dela estar com sarna, mas ter a atitude mais adequada naquele momento me levou a perceber sua tristeza. Comecei a acariciar seus cabelos.

A adolescente, G-14, por respeito ou por estar alegre e não estar gostando das tristezas da colega, me disse que iria tomar banho e também guardar a roupa nova. Ficamos sozinhas e tivemos um momento de encontro, ela falou das saudades de sua mãe, da “chatice de ficar ali trancada”, dos esforços que está fazendo para “mudar de vida”. Nisso, passa um jovem do programa de dependência química, que ela achava lindo.

Em outra situação, T. havia dito como era “ruim fazer programa, que ela tinha ficado, um tempo, com nojo de homem”. Começamos a conversar sobre as paqueras e como era lidar com o contrato de que naquela instituição eles não podem ter relações sexuais. Eu perguntei:

-O que é mais difícil de segurar, não usar drogas ou não transar? (aqui transar se refere ao namoro e paquera entre adolescentes e não situação de exploração sexual)

T, ficou muito pensativa e falou com uma convicção, que veio lá de dentro:

-Não transar.

Aos poucos, T. foi ficando mais alegre e voltou a se sentar. Começamos pensar em propostas para o ano 2005:

1 – Pagar a dívida da calça.

2 – Quando lembrei das aulas que estava tendo no centro de saúde com uma senhora, (que tem a história de ter cuidado muitos anos de seu filho, que faleceu devido uma dependência química, atualmente, professora aposentada, que participa do Grupo da

Melhor Idade e oferece um trabalho voluntário), T. disse querer ir para uma escola de verdade.

3 – Fazer o curso de fotografia, que será oferecido na instituição que abriga a Casa de Acolhimento..

Nesse momento, um profissional vem me pedir carona e percebemos que as horas tinham passado. Entramos na casa e, enquanto me despedia das outras meninas, T. fez questão que olhasse seus cadernos, inclusive um deles que eu já conhecia.

T. me acompanha até o carro e pela primeira vez me fala de uma cicatriz que tem no rosto, devido a uma briga, na qual foi cortada por um caco de vidro.

Proposta 4: Pesquisar se é possível T. fazer uma cirurgia plástica.

-Tchau. Feliz Natal!

- Tchau. Feliz Natal!

Uma novidade, a mãe de T. participou de reuniões com a equipe técnica e compareceu a um encontro com sua filha. T. está radiante e esperançosa!

Como fizemos uma reflexão dando um distanciamento da história de Lilás, proponho que, após esses “causos”, também o façamos.

A menina-mulher que carregou um segredo, um pecado, levava décadas para elaborar sua culpa por uma situação que não tinha cometido nenhum erro; pelo contrário, havia reagido. Como Lilás, ela teve condições de fazer terapia, o que muito a ajudou. Após as reflexões do capítulo Fogo, podemos compreender as várias implicações, sobre a subjetividade daquela criança, interferindo negativamente em sua auto-estima, seu sofrimento devido ao “pecado”, devido a introjeção de uma moral religiosa, mas sem diálogo com os adultos, pois os códigos morais são para orientar, proteger e não vitimizar, aprisionar. Como são passados os valores e a religiosidade para as crianças? Como uma criança de seis anos pode condenar-se a ir para o fogo do inferno?

A aluna que não podia ver a dança porque era pecado estava com muitos conflitos de pré-adolescência com sua mãe. A professora e a profissional do centro de Saúde que, por boa coincidência era a mesma que cuidou de Lilás, estavam fazendo rodas de conversa sobre o manejo de algumas situações e essa menina teve uma atenção especial. Não manteve contato, mas ficou-me o pressentimento de que estava no caminho de ir para a exploração sexual ou de introjeção de traços de personalidade que dificultariam seu projeto de vida.

Avalio que os relatos de T. e de seus colegas exemplificam e reforçam o que tinha sido explicado no trecho da montanha, suas histórias e condições de vida.

Tinha como propósito central trazer para esse texto um pouco das vozes dos adolescentes, para que se façam ouvir e iniciem seus protagonismos, na defesa de seus direitos e por seus projetos de vida.

Penso que tais relatos exemplificaram como são os adolescentes que conhecemos, como se davam nossas vivências e muito pouco dos manejos, sobre os quais muito nos ensinaram.

Muito poderíamos analisar, mas a intenção foi demonstrar, não uma fotografia, como as apresentadas para conectarmos com nossa criança interna, mas um relato-imagem, para que os leitores pudessem se aproximar desses adolescentes. Aprender com eles e no papel que ocuparem na sociedade contribuir, com delicadeza, nas concretizações dos direitos das crianças e dos adolescentes.

### **Na procura por situações de exploração sexual encontrou-se abuso sexual**

No caminho, nas tramas, também fomos nos deparando com muitas situações de violência sexual intra-familiar. Por sabermos das implicações nas subjetividades das crianças, pela inexistência de profissionais para orientar e cuidar dessas famílias, pela correlação encontrada na literatura entre abuso e exploração sexual, ampliamos a missão do projeto “Rotas Recriadas”, incorporando essa clientela às nossas ações.

O silêncio, o medo dos envolvidos e a subjugação na trama familiar eram constantes. Propiciar espaços protegidos com acolhimento e repertórios que facilitem o diálogo familiar, oferecer uma relação terapêutica para os que tiverem necessidades, penso que são ações tão relevantes e necessárias de serem implantadas quanto termos um pronto-socorro municipal.

Não encontramos somente tramas, mas também nós e fios embaraçados...

### **Olhar para os dois polos da relação – o agredido e o agressor**

Queremos interferir no ciclo de violência, por isso, estamos convencidos da necessidade de criarmos um serviço que atenda homens, mulheres e, principalmente, jovens autores de violências. Iniciamos a busca de recursos para acolher e orientar essas pessoas, ainda sem retornos positivos, mas tornou-se uma das metas a serem atingidas.

Segundo uma busca de informações, constatamos que são raríssimas as experiências de trabalhos com os autores de violências. A equipe do projeto “Rotas Recriadas” realizou um “Encontro de como cuidar dos autores de violência”, em novembro de 2004. Nos relatos e reflexões, confirmou-se não somente a necessidade, mas um arcabouço teórico norteador e as metodologias disponíveis que já demonstraram resolutividade para esse tipo de necessidade. Em um dos relatos de experiência com autores de violências não sexuais, um profissional muito competente, que por cautela não posso identificá-lo, demonstrou que cerca de 70% dos adultos que participaram dos trabalhos em grupo não reincidiram em atos violentos. Considerando que a amostra era relativamente pequena, os três ou quatro casos de reincidência e um de suicídio interferiram na referida porcentagem.

Destaco duas das falas desse profissional: Um homem que batia em sua esposa, após ser denunciado e “obrigado” a participar do referido trabalho pela Justiça, disse que sua vida havia mudado, que ele agradecia sua mulher por tê-lo denunciado e que tinha sido uma pena ela não ter feito a denúncia antes.

Um policial, alto e forte, que vinha demonstrando dificuldade de se soltar no grupo e não conseguia olhar nos olhos dos participantes, após um trabalho corporal chorou e disse que começou a matar para provar para seu pai que ele era homem. Infelizmente ele havia sido um dos que mataram as crianças na chacina que ocorreu nas portas da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro.

É isso, temos que olhar para essas pessoas que fazem esses tipos de crimes, que nos indignam, que nos entristecem, causando-nos repugnâncias, mas eles precisam de ajuda, de limites para não prejudicarem outras famílias e para que eles também possam ser libertos de suas “prisões psíquicas”.

Trouxemos a Voz das adolescentes, seus sussurros e histórias. Para ampliar a compreensão do fenômeno social, colocamos no “palco” os atores de violência e convidamos a platéia-leitores para suas contribuições.

Com muito respeito e gratidão, gostaria de destacar a voz dos profissionais do projeto “Rotas Recriadas”. Por eles serem muitos, proponho ser representados pelas coordenadoras de cada eixo, transcrevendo trechos de suas falas, as quais foram publicadas em um material de divulgação do “Rotas”. Registrar os produtos de seus trabalhos – Frutos e Sementes, para serem utilizados como contribuições em novos projetos, penso ser a maior gratificação para meus colegas.

### **Eixo Buscar e Diagnosticar**

“O Eixo Buscar e Diagnosticar ... se configura em grande parte no Programa Rotas Recriadas por meio da ação dos Educadores Sociais de Rua, que são profissionais pelos quais tenho extrema admiração; uma vez que realizam um trabalho diferenciado percorrendo os locais em que se encontram as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade pessoal e social; o qual envolve um trabalho inicial de aproximação, desenvolvimento de vínculo e como consequência o encaminhamento para a rede de atendimento do Programa Rotas. É um programa que deve ter como premissa uma visão

bio-psico-socio-cultural desta problemática, respeitando e valorizando a intersectorialidade proposta.”

Paula Maria Grael

Psicóloga – Secretaria Municipal de Assistência Social

O trabalho e as dificuldades dos Educadores de Rua confirmaram a relevância de seus trabalhos e reafirmaram que é necessário ter um processo seletivo para o desempenho de tais atribuições, com critérios técnicos das ações a serem desempenhadas e o perfil claro de quem deve ser escolhido. Para uma abordagem qualificada é necessário manejos e amorosidade, com capacidade de criar vínculos, de leituras das realidades de crianças e adolescentes não preconceituosas e sim, com capacidade de iniciativa.

Confirmou-se que as ações de abordagem nas ruas centrais devem ser realizadas à tarde e a noite; já na periferia os educadores sociais puderam contar com informações das escolas, dos núcleos assistenciais, dos agentes de saúde e dos próprios centros de convivência. A comunidade sabe dos casos de exploração, porém o medo e o fato de não se ter para onde encaminhar as crianças e adolescentes constituem o problema.

Avaliou-se ser mais resolutivo e seguro que os educadores sociais andassem sempre em duplas e de preferência uma pessoa do sexo feminino e uma do masculino, sem distinção de condição sexual.

Quanto ao Diagnosticar, foi elaborada, por técnicos das citadas secretarias, uma Ficha de Notificação e construído um Sistema de Informação, o qual poderá ser acessado por todos profissionais que estiverem interagindo com um adolescente, mantendo o Projeto de Vida atualizado e com informações sobre os últimos contatos realizados. Avalio ser uma grande contribuição do “Rotas”; transcreverei a Ficha de Notificação para que possa ser uma referência para a elaboração de outros instrumentos em demais municípios, estados e para o nível federal.

## Projeto Rotas Recriadas

### Ficha de Notificação de suspeita ou confirmação de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes

1 - Notificação: **\*\* Situação: SUSPEITA CONFIRMADA**

\*\* Data da Notificação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\*\* Unidade Notificadora (Serviço):

\*\* Profissional Responsável pela Notificação:

Advogado  Conselheiro Tutelar  Médico  Professor

Agente Comunitário de Saúde  Dentista  Merendeira  Psicólogo

Agente Cultural  Diretor  Monitor  Terapeuta Ocupacional

Arte Educador  Educador Social de Rua  Orientador Pedagógico

Assistente Social  Enfermeiro  Polícia Civil

Auxiliar de Enfermagem  Guarda Municipal  Polícia Militar  Outros Profissionais

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**2 - Identificação da Criança/Adolescente: Registro no serviço:** \_\_\_\_\_

\*\* Nome / Apelido:

\*\* Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ IGNORADA

\*\* Sexo: masculino feminino Idade: \_\_\_\_\_

Raça/Cor: branca preta parda amarela indígena

Filiação: \*\* Mãe: \_\_\_\_\_

\*\* Pai: \_\_\_\_\_

Responsável(is) Legal(is): \_\_\_\_\_

\*\* Grau de Relacionamento do responsável legal: \_\_\_\_\_ (Utilizar numeração da tabela abaixo)

\*\* Endereço (Rua, Av., Quadra):

Nº: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ Telefone para contato: \_\_\_\_\_

Ponto de Referência:

Dorme na rua:  Sim  Não

Reside com: \_\_\_\_\_ (Utilizar numeração da tabela abaixo)

01 - Amiga 02 - Amigo 03 - Avó 04 - Avô 05 - Companheira 06 - Companheiro

07 - Esposa 08 - Esposo 09 - Irmã 10 - Irmão 11 - Madrasta 12 - Mãe

13 - Namorada 14 - Namorado 15 - Padrasto 16 - Pai 17 - Os Pais 18 - Patrão

19 - Patroa 20 - Prima 21 - Primo 22 - Tia 23 - Tio 24 - Tutor

25 - Tutora 26 - Vizinha 27 - Vizinho 28 - Ignorado 29 - Outros

Cidade de Nascimento: \_\_\_\_\_

Cidades em que residiu antes de Campinas (até 03): \_\_\_\_\_

Frequenta atualmente (assinalar e anotar o nome da instituição):  
Centro de Saúde: \_\_\_\_\_  
Creche: \_\_\_\_\_  
Escola: \_\_\_\_\_  
Núcleo: \_\_\_\_\_  
Serviço (emprego): \_\_\_\_\_  
Outros: \_\_\_\_\_  
Se frequenta escola, qual série: \_\_\_\_\_

## 6 - Histórico da Notificação:

### Descrição Sumária da Situação

Foi encontrada: **Só Acompanhada de Criança/Adolescente Acompanhada de Adulto**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Encaminhamentos: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### 5.1 - Tipo de Violência Associada

**SIM NÃO** Causador(es)

Prováveis

1. Violência Física ( )
2. Violência Sexual ( )
3. Violência Psicológica ( )
4. Negligência ( )
5. Abandono ( )

**\*\* Causador(es) Provável(eis)** (Anotar nº da lista abaixo)

01 - Amiga 02 - Amigo 03 - Avó  
04 - Avô 05 - Companheira 06 - Companheiro  
07 - Esposa 08 - Esposo 09 - Irmã  
10 - Irmão 11 - Madrasta 12 - Mãe  
13 - Namorada 14 - Namorado 15 - Padrasto  
16 - Pai 17 - Os Pais 18 - Patrão  
19 - Patroa 20 - Prima 21 - Primo  
22 - Tia 23 - Tio 24 - Tutor  
25 - Tutora 26 - Vizinha 27 - Vizinho  
28 - Ignorado 29 - Outros

### FICHA DE NOTIFICAÇÃO DE SUSPEITA OU CONFIRMAÇÃO DE EXPLORAÇÃO SEXUAL COMERCIAL

Nº Notificação \_\_\_\_\_ >Campos marcados com \*\* são de (Anotar nº informado pelo sistema) preenchimento obrigatório

#### 3 - Antecedentes Criança/Adolescente:

Escolaridade anterior: Nunca frequentou escola

Nome da última escola que frequentou: \_\_\_\_\_

Ano em que parou de estudar: \_\_\_\_\_

Série que atingiu: \_\_\_\_\_

Foi vítima de violência doméstica ? ( ) Sim ( ) Não

Que tipo: Física Sexual Psicológica Negligência Abandono

Já trabalhou no mercado Informal : ( ) Sim ( ) Não

Em qual atividade: \_\_\_\_\_

(Anotar a correspondente à Tabela abaixo)

Venda de Balas Mendicância Panfletagem Catador Recicláveis Vendedor Produtos Alimentícios

Olhador de carros Venda de artesanato Camelô Venda de cartão de passes Venda de Jornal

Engraxate Venda de apostilas Concurso Venda Revistas Venda prendedor Roupas Venda de Brinquedos

Venda Sabonete Venda Guarda Chuvas Jardineiro Ajudante Feira Paredeiro

Cantor Outros

Idade de início no trabalho informal: \_\_\_\_\_ anos

Criança/Adolescente já passou por Abrigo: ( ) Sim ( ) Não

Criança/Adolescente já recebeu medida sócio-educativa ? ( ) Sim ( ) Não

Qual: ( ) Liberdade Assistida ( ) Prestação de Serviço à Comunidade

( ) Semi Liberdade ( ) Internação

Já morou na rua SIM NÃO Quanto tempo \_\_\_\_\_

#### 4 - CARACTERIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO SEXUAL

Idade aproximada em que começou a ser explorado (a) : \_\_\_\_\_ anos

Local onde ocorre mais frequentemente a exploração:

Endereço: \_\_\_\_\_

Ponto de referência: \_\_\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_

Outros envolvidos: Sozinho(a) Outra criança/Adolescente Adulto

Fatores associados à exploração:

Família Violência Droga Furtos

Casas de videogame Locais de Movimento Locais de tráfico intenso

Estabelecimento Comercial Estabelecimento particular Agenciadores

Outros: \_\_\_\_\_

### **Eixo Capacitar:**

“O Capacitar está especificamente ligado às questões da exploração sexual...violência doméstica e todos esses problemas que estão diretamente atingindo a criança e o adolescente e expondo-os a uma situação de sofrimento, de risco e de abuso. Esta primeira capacitação foi inter-setorial. Tivemos profissionais de diferentes regiões: educadores, assistentes sociais, médicos e agentes de saúde, pessoas que trabalham e convivem com crianças e adolescentes, seja através dos centros de saúde, das escolas, dos centros de referência, das ong's e das entidades...

Quando você faz esse trabalho, você recebe muito. Você está aprendendo com seu grupo de apoio, com a sua equipe. É um processo em que todos nós damos e recebemos, uma troca mútua... Assim, a gente acaba construindo junto.”

Maria Geralda Bernardis

Pedagoga – Secretaria Municipal de Educação

Foram capacitados cerca de 113 profissionais municipais e de entidades, todos esses estão ligados a ações com crianças e adolescentes e muitos com a questão da violência sexual; as capacitações foram realizadas nas cinco regiões da cidade. Foram realizados nove encontros, totalizando quarenta e oito horas de capacitações nos temas

sobre vínculos e redes, adolescência, sexualidade, violência doméstica, dentre elas a sexual e sobre exploração sexual. Veja síntese das avaliações dos participantes em anexo.

O diagnóstico nas capacitações e observações de vários colegas durante o ano foi sobre a necessidade de realizar um trabalho educativo quanto à sexualidade, a adolescência, violências sexuais, dentre elas, a exploração sexual, envolvendo diretamente os profissionais das escolas, centros de saúde, núcleos assistenciais e espaços da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo.

Citarei uma situação que foi vivenciada por um profissional do Capacitar em parceria com uma colega do eixo cuidar para demonstrar as várias formas de intervenção do projeto “Rotas Recriadas”: Uma adolescente de quatorze anos colocou seu filho nati-morto (?), em um saco de plástico de supermercado e jogou-o no telhado de sua casa. Devido ao mau cheiro, seu irmão e a cidade ficaram sabendo do acontecido. Muitos comentários, muitas controvérsias, impedimentos dos avós para que os profissionais da saúde cuidassem da adolescente. A escola estadual e o centro de saúde, que não atuam conjuntamente conforme se poderia, além de serem literalmente vizinhos encontraram-se em apuros e pediram ajuda a uma profissional do projetos “Rotas Recriadas”, pois os alunos da sexta série estavam ameaçando linchar a adolescente, caso ela aparecesse na escola. Após rodas de conversa com as turmas, chegou-se à proposta de implantar grupos de conversa sobre adolescência e orientação sexual. Ao perguntar para os alunos o que eles tinham achado da proposta, um deles respondeu: “Demorou, hein!!!”

Segundo o exemplo relatado, podemos perceber que o projeto “Rotas Recriadas, também criou ramificações durante sua implementação, produzindo “costuras” inter-secretarias municipais ou preenchendo espaços institucionais vazios. Reafirmou-se a necessidade de abordar, nas escolas e centros de saúde, questões sobre as relações afetivas e a sexualidade dos adolescentes, não se detendo nas discussões e ações que enfocassem a exploração sexual.

### **Eixo Comunicar:**

“A exploração sexual infantil e de adolescentes e mesmo adulta, estão envolvidas com todos os outros tipos de crime: o tráfico de drogas, o tráfico de mulheres para prostituição, o tráfico de seres humanos e órgãos, etc. Então, como a gente, enquanto um projeto...lida com a comunicação com a sociedade: os órgãos de justiça, de cuidados, de direitos e os próprios adolescentes e crianças... Precisamos diferenciar a assistência e o cuidado. Na assistência o profissional se coloca no lugar de profissional e não se envolve com a vítima... O cuidado se diferencia na medida que o profissional não se coloca como instituição. Ele doa para aquela vítima não só o seu tempo institucional, mas o seu tempo afetivo...acompanhar aquela vítima ao longo de todos os processos, isso se define como Solidariedade Operante.

Um outro ponto muito importante é trabalhar com a capacidade do ser humano de transformar um processo de trauma muito grande, que é a violência sexual ou uma exploração sexual, e fazer com que a sua vida continue. Esse é o conceito de “resiliência”, um termo da Física que define que qualquer material, que sofra algum tipo de pressão, tem capacidade de voltar ao normal ficando nele apenas algumas marcas. O ser humano tem essa capacidade! Quando o ser humano sofre uma violência ou exploração sexual precisa de alguns ‘outro significantes’ para que essa ‘resiliência’ seja desenvolvida. Ele sozinho tem uma dificuldade muito grande para isso. O que a gente chama de o ‘outro significante’? Quem é essa pessoa? È exatamente qualquer cidadão, que esteja em qualquer instituição e que cuide dessa vítima e a acompanhe ao longo do processo e aí estimule nesse ser humano o processo de ‘resiliência’.”

Verônica Gomes Alencar

Médica ginecologista, homeopata e sanitarista – Secretaria Municipal de Saúde

Trata-se de um eixo transversal, cuja necessidade foi comprovada tanto na produção de material para divulgação e educativo, quanto principalmente para fazer a comunicação, para a qual, devido à complexidade da problemática com que trabalhamos e a necessidade de proteção dos profissionais, há que se ter estratégias. Não nos deixamos

iludir pela visibilidade “marqueteira”, trabalhamos com a diretriz de dar legitimidade ao projeto “Rotas Recriadas” perante as autoridades da área da infância e juventude, o governo municipal, os profissionais que estão nos serviços das diversas áreas, os atores que militam nas questões de gênero e diversidade sexual, nos conselhos municipais. E “toureamos” o jornal local que desqualificava todos os projetos daquela gestão municipal, assim não houve exposições desnecessárias e nem desqualificantes.

O principal fruto desse eixo foi o vídeo “Rotas Recriadas” que aborda a problemática da exploração sexual e aponta uma possibilidade de mudança com a chegada do referido projeto; acompanhado de uma publicação que descreve o projeto, sua história, trazendo as vozes dos profissionais e dos adolescentes, como já esclarecido. (O vídeo e a publicação acompanham o volume da tese).

Nota feita após revisão do texto original: O vídeo “Rotas Recriadas” ganhou três troféus no renomado Festival Internacional de Gramado, em 2005, como melhor vídeo social, melhor vídeo da amostra pelo Júri Oficial e mais votado pelo júri popular. A questão da exploração sexual e a proposta do Projeto “Rotas Recriadas” ganhou divulgação nacional, cumprindo assim parte das nossas metas.

### **Eixo Prevenir:**

“O projeto tem a função, a tentativa de trilhar um caminho de transformação, mesmo que seja lento...um trabalho principalmente qualitativo... Nós acreditamos que só por meio do vínculo e de um trabalho artístico baseado no estímulo do imaginário e da criatividade é que pode haver alguma transformação. Buscamos assim, estabelecer esse contato, essa confiança, essa proximidade entre os profissionais e adolescentes que estão diretamente vinculados aos Centros de Convivência do projeto Rotas Recriadas.”

Lúcia Helena de Barros Guimarães

Agente Cultural, arte-educadora e bailarina – Secretaria Municipal de Cultura,  
Esporte e Turismo

“ É importante contar que para esses arte-educadores e professores de educação física chegaram a gente fez um processo seletivo bastante sério, bastante rigoroso. Porque a gente queria profissionais que tivessem um perfil para trabalhar com a comunidade. Que viessem não só com a sua área específica de atuação como artista, mas que tivesse esse conhecimento maior de arte-educador, criando um vínculo legal com o grupo e que pudessem de fato ajudar a essas crianças a reconstruir a sua histórias...Os profissionais estão muito felizes no que estão fazendo. Então é esse o caminho. A gente acha que o caminho que a gente está trilhando está crescendo, está gostoso, teremos bons frutos.”

Neusa das Graças Aguiar

Agente Cultural, educadora-física – Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo

Para registrar os aprendizados realizados nos centros de convivência, seria ideal um registro em vídeo das apresentações que ocorreram no Sarau do Sol, que foi uma confraternização de Natal, que agregou as crianças e adolescentes de todos os centros de convivência. As criações construídas pelos diversos grupos, com tão pouco tempo de duração das oficinas, somente vieram confirmar o que já se sabia e foi argumentado nos olhos d’água da cultura. A alegria, as expressões verbais e corporais, a presença no palco durante as danças e os teatros das crianças e adolescentes foram estimulantes e demonstraram o potencial da arte-educação.

Darei um exemplo para mostrar a diversidade de acontecimentos em um centro de convivência. Em uma determinada turma que faz aula de circo, durante uma roda de conversa a arte-educadora e uma profissional do Eixo Cuidar, enquanto vínculos foram sendo construídos, as questões pessoais e familiares sendo explicitadas, as profissionais colaboraram com uma determinada criança na criação da estratégia de dormir na casa da avó para não apanhar do pai quando este volta alcoolizado. E tem muitas outras histórias...

Os profissionais desse eixo tiveram que se adaptar aos espaços cedidos, conquistar a equipe do equipamento sede e das instituições da rede local e, apesar de terem seus salários reduzidos perante o que defendemos no início das negociações, mantiveram-se

criativos e disponíveis. Para não me alongar, pois temos relatos da especificidade de cada centro de convivência, sugiro a leitura nos Anexos do Eixo Prevenir, percebendo as diversidades das linguagens artísticas que foram oferecidas.

### **Eixo Cuidar e Proteger:**

“A exploração sexual é um fenômeno antigo...mas pontuar isso como crime...é recente e faz parte do processo de reconhecimento da criança e do adolescente como sujeitos de direito, como alguém que por estar em desenvolvimento, e portanto merecedor de uma atenção especial e de proteção. Isso tudo é muito novo. Daí a pensar em formas de enfrentamento à exploração é mais recente ainda.

O Eixo Cuidar integra o Projeto Rotas Recriadas na perspectiva de realização de atendimento personalizado e intensivo, integrando a rede de trabalho. A proposta é ofertar atendimento individual e em grupo, psicoterapia, terapia ocupacional, além da inclusão de técnica da medicina chinesa na intencionalidade de construir um projeto de vida individualizado, tendo o vínculo enquanto elemento-meio, visando o tecimento de pontos mais fortes e mais firmes na rede de suporte de cada menino ou menina acompanhado pelo Projeto Rotas.”

Ana Paula Serrata Malfitano

Terapeuta Ocupacional – contratada via Secretaria Municipal de Saúde

As ações do Cuidar vêm demonstrando ser muito potentes e criativas, desde as rodas de conversa na periferia até a criação de vínculo com adolescentes que estavam em situação de rua e se dispuseram a ir para a Casa de Acolhimento.

Temos experienciado o fluxograma proposto e percebido como há resolutividade nas estratégias de intervenção e modos de cuidar disponíveis no eixo cuidar, conseguidos também, pelas disposições pessoais, capacidade de iniciativas, formações específicas e competência da equipe de cuidadores.

Descreverei o atendimento de um adolescente, dentre os vários em acompanhamento, visando demonstrar nossa linha de atuação e a “resolutividade”, como argumentei anteriormente, ou a qualificação da vida das meninas e meninos.

O adolescente, aqui chamado de Bruno para preservar sua privacidade, tem atualmente dezesseis anos, esteve morando nas ruas desde os onze anos. Assistentes sociais já tentaram encontrar sua mãe, mas não há registro de nenhum vínculo familiar em nenhuma das cidades pesquisadas.

Bruno é portador do vírus HIV e estava vivendo nas ruas submetido à precárias condições, ainda mais, se considerarmos suas necessidades específicas. Havia relatos de que esse adolescente, para sobreviver, mantinha relações sexuais, ou seja, era explorado sexualmente. Tal situação era do conhecimento do serviço de saúde e do Conselho Tutelar, os quais não tinham conseguido que Bruno permanecesse em um abrigo.

Uma Psicóloga do Eixo Cuidar, ao receber o encaminhamento do Bruno, colocando-se no papel de Terapeuta de Referência, iniciou um processo de vinculação e, enquanto isso, buscou uma nova instituição que pudesse acolhê-lo nesse momento singular de sua vida. Quebrou protocolos ao conseguir uma vaga em uma Casa de Apoio a portadores e pessoas convivendo com AIDS, a qual recebia somente pessoas adultas. Trabalhou com o médico uma estratégia para comunicar ao Bruno o diagnóstico de ser portador do HIV. Assim esteve ao lado do Bruno no momento em que ele soube do referido diagnóstico. Vários relatos deram conta de que o vínculo entre o Bruno e sua terapeuta foi a “força” que o ajudou naquele momento difícil. Os dirigentes da Casa de Apoio, uma nova parceria conseguida para nossa rede, além de acolherem o adolescente, demonstram-se abertos para a somatória de cuidados, sendo que a terapeuta mantém seus atendimentos regularmente, dirigindo-se até aquela instituição ou saindo com Bruno para fazer acompanhamento terapêutico. A melhora do aspecto físico de Bruno vem demonstrando como sua nova situação lhe está sendo salutar. No Sarau do Sol ele estava um “gatinho” e seu projeto de vida está só começando...

Enquanto modelo assistencial, podemos perceber nesse relato que a questão da vinculação, o nível de responsabilização da Psicóloga, demonstrando estar altamente implicada, foi o diferencial. Essa profissional, por quem sinto muito respeito, tem muita

iniciativa; e ainda podemos fazer a leitura de que, enquanto buscava um local para moradia de Bruno, nesse ato, alimentou a construção da relação terapêutica e a confiança de Bruno, viabilizando ainda, o contexto no qual ela pode iniciar um processo terapêutico, para o qual também tem formação, repertórios e manejos adequados.

Na rede de serviços de Campinas, na área da Infância e Juventude, há uma oferta qualificada de ações, apesar das repressões de demandas e da inexistência de alguns atendimentos como de internação hospitalar para adolescentes em crises por dependência química. Concluindo o raciocínio anterior do exemplo do Bruno, nessa rede há recursos, cabe a nós profissionais sabermos e investirmos energia em acioná-lo.

As atividades corporais como Tai-Chi-Chuan, relaxamento, danças e ginástica harmônica têm demonstrado ser um recurso que qualifica e amplia o repertório das ofertas para os adolescentes. O perfil do terapeuta corporal, com sua formação em filosofia budista tem colaborado também nos acompanhamentos terapêuticos e nas rodas de conversas.

Podemos assim resumir o modo de cuidar:

- acolhimento na hora em que o adolescente procura o serviço ou o terapeuta.
- escuta qualificada, buscando dar uma resposta naquela hora.
- busca de construção de vínculos.
- escolha de um terapeuta de referência.
- elaboração conjunta do PETSS (modelo em anexo).
- acompanhamento terapêutico.
- rodas de conversas.
- terapias individuais ou em grupos.
- ações com os demais eixos.
- ações integradas com outros serviços.

- atividades de lazer.
- atividades para reaproximações com as famílias e escolas.
- ações específicas e singulares para cada criança ou adolescente.

A equipe do Eixo Cuidar formulou instrumentos que considero importantes integrantes de uma metodologia social, competente e amorosa, sugiro suas leituras no capítulo Anexo.

### **A Casa de Acolhimento**

Esse equipamento tem demonstrado ser estratégico no fluxograma proposto para o projeto “Rotas Recriadas”. Após abordagem, vinculação, muitas das vezes, é necessário que o adolescente fique um período na Casa de Acolhimento, primeiro porque não tem uma casa para morar, depois para se distanciar de sua antiga rede, geralmente de uso de drogas, também por estar morando nas ruas e sendo explorado sexualmente, e ainda, para que possa receber cuidados mais intensivos e acesso a recursos que potencializem seu projeto de vida.

A Casa de Acolhimento por funcionar vinte e quatro horas, prevê uma equipe multi-disciplinar, como arte-educador, educador, psicólogo e assistente social. Há que oferecer uma gama de atividades para que o adolescente não se entedie de lá ficar.

Continuar mantendo a relação com a terapeuta de referência tem demonstrado ser muito necessário. As tentativas de contatos com os familiares têm tido êxito, apesar da amostra ser pequena, demonstrando assim que alguns desses adolescentes também estavam nas ruas porque não se tinha um programa com continuidade e estratégias amplas para atendê-los.

É visível a melhora dos adolescentes que por lá passam ou permanecem em processo terapêutico. O tempo de permanência na Casa de Acolhimento tem demonstrado ser crucial para a elaboração e iniciação do projeto de vida daquele adolescente.

## **Os Centros de Defesa – CEDECA**

Os dois serviços, por possuírem suas autonomias institucionais, desempenharam suas atividades paralelamente, sendo iniciado um processo de interação com os demais eixos. O que aprendemos nesses meses é que o maior número de “casos” atendidos foram de abusos sexuais, deduzo por já terem um fluxo de demanda anteriormente construído. E ainda porque não foram encaminhadas as situações de exploração sexual que outros eixos estavam atendendo, posto que, na grande maioria dos atendimentos, o problema era a pobreza, o distanciamento da família, não havendo um explorador específico ou um aliciador a ser processado. Nem tão pouco um familiar procurando orientação e proteção legal.

Trata-se de um recurso importante e, devido à escassez de oferta em nossa cidade e região de acesso às ações jurídicas, os centros de defesa qualificam a rede de atenção do Projeto “Rotas Recriadas”.

## **O Eixo Fiscalizar**

“Participar do Projeto Rotas Recriadas é um privilégio pois trata-se de um projeto de fundamental importância no atendimento integral às crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual. O Eixo Fiscalizar objetiva criar uma rede de ajuda entre as instituições públicas que tem em suas missões a fiscalização. Enquanto coordenadora deste eixo tenho tido a oportunidade de participar de atividades dos outros eixos, e principalmente, divulgar o projeto, consolidando as relações entre estas instituições. Pudemos já sentir o resultado destas relações no momento em que nos foi possibilitado a escuta e a tomada de providências por parte da Promotoria a casos a esta apresentados.”

Antonia Cândida Coelho de Miranda

Assistente Social – Sub-delegacia do Trabalho de Campinas e Coordenadora da  
Comissão Municipal de Erradicação do trabalho Infantil de Campinas

Este eixo trouxe a possibilidade de articulação inter-institucional. Demonstrou ser muito necessário e inovador, pois segundo um relato de uma autoridade na área da Infância e Juventude, as instituições não se reuniam enquanto rede.

O Eixo Fiscalizar propôs-se também a buscar jovens em situações de maior vulnerabilidade. Foi constituído um grupo-tarefa, do qual participaram profissionais do “Rotas Recriadas”, do Conselho do CMDCA e os conselheiros tutelares dos dois conselhos atuantes na cidade de Campinas. O objetivo do grupo-tarefa foi o de realizar um mapeamento de jovens que eram conhecidos nas instituições sem resolutividade e que, portanto, continuavam em suas situações de violência e exploração sexual, sofrimentos, estando estruturados na rua ou em alguma instituição ou desaparecidos. Portanto, o grupo-tarefa mapeou os jovens já conhecidos que não obtinham os cuidados e proteções necessárias. O nome não é muito adequado, mas, para nomear a estratégia do que fora feito utilizamos uma terminologia da Saúde: a realização de uma busca ativa direcionada. Posteriormente ao mapeamento, foi planejada a elaboração de um Projeto de Vida para cada um deles e organizadas estratégias em rede para atendê-los.

### **Eixo Gestar**

“ O projeto Rotas Recriadas contribui quando ele vem acenando e dizendo: Olha, tem um problema sério! Um problema que a gente precisa estar refletindo, pesquisando e atuando... O primeiro dos nossos objetivos no projeto é a questão da sobrevivência. Nesse momento a nossa maior preocupação ~e que as meninas e meninos não morram . O segundo objetivo é qualificar as suas vidas...

O Eixo Gestar tem a missão de viabilizar a implantação e o gerenciamento do Projeto Rotas Recriadas, integrando serviços governamentais e não governamentais existentes e criando outros, de forma inter-setorial e inter-institucional. Trata-se de um grande desafio, pois sabemos da complexidade da problemática da exploração sexual e das dificuldades de integrar instituições. Para obtenção de resultados positivos há que somar-se

vontades políticas, recursos e saberes, tecendo uma rede de ações integrada, ágil e solidária.”

Eu trabalhei como coordenadora do Eixo Gestar e transcrevi tais trechos buscando demonstrar a necessidade e as implicações dessa forma de gestão participativa com representante de cada secretaria envolvida, das entidades e do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente.

Um dos aprendizados mais relevantes é que o arranjo institucional constituído gerou uma situação de baixa governabilidade para a coordenação e dispersão das tomadas de decisões, pois no cotidiano as entidades e secretarias seguiam suas normas, contextos e fluxos internos. Foi avaliada em colegiado a necessidade de se ter uma coordenação com maior governabilidade e maior contratação com as entidades, quando da continuidade do projeto.

Enquanto aprendizado penso que o fato do grupo não ter escrito junto o projeto e sim ter sido agrupado devido a um contexto político e uma possibilidade de financiamento, não propiciou a construção de um grupo gestor e sim gerou um espaço de disputa. Além é claro dos recursos financeiros em jogo “caídos do céu”, das disparidades de experiências gestoras e das personalidades envolvidas. A grande maioria dos membros do eixo gestar tinha outras atribuições, assim as atividades do projeto “Rotas Recriadas” foram um trabalho a mais.

Mas, considerando a proposta inter-setorial avalio que as ações desse eixo foram fundamentais, estruturantes e contribuíram muito para a implantação do projeto.

O texto acima relata o processo e os resultados obtidos, demonstraram que ao conhecer a totalidade das ações realizadas, podemos considerar que nos três meses, cujo o tempo da pesquisa foi possível observar, deu-se a implantação do Projeto “ Rotas Recriadas”.

Saliento ainda, que foi observado no cotidiano, junto à maioria dos trabalhadores envolvidos, posturas adequadas para com as crianças e adolescentes, implicações para com o projeto e construções de vínculos e redes de ajuda. O que ficou

para mim e equipe do projeto, como muito precioso e significativo, foram os cuidados e proteções vivenciados junto aos adolescentes, principalmente, em situação de rua, que ocorreram com respeito, carinho, somatória de olhares e otimização de ações. As avaliações qualitativas e singulares nos deram satisfações e esperanças.

Na complexidade institucional vivenciada, ocorreram os embates, os entraves, as parcerias e as superações. Concomitantemente, no plano mais sutil, lidamos com questões densas, como se houvesse um pano de fundo, onde o drama entrelaçava sombras e luzes.

Por um compromisso ético, tenho que declarar que a densidade de trabalhar com tal temática foi muito além do que racionalmente eu esperava. É pesado, é cruel, é triste e sei que é perigoso, pois não chegamos a lidar com esquemas e crimes organizados, posto que lidamos muito com a pobreza, com os excluídos dentre os excluídos. Mas é muito estimulante e gratificante pela qualificação da vida das crianças e adolescentes que conseguimos oferecer através das ações do “Rotas Recriadas”.

Faz-se ainda necessário, destacar as contribuições teórico-metodológicas, constituindo-se em metodologias sociais, que foram elaboradas pelos diversos eixos, como por exemplos, o Sistema de Notificação e Acompanhamento; e os instrumentos do Cuidar. Podemos nos antecipar e inferir que a concepção e formas de intervenções experienciadas são potentes no enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes.

Uma avaliação quantitativa também oferece referenciais para analisarmos o referido projeto. Destaco que foram somente referentes há de três meses do início de implantação do Rotas Recriadas:

<b>Eixo</b>	<b>Tipo de Procedimentos</b>	<b>Número</b>
<b>Buscar e diagnosticar</b>	Abordagem em situação de vulnerabilidade	134
	Em processo de aproximação	20
<b>Cuidar e proteger</b>	Com fichas de registro	51
<b>Craisa e equipes distritais</b>	(com Projeto de Vida = 15)	
<b>Casa de Acolhimento</b>	permanência, mas com saídas e retornos-	
<b>Externato São João</b>	apoio jurídico e sócio-psicológico	
<b>CRAMI</b>	apoio jurídico e sócio-psicológico	
<b>Prevenir</b>	Moradores em áreas vulneráveis, participantes nas oficinas	260
<b>Fiscalizar</b>	Mapeamento dos “casos mais graves” de jovens e adultos jovens	20
<b>Total</b>	Atendimento e prevenção	561

Dados do Terceiro Relatório do Projeto “Rotas Recriadas, encaminhado à Petrobras e ao CMDCA.

Os números, ainda que iniciais, nos permitem a perceber algumas tendências, como que a aproximação é possível, logo que esses adolescentes em situação de vulnerabilidade ou exploração sexual, estavam convivendo nos espaços públicos e sem cuidados e proteção.

Através dos dados do Eixo Cuidar, podemos perceber que criar vínculos terapêuticos e adesão dos adolescentes, com construção de projetos de Vida são viáveis e significativos.

Os adolescentes que passaram pela Casa de Acolhimento qualificaram muito seus projetos de vida e possibilitaram algumas proximidades com os familiares. Os números não podem justificar a relevância e a potência do referido recurso, posto que em algumas situações salvou-se vidas.

Os casos citados que foram atendidos nos CEDECAS eram em sua maioria demandas em tramitação nos referidos centros. Muitos eram referentes à abusos sexuais.

Os centros de convivência tinham suas singularidades, mas conseguiram receber as crianças e adolescentes com rapidez e com clientela significativa e vulnerável, na grande maioria estavam sendo procurados por novas vagas. Não foi uma novidade, pois sabíamos das carências desse tipo de ações nas periferias sociais. O funcionamento do Centro de Convivência na região central é estratégico e teve demanda dos que corriam maior risco.

Os vinte casos trabalhados pela força-tarefa coordenada pelo Eixo Fiscalizar foram das ações mais significativas do projeto, pois se mapeou todos os casos antigos já conhecidos pelas autoridades, Conselho Tutelar e Centro de Referência da Atenção à Saúde do Adolescente – CRAISA, que estavam sem receber assistência alguma, os tidos como “casos perdidos”, que por não concordarmos com tal afirmação e concepção, buscamos intervir. Alguns dos relatos que foram citados são desses adolescentes com os quais se conseguiu iniciar um vínculo.

Os números são indicadores, mas temos que também perceber como um dos recursos mais potente foi o agregar de atores de várias inserções que hoje defendem o Projeto “Rotas Recriadas.

A tentar finalizar esse texto, aponto que nossa tarefa agora é continuar na ação e nos estudos, investir na consolidação, não mais de um projeto, mas do “Programa Rotas Recriadas”, na divulgação da proposta pelas cidades vizinhas para ampliar as redes e rotas.

Nossa equipe está se dedicando a dois projetos filhotes:

- República Assistidas de Jovens em processo de profissionalização.

- “Tete-a-tete \_ Conversando a gente se entende”. Prevenção e cuidado aos autores de violência intrafamiliar e de gênero.

Busquei dar visibilidade para os Frutos e a alguns relatos e instrumentos que possam vir a ser Sementes, através dos quais se poderia ler uma metodologia, um “como fazer”.

Com convicção da potência e do caráter inédito, enquanto proposta de âmbito municipal do referido projeto, me sinto com a responsabilidade de destacar a necessidade de sua continuidade e criação de outros similares, em muitos outros municípios.

Espero que tenha conseguido transmitir o recado:

Com a voz das adolescentes e dos profissionais do projeto Rotas Recriadas, dizemos em coro:

É viável executar ações pedagógicas, culturais, de cuidados, proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes, com resolutividade, responsabilização e delicadeza!



Um ciclo

Quatro estações

Ficaram flores, frutos,

E sementes pelo ar...

Nas relações institucionais e nas ações dos eixos do projeto “Rotas Recriadas”, foram produzidos muitos frutos, além de espinhos... No âmago dos frutos, encontram-se as sementes, que foram produzidas no processo coletivo vivenciado, que gerou aprendizados, assim como os obtidos durante a pesquisa, os quais como polens espero que possam ser espalhados pelo ar.

Sementes colhidas durante a fase de campo ou da “pesquisa em ação”:

No “caminho” que nos levou ao objeto desse estudo, partimos relatando a história de vida de Lilás e da rede informal. Buscamos salientar a singularidade, o micro e as inter-relações do privado e público. Nas tramas da vida de Lilás, houve sofrimentos, dificuldades familiares, mas sua matriz de identidade foi nutrida por afetos e “exemplos” de pessoas com mais recursos internos e externos, que se esforçavam para levar a vida. A rede informal agregava pessoas que tinham afinidades e disposições internas para ajudar, assim somávamos e éramos retro-alimentados. A partir do que enfrentamos quando foram sendo atendidos pelo projeto “Rotas Recriadas” vários adolescentes que viviam nas ruas centrais e do fato de que a equipe foi se aproximando do cotidiano nas periferias, confirmando os numerosos casos de abuso sexual e a iniciação na exploração sexual, aumentou minha compreensão sobre a dimensão, as complexidades das condições de vida – subjetivas, familiares e sociais - desses seres humanos, da missão do projeto “Rotas Recriadas” e da complexidade dos contextos e do objeto desse estudo.

Continuando o espelho entre a implantação do “Rotas Recriadas” com a experiência que tive em participar da história de Lilás, posso dizer que agregar uma rede informal por afinidades é gostoso e revitalizante, mas tentar costurar relações entre várias secretarias e entidades, embora teoricamente tivéssemos afinidades partidárias ou pela causa, foi por demais exaustivo. Ao meu ver, gastamos mais energia em infundáveis discussões internas do que para fora, ou seja, dirigidas às atividades fins que foram propostas. Mas ressalto que a concepção do projeto em ser inter-setorial é necessário e potente, como já demonstrada.

Considero que a justificativa desse estudo foi dada pela relevância social da problemática em questão e do ineditismo da experiência institucional municipal vivida. Ao se fazer esses registros, penso que atingimos o objetivo principal da pesquisa.

Ao escalarmos a “montanha”, ao estudarmos a literatura, buscando entender as tramas das determinações histórico-sócio-culturais da exploração sexual, confirmamos que o problema é de alta complexidade e também que há necessidade de continuidade de pesquisar tal fenômeno social.

Após a leitura das informações sobre os processos institucionais e as recentes ações governamentais federais, podemos afirmar que o projeto “Rotas Recriadas” está em consonância com a política nacional e que há muito a se fazer em termos de Brasil, assim como em Campinas.

Na “nascente” apresentamos o arranjo organizacional de um sistema de serviços para um determinado município, que tem a potência de oferecer as ações de educação, cultura, cuidado e proteção, necessárias para as crianças e adolescentes vulneráveis ou em situação de exploração sexual, embasando-os pelos argumentos que chamei de olhos d’água, assim penso ter defendido uma proposta que tem características de buscar a atenção integral, de valorizar a educação, a “prevenção” e a busca por qualificar a vida das crianças, adolescentes e familiares.

Perante tudo o que fora exposto, além dos frutos que citados, destaco que o recurso destinado pela Petrobrás disparou um processo, que o projeto “Rotas Recriadas” tornou-se um dispositivo de ações, reflexões e de mudanças.

Mesmo com o reduzido tempo de onze meses e os recursos financeiros de isenção fiscal da Petrobrás, conseguiu-se a implantação de um projeto grande, descentralizado e inter-institucional, tendo como o significativo resultado obtido a avaliação positiva da referida estatal, concordando em continuar o financiamento do projeto.

Durante o processo de intervenção, dentre as várias ações, produzimos coletivamente uma publicação que tinha o objetivo de apresentar o projeto “Rotas Recriadas” para os técnicos dos serviços e para as instituições. Produzimos também um vídeo o qual, através do uso de uma outra linguagem, buscou demonstrar a problemática da exploração sexual e apontar o projeto “Rotas Recriadas” como uma proposta na defesa de uma política pública para crianças e adolescentes, utilizando uma opção de roteiro e “olhar” cinematográfico que valorizasse a subjetividade.

Os três materiais, esse texto, a publicação e o vídeo, penso terem dado conta de fazer um registro que chegue aos profissionais, aos serviços e instituições, visando divulgar a importância de nos implicarmos com a problemática da exploração sexual de crianças e adolescentes e de que há possibilidades de ações concretas; ou seja, de implementação de um projeto para o nível municipal, como nos propusemos a registrar e refletir.

Nas atuações com os adolescentes, confirmamos a extrema necessidade de se trabalhar em rede, por exemplo: as ações de cuidado são resolutivas até certo ponto, tem-se que somar com as ações da Casa de Acolhimento, assim como utilizar a sala de transição da Educação para facilitar o ingresso ou o retorno à escola.

Não havia um ator coletivo que oferecesse sustentação para o projeto “Rotas Recriadas”. O controle social foi parcial, pois, quando da elaboração do projeto, não havia representantes de jovens e sim dos movimentos populares, que na situação era uma psicóloga, junto ao CMDCA. Assim sendo, avalio ser necessário um processo educativo permanente, preocupado com o protagonismo dos adolescentes, participação nas conferências da criança e juventude, além de outras instâncias de controle público das políticas sociais.

Sementes colhidas ao realizar essa pesquisa-registro:

A proposta dessa pesquisa era da construção de uma visão panorâmica sobre o projeto “Rotas Recriadas” e do fenômeno da exploração sexual. Vários registros e informações ao serem disponibilizados, criaram uma rede, uma paisagem ou um mosaico.

Não me propôs a fazer uma avaliação clássica quali-quantitativa do projeto Rotas Recriadas, posto que o tempo de implantação-observação e o papel que desempenhei, me restringiriam. Tão pouco me propus a fazer um trabalho com densidade teórica, aparentemente erudita, mas sim, uma busca de conhecimento pró-ativo frente à uma realidade e sofrimentos cruéis.

A riqueza de informações e ao mesmo tempo as dificuldades devidas o embricamento entre a pesquisa e a ação, acrescidas ao estilo de redação escolhido, possibilitaram produzir um texto que avalio ter formado um determinado desenho, a imagem panorâmica pretendida da problemática da exploração sexual e de um arranjo organizacional de prevenção, cuidado e proteção às crianças e adolescentes.

Assim sendo, foram abordados, ainda que não na profundidade desejada, vários campos do conhecimento, em consonância com à natureza do objeto pesquisado, que se propôs operacionalizar através da inter-setorialidade, produzindo um texto que não se pode conter no recorte do estudo de uma “parte” e/ou uma especialização. A tarefa foi tentar pensar referenciais que sustentassem uma prática articuladora de espaços de especificidades.

Ao realizar esse estudo, repensei questões sobre a mulher, a feminilidade, a prostituição. Aprendi uma abordagem de visão que amplia a dimensão do ser humano, além da concepção teórica metodológica do projeto. Assim considero que capítulos ou trechos desse estudo podem colaborar em capacitações de trabalhadores sociais ou dos profissionais que especificamente atuem em ações no campo da exploração e abuso sexual. E ainda, que as formulações podem contribuir na implementação ou qualificação de outros programas e serviços.

A metodologia construída em processo de intervenção trouxe uma concepção não tão metódica. Tentei traçar as rotas percorridas e os mapas das tramas. Os aprendizados se davam pelo *modus* de se tentar caminhar. Uma tentativa de busca de perspectiva, que coloca o micro, a subjetividade, o cotidiano, as redes informais, as redes de serviços, os sujeitos sem direitos, os atores na dimensão política e institucionais; concepções, gestão, ações e arranjos institucionais; inter - disciplinariedade, ética, estética e filosofia, inter-cruzando-se. Uma necessidade de visão e compreensão integradas e uma tentativa de síntese.

Penso ser necessário aprofundar as pesquisas sobre as determinações desse fenômeno, estudando os cruzamentos com a drogadição, os estímulos ao consumo, aprofundando às questões culturais brasileiras, a incidência em adolescentes de classe média. Avalio ser necessário a realização de um estudo, minucioso, sobre as histórias de vidas, as personalidades, a trama familiar, as condições de manejo afetivo dos explorados, pois pressinto que poderão ser obtidos aprendizados preciosos.

Avalio que colaborei, através desse registro, com a tarefa de denunciar injustiças e crimes de explorações sexuais de crianças e adolescentes; e de defender um dever: a necessidade de políticas públicas com um sistema de serviços integrados para infância e juventude.

Um ato com delicadeza, com amorosidade é terapêutico. As crianças e adolescentes que têm acesso à Educação, à Cultura, a ações de proteção poderão ser sujeitos na sociedade de direitos que estamos construindo!

E a Vida pulsa, dança e germina!!!



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **Livros e documentos citados:**

Aurélio. Dicionário da língua portuguesa. Século XXI. Editora Nova Fronteira, RJ, 1999.

Beauvoir, S. O segundo sexo. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, RJ, 1980.

Bertazzo, I. e Inês Bogéa. Espaço e corpo – Guia de Reeducação do Corpo. SESC, São Paulo, SP, 2004.

Boff, L. Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra. Editora Vozes, Petrópolis- RJ, 1999.

Boff, L e Leloup, J-Y. Terapeutas do Deserto – De Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durckheim – Organização Lise Mary Alves de Lima; tradução Pierre Weil. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1997.

Capra, F. O Ponto de Mutação. Editora Cultrix Ltda, São Paulo, SP, 1982.

Cecílio, L. C. O.; Campos, G. W. S; Merhy, E. E. Inventando a Mudança na Saúde . Org. Cecílio L. C. O. Ed. Hucitec. São Paulo, 1994.

CECRIA- Políticas públicas e estratégias contra a exploração sexual comercial e o abuso sexual intra-familiar de crianças e adolescentes. Ministério da Justiça e Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Criança e Adolescentes-CECRIA. Brasília-DF, 1997. Disponível em: [cecria@brnet.com.br](mailto:cecria@brnet.com.br)

Chediak, A. Caetano Veloso. Lumiar Editora. Rio de Janeiro, RJ.

Constituição Federal n 8142. Código de Saúde: Deputado Roberto Gouveia. Assembléia Legislativa de São Paulo. Direito administrativo. São Paulo, SP, 1997.

Colóquio sobre o Sistema de Notificação em Violência Sexual contra criança e adolescente: relatório final. Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes.

- Demo, P. Saber Pensar. Instituto Paulo Freire, vol. 6. Editora Cortez. São Paulo, SP, 2000.
- Dimenstein, Gilberto. Meninas da Noite - A prostituição de meninas-escravas no Brasil. Editora Ática. São Paulo, S.P. , 11 edição, 1992.
- Estatuto da Criança e Adolescente – 8 edição. Conselho Municipal da Criança e do Adolescente de Campinas.São Paulo, 1999.
- Faleiros, E.T.S.; C,J. O. Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes. Brasília, 2000. Disponível em: [cecria@brnet.com.br](mailto:cecria@brnet.com.br)
- Foucault, M. História da sexualidade. Editora Graal, Rio de Janeiro, RJ, 1997
- Foucault, M. Vigiar e Punir. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1997
- Freire, P. Educação como prática da liberdade. Editora Paz e Terra. 24 edição. Rio de Janeiro, RJ, 2000.
- Hobsbawn, E. Babárie: O guia do usuário. In: Sader, E. O mundo depois da queda. Editora Paz e terra, Rio de Janeiro, RJ, 1995.
- I Ching – O livro das mutações. Trad. Richard Wilhelm. Editora Pensamento, São Paulo, SP, 1988.
- Ippolito, R., org. Guia escolar: Métodos para identificação de sinais de abuso e a exploração sexual em crianças e adolescentes. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.
- Leal, M. L. P. A exploração sexual comercial de meninos, meninas e adolescentes na América Latina e Caribe (Relatório Final – Brasil). Brasília: CECRIA, IIN, Ministério da Justiça, UNICEF, CESE, 1999.
- Leal, M.L.P. Globalização e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. Walprint Gráfica e Editora. Rio de Janeiro, RJ, 2003.
- Leite, G. A exploração sexual de meninas e adolescentes: aspectos históricos e conceituais. In: org:Denise Bontempo. Exploração sexual de meninas e adolescentes, o Brasil. Brasília, Unesco / Cecria, 1995.

- Leloup, J-Y. Apocalipse: clamores da revelação. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2003.
- Leloup, J-Y. O Evangelho de Maria – Miriam de Mágdala. Editora Vozes, 6 edição. Petrópolis, RJ, 2004
- Leloup, J-Y. O absurdo e a Graça. Verus editora, Campinas, SP, 2003
- Leloup, J.Y., Boff, L. Terapeutas do Deserto – De Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1998.
- Lévy, P. O Fogo Liberador. Editora Iluminuras Ltda. São Paulo, SP, 2000.
- Luz, M. T. Novos saberes e práticas em saúde coletiva. Editora Hucitec, São Paulo, SP, 2003.
- Maturana, H. Emoções e linguagem na Educação e na Política. Trad. José Fernando Campos Fortes. Editora UFMG, Belo Horizonte, MG, 2002.
- Merhy, E. E.; Onoko, R. et. al Agir em Saúde um desafio para o público. Ed Hucitec, São Paulo , 1997 .
- Merhy, E.E.; Magalhães Júnior,H.M.; Rimoli,J.; Franco,T.B; Silva Bueno,W. O trabalho em saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano. Editora Hucitec, São Paulo, SP, 2003.
- Mora, J. F. Dicionário de Filosofia, Editora Martins Fontes. São Paulo, SP, 1998.
- Moreno, J. L. O Teatro da espontaneidade – trad. Maria Sílvia Mourão Neto. Editora Summus. São Paulo, SP, 1984.
- Nunes, E. D. A questão da interdisciplinaridade no estudo da Saúde Coletiva e o papel das Ciências Sociais. In: Canesqui, A. M. (org.) Dilemas e Desafios das Ciências Sociais na Saúde Coletiva. Editora HUCITEC. São Paulo, 1995.
- ONU- Relatório realizado pelo Relator Especial da ONU sobre a venda de crianças, prostituição infantil e pornografia infantil, Sr. Juan Miguel Petit Addndum. Disponível em: /www.onu
- Paes, J. P. Poemas para Brincar. Editora Ática S. A. São Paulo, S.P , 1990.

Rebouças, M.C. A exploração sexual comercial de crianças e adolescentes na cidade de Santo / SP. Mimeo. Santos, SP, 2004.

Relatório da Psicóloga - prontuário da Lilás: obtive autorização de mencioná-lo, porém devido ao sigilo sem mencionar o nome do centro de saúde e da profissional.

Revista Caros Amigos. Ano VII, número 78, setembro de 2003. Editora Casa Amarela, São Paulo, SP.

Rosa, J. G. Primeiras Estórias. Editora Nova Fronteira, 31 impressão. Rio de Janeiro, RJ.1988.

Silva Junior, A. G. Modelos Tecnoassistenciais em saúde - O debate no campo da Saúde Coletiva. Editora Hucitec. São Paulo, SP, 1998.

Uribe Rivera, F. J. Agir Comunicativo e planejamento social. Editora Fio Cruz. Rio de Janeiro, RJ, 1995

Vaz, M. Painel nacional sobre a exploração sexual de meninas e adolescentes no Brasil. In: Org; Denise Bontempo. Exploração sexual de meninas e adolescentes no Brasil. Brasília, Unesco / Cecria, 1995.

Vaitsman, J. Saúde, cultura e necessidade, cit. in Gallo, E. Crise Teórica e Crise Política – Impactos na Saúde Coletiva. Org. Freury, S. Saúde: Coletiva? Questionando a Onipotência do Social. Ed. Relume – Dumará, Rio de Janeiro, 1992.

Varela, F. J. Sobre a competência ética. Edições 70, Lisboa, Portugal, 1992.

Vaz, M. A situação do abuso sexual e da exploração sexual comercial contra crianças e adolescentes no Brasil. In: Rompendo o silêncio.Org. João de Jesus da Costa. Estação Gráfica Ltda. São Luís-MA, 1997.

Wallerstein, I. As agonias do liberalismo: as esperanças para o progresso. In: Sader, E. O mundo depois da queda. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 1995.

Weil, P. Normose; Leloup, J. Y E Crema, R – A patologia da normalidade. Editora Verus. Campinas, SP, 2003.

**Disco:**

Anima – espiral do tempo

8 música: Além de Olinda

José Eduardo Gramani

**Livros referências:**

Áries, F. História Social da Criança e da Família. Editora LTC, Rio de Janeiro, RJ, 1981.

Ardoino, J. & Barbier. Multirreferencialidade. Apresentação da Edição Francesa Org. Barbosa, J. G. Editora da UFCar. Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos, 1998.

Ardoino, J. Abordagem Multirreferencial ( Plural ) das Situações Educativas e Formativas. Org. Barbosa, J G. Editora da UFCar . Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos, 1998.

*Baremblytt, G. F. Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática. Rio de Janeiro, 3ª ed. Rosa dos Tempos, 1996.*

Brandão, C. R. Pesquisa Participante. 4ª ed. Ed. Brasiliense, São Paulo , 1984.

Bueno, W. S. & Rollo, A. A. Planejamento Estratégico e Sistema de Gestão. Mimeo, 1996.

Deleuze, G. Conversações. Trad. Peter Pál Pelbart. Ed. 34, Rio de Janeiro, 1992.

Deleuze, F. & Guattari, F. Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia. vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto Celia Pinto Costa. Ed. 34, Rio de Janeiro, RJ, 1995.

Freire, P. Pedagogia do Oprimido. 13ª ed. Ed. Paz e Terra , Rio de Janeiro , 1983 .

Freire, P. Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1997.

Guattari, F. As Três Ecologias. Ed. Papyrus, Campinas, 1990.

Guattari, F. Caosmose Um Novo Paradigma Estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Ed. 34, Rio de Janeiro, 1992.

- Guattari, F. Micropolítica - Cartografias do desejo. 2ª ed. Ed. Vozes, Petrópolis, 1987.
- Guattari, F. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. Trad. Suely Rolnik. 3ª ed. Ed. Brasiliense, 1986 .
- L` Abbate, S . - Direito à Saúde: da reivindicação à realização. Org. Spinola, A. W. P. et al. Pesquisa em Ciências Sociais. Ed. Cortez, 1992.
- Leloup, J-Y. O romance de Maria Madalena – Uma mulher incomparável. Editora Verus. Campinas, SP, 2002.
- Matus, C. Adeus, Senhor Presidente. Trad. Francisco A. Carneiro da Cunha Filho Litteris Editora, Recife, 1989.
- Merhy, E. E. O Capitalismo e a Saúde Pública. Ed. Papyrus, Campinas, 1985.
- Merhy, E. E. A Saúde Pública como Política. Ed. Hucitec, São Paulo, 1992.
- Merhy, E. E. A perda da dimensão cuidadora na produção da saúde - Uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência. Org. Campos, C. R. Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte Reescrevendo o Público. Ed. Xamã, São Paulo, 1998.
- Reich, W. A revolução sexual. Zahar Editores, 8 edição. Rio de Janeiro, RJ, 1982.
- Ricotta, L. C. A. Psicodrama nas instituições. Ágora, São Paulo, 1990.
- Romaña, M. A. Psicodrama pedagógico. Papyrus, Campinas, 1985.
- Testa, M. Pensar em Saúde. Trad. Walkiria Maria Franke Settineri. Ed. Artes Médicas Porto Alegre, 1992.
- Thiollent, M. Metodologia da Pesquisa - Ação. 3ª ed. Ed. Cortez, São Paulo, 1986 .

Esclareço que os anexos que apresentarei foram elaborados pela equipe do projeto “Rotas Recriadas”, sendo que participei ou estive nas articulações das ações relatadas, os trechos foram extraídos do 3 Relatório de Acompanhamento e Monitoramento.

### **Eixo Buscar e Diagnosticar:**

Bairros outros diagnosticados pelos Educadores Sociais de Rua de alta vulnerabilidade para ESC:

- Bairro Boa Vista (próximo ao núcleo residencial)
- Bairro Amoreiras/Tancredão
- Jardim Itajaí (próximo ao centro comercial)
- Jardim São Marcos (necessidade de um Centro de Convivência)
- Vila Rica (próximo ao VLT)

Como se expressa a ESC de crianças e adolescentes em Campinas segundo os Educadores Sociais de rua.

- Em sua maioria as crianças e adolescentes se encontram inseridas em casas (diurnas ou noturnas) e quando expostas principalmente na região central.
- Depende do bairro, muito ligado ao tráfego e ao acesso de rodovias.
- Fenômeno novo, inclusive com casas em frente às escolas.
- Ligado à impunidade e a relação financeira.
- Como forma de valorizar a sua existência (feminino), em função de despertar o interesse em homens que seriam os clientes.
- Nível de qualidade deficitária nas escolas.
- Relacionadas ao uso de substâncias psicoativas e a seu consumo.
- Relacionadas a estabelecimentos comerciais.
- Como forma de sobrevivência das famílias, surgindo como alternativa caso não consigam o dinheiro previsto para voltar para casa.
- Relacionados a bares e videogames.
- Ofertas de clientes para crianças e adolescentes no trabalho informal

## **EIXO CAPACITAR**

***Programa Rede de Projetos de Orientação Sexual – Secretaria Municipal de Educação –  
Dept.º Pedagógico***

### ***I-CAPACITAÇÃO –***

***Coordenadora: Maria Geralda Bernardis***

- *Módulo I : Vínculos, Redes, Rotas e Sexualidade*
- *Módulos- II, III, IV, V, VI-Violência Doméstica(Programa Quebrando Silêncio)*
- *Módulo VII - Exploração Sexual*
- *MóduloVIII –Corpo, Vulnerabilidade e Prevenção*
  
- *INTERSETORIAIS : LESTE, NORTE, SUL, SUDOESTE E NOROESTE*
- *Período de 14/06/2004 a 13/08/2004*

Objetivo: Sensibilizar, capacitar, formular e implementar ações contínuas e sistematizadas em sexualidade humana com ênfase na formação e prevenção em Saúde Sexual e Reprodutiva abordando mais especificamente as questões de exploração sexual de crianças e adolescentes, instituindo uma rede de parcerias que envolva todos os trabalhadores diretamente ou indiretamente ligados a estas questões.

Foram realizadas cinco capacitações no município de Campinas, uma em cada região, nas quais participaram trabalhadores das Secretarias Municipais de Assistência Social, Cultura, Educação e Saúde, contando ainda com a participação de profissionais das entidades não governamentais locais. Participaram das capacitações 113 profissionais.

## **PONTOS POSITIVOS**

No geral a avaliação foi considerada positiva. Os pontos abaixo foram transcritos na íntegra por apresentarem aspectos peculiares nas referências. Os asteriscos correspondem a mais de uma igual referência.

- Saber que a Educação também pode encaminhar casos aos parceiros;
- Estar em contato com a realidade da violação dos direitos das crianças e dos adolescentes;
- Compreender a dinâmica social que vulnerabiliza as crianças e adolescentes;
- Socialização do conhecimento, dúvidas e angústias relacionadas à VDCCA e Sexualidade;
- Conhecimento das metodologias do “Quebrando o Silêncio” e “Rotas Recriadas”;
- Contato e formação dos vínculos com diferentes profissionais de vários segmentos;\*
- Esclarecimento de conceitos ligados à VDCCA;
- Possibilidade de discussões sobre o tema;
- Consultores: habilidade, conhecimento, experiência;
- Número de encontros ideal para lidar com todos os aspectos que envolvem o assunto;

- Conscientização do papel de cada profissional e cada serviço em relação à problemática da VDCCA e exploração Sexual de Crianças e Adolescentes;
- Envolvimento dos profissionais participantes, que se mostraram bastante comprometidos e motivados;
- Material de apoio (textos, vídeos) adequado às discussões;
- Localização do Curso;
- Riqueza do conteúdo;
- Ouvir críticas e opiniões para podermos trabalhar melhor;
- “Não estamos terminando, apenas estamos iniciando a formação de uma rede...”
- Abriu novas expectativas acerca do trabalho com o tema.

## SUGESTÕES

- Capacitar pessoal da Educação, Cipeiros, Estudantes de Universidades e do Ensino Médio (todos os jovens) e a 3ª. idade (experiência de vida e potencial);
- Aumentar a estrutura profissional de todos os equipamentos de todas as Secretarias;
- Fornecimento do material didático, referências bibliográficas no início da capacitação;\*
- Aumentar o tempo/período de capacitação;\*
- Não exagerar nas dinâmicas;
- Que não fosse o dia todo (1/2 período, duas vezes por semana), para que mais profissionais pudessem participar;\*
- Cada participante trazer exemplo de um caso e pôr em prática;
- Mais tempo para debates/trocas/discussões de casos;
- Mais informações sobre questões jurídicas envolvidas nos problemas;
- Compromisso com horário;
- Integração entre todos os participantes, de todos os grupos, regiões, que estão na capacitação;\*

## COMO CONTINUAR ESTA FORMAÇÃO?

- Conseguir tempo e verba para a formação e para o trabalho do dia-a-dia;
- Trazer à discussão mais elementos para se trabalhar com os vitimizadores da VDCCA e familiares dos adolescentes explorados sexualmente;\*
- Mais capacitações;
- Grupos de estudos;
- Cursos;\*
- Palestras;\*
- Encontros mensais ou bimestrais para atualizações;\*
- Maior divulgação, maior número de vagas e ampliação dos profissionais envolvidos na capacitação (sendo estes atuantes na comunidade e não apenas representantes para fazer número);
- Seminários de capacitação;
- Passando em frente o que se aprendeu;
- Lendo mais sobre o assunto;

- Procurando exemplos concretos para ilustrar o que foi discutido;
- Orientar outras pessoas, quando possível, ser um multiplicador, não deixar o conhecimento ficar só com você;\*
- Encontro do grupo capacitado semestralmente, para avaliação do trabalho;
- Oficinas que apresentem sugestões de trabalhos do tema, com crianças e adolescentes;
- Não calando, continuando a informar, esclarecendo dúvidas, orientando, agilizando;
- Levar a discussão para outros fóruns (intersectoriais);
- Comprometimento real, não político, para que, independentemente de mudança de atores políticos, essa Rede possa atuar de fato e se fortalecer mais e mais;
- Criação de página na Internet e de Boletim Informativo do Rotas Recriadas com Artigos, Informações e Serviços para a Comunidade e apoio às Instituições;
- Capacitação dentro dos Fóruns Intersetoriais, capacitando todos os profissionais.

### **QUANDO E COMO VOCÊ ESTARÁ MULTIPLICANDO ESTES CONHECIMENTOS NO SEU LOCAL DE TRABALHO**

- TDCs – Trabalho Docente Coletivo.;
  - Reuniões de Formação;\*
  - Reuniões de Setores;\*
  - Reuniões Semanais com Monitores que trabalham com as crianças e adolescentes;\*
  - Grupos de Vivência com crianças, adolescentes, abrigados, na tentativa de, também, sermos um espaço que quebre o ciclo de violência;
  - No cotidiano do trabalho, com meus parceiros;\*
  - Através de discussões e grupos de estudos e apostila;
  - Nas reuniões em que participar;
  - Será discutida junto à equipe, a possibilidade dessa multiplicação;
  - Reuniões com equipe de trabalho que acontecem mensalmente;
  - Começar a conscientização de pessoas como as famílias com as quais trabalhamos, a respeito de seus direitos enquanto cidadão;\*
  - Sempre que estiver discutindo algum caso, levarei em consideração a capacitação;
  - Nas palestras dos bairros;
  - Na prática, quando me compete e na divulgação teórica aos colegas de trabalho;
  - Trabalho de auto-conhecimento, auto-contato (corporais);
  - Sensibilizando e mobilizando os profissionais para a urgência do problema;
  - No dia-a-dia, trocando informações com colegas de trabalho, divulgando o material teórico e conhecimentos práticos adquiridos nesta capacitação;
  - Reativando o grupo de adolescentes do C.S.;
  - Reuniões de Gestores, Equipes e Núcleo de Saúde Coletiva;
  - Reuniões de Equipe Geral, de Referência, Coordenação, discutindo os casos detectados e / ou suspeitos.
- Esses comentários foram feitos por mais de um profissional participante.

## **EIXO PREVENIR**

**Coordenação do Eixo:** Lúcia Helena B. Guimarães (Ló) e Neusa das Graças Aguiar (Neusinha)- Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo.

### Atribuições dos arte-educadores:

- ∞ Realizar oficinas de linguagens artísticas;
- ∞ Organizar grupos de crianças e adolescentes da comunidade;
- ∞ Acompanhar as ações do Centro de Convivência;
- ∞ Atuar integrando e referenciando à rede de apoio intersetorial à criança e ao adolescente;
- ∞ Colaborar na implantação de grupos associativos e atividades de geração de renda;
- ∞ Acolher e inserir as crianças e adolescentes, famílias, comunidade, objetivando complementar o trabalho de outros profissionais que atuam nesta área, criando situações novas que possibilitem a superação dos problemas e conflitos existentes.

### Atribuições dos profissionais de Educação Física:

- ∞ Trabalhar questões básicas de atividade física, para crianças e adolescentes;
- ∞ Trabalhar com recreação, jogos interativos e brincadeiras para crianças e adolescentes;
- ∞ Desenvolver materiais para atividades, com uso de recicláveis;
- ∞ Desenvolver atividades em locais improvisados;

### Metodologia de trabalho:

Os profissionais do Eixo Prevenir terão acompanhamento técnico da coordenação do respectivo Eixo para possibilitar uma avaliação de ações metodológicas e estratégicas. A metodologia específica do eixo Prevenir é fundamentada na Pedagogia de Transformação, para que seja trabalhada a formação de cidadãos conscientes e críticos. Houve reunião mensal de todos os trabalhadores do eixo, para que possam compartilhar suas experiências, avaliando em grupo as ações e estratégias de trabalho.

## **Os Centros De Convivência:**

O histórico das regiões onde estão localizados os Centros de Convivência do projeto é marcado por questões territoriais e habitacionais tendo a maioria das comunidades surgidas entre 20 (vinte) e 10 (dez) anos. A organização destas comunidades dá-se pela necessidade de buscar recursos de infra estrutura básica. Os jovens buscam nestes locais

pontos de encontro onde possam conviver, seno que para tanto, muitas vezes, utilizam as escolas abertas nos finais de semana. As atividades em geral destas comunidades caracterizam-se como: axé, pagode e cultura de massa em geral. Há alguns contrapontos como o ensino da cultura do hip-hop e a capoeira, que em sua grande maioria são conduzidas por grupos com uma visão educacional diferenciada, que permeia conscientização através de seu universo crítico, principalmente no que diz respeito a necessidade de inclusão social.

Os Centros de Convivência do projeto "Rotas Recriadas" funcionam nos equipamentos públicos em parceria com algumas secretarias. A Secretaria Municipal de Assistência Social abriga os Centros de Convivência: Santa Mônica, Jd. Nilópolis, Satélite Íris e Centro; a Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo (através dos Departamentos de Cultura e do Esporte) abriga: V. Pe. Anchieta e V. Boa Vista; o Centro de Convivência do Campo Belo foi ativado num equipamento Intersetorial, de co-gestão com a Secretaria Municipal da Saúde, Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal da Assistência Social e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico.

Os espaços físicos utilizados para o Projeto "Rotas Recriadas" foram escolhidos também com o critério da real possibilidade de utilização, levando em conta a estrutura física local, como o tamanho das salas, seus pisos e sua condição mínima de privacidade. Em cada local que abrigaria um Centro de Convivência do projeto foi construída uma agenda para viabilizar as ações dos profissionais do Eixo Prevenir (com suas ligações com os demais profissionais do projeto), adaptando a realidade local e suas específicas necessidades, com as do projeto. Em alguns locais, inclusive optou se pela extensão das atividades do Eixo Prevenir em outro local, pelas muitas solicitações enfáticas das equipes intersetoriais e, principalmente, pela própria comunidade. A condição colocada pela coordenação do eixo foi que então acontecesse por, no máximo 4 (quatro) horas semanais para não haver uma possível descaracterização do Centro de Convivência e uma pulverização de ações que pudessem "enfraquecer" o processo de construção cultural, esportiva. Houve também adaptações em alguns locais para a realização da questão lúdico esportiva dos Centros de Convivência.

Todo o processo foi construído com a equipe local, no tempo necessário para que os vínculos se estabelecessem com clareza e com firmeza. Para tanto foi preciso inclusive que participássemos de algumas reuniões intersetoriais, para esclarecimentos, definições, apresentações dos profissionais do eixo, para certificar e garantir que o comprometimento fosse efetivo em todas as equipes das diversas secretarias. Posterior a isso houve também um estudo específico de cada local para chegarmos conjuntamente às estratégias de ação quanto a divulgação, adesão das crianças e adolescentes, aproximação de outros parceiros etc. Algumas equipes solicitaram cartazes para divulgação das atividades, outras apresentações em locais como escolas e praças, outros por indicação (divulgação boca a boca) da intersetorialidade, e outras ainda uma mescla de todas ou algumas opções. O que facilitou e facilita todo este processo é que o perfil e uma atribuição dos profissionais selecionados do Eixo Prevenir é a de planejamento e sua capacidade gestora. A participação destes profissionais nestes estudos e adaptações, juntamente com sua respectiva coordenação, foi intensa, o que ajudou (e ajuda) a integração destes com os demais profissionais da intersetorialidade, conseqüentemente integrando o projeto "Rotas Recriadas" com os demais projetos e atendimentos já existentes.

## ▪ Os Grupos de geração de renda

*"Entende-se geração de renda por trabalho educativo à atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevaleçam sobre o aspecto produtivo"*  
ECA art 68 §1º

Definimos para a geração de renda a constituição de grupos associativos onde a produção cultural pudesse ser o foco e todo o trabalho se caracterize pela beleza estética/corporal, e/ou na confecção de um produto.

Os princípios norteadores é o do cooperativismo solidário e, principalmente, difundir nas comunidades locais o consumo solidário e a construção de novos valores. O objetivo é integrar as ações pedagógicas com os grupos de geração de renda para que a comunidade instrumentalizar-se, propiciando um grande círculo de ações de auto estima, valorizando a cultura local (regional) e a individual, através também da venda/troca dos produtos artísticos no geral, sejam eles efêmeros como as apresentações de dança, música, ou palpáveis e concretos como os artesanatos, vestimentas, entre outros.

### Ações realizadas (para os 6 Centros De Convivência):

- ∞ Reconhecimento de área (bairro e arredores em geral);
- ∞ Articulação das estratégias de implementação com a equipe Intersetorial, participação de reuniões da mesma;
- ∞ Articulação de visitas com os profissionais do Eixo aos equipamentos públicos e da comunidade, apresentando-os, também, à seus respectivos funcionários e trabalhadores em geral;
- ∞ Planejamento e estudo de inserção do público-alvo nas atividades do eixo e elaboração de ficha de inscrição.
- ∞ Articulação de visitas às ONGs, associações de bairro e outros espaços e lideranças da comunidade.
- ∞ Definições junto à equipe local gestora que abrigará os Centros de Convivência do projeto Rotas Recriadas;
- ∞ Orientação e definição, junto à equipe local, da atividade norteadora do grupo de geração e renda;
- ∞ Implementação dos Centros de Convivência (das oficinas artísticas e das lúdico esportivas) desde elaboração de estratégias de divulgação das atividades, à ampliação de parceiros.

## ▪ Linguagens Artísticas de cada Centro de Convivência, seus respectivos profissionais do Eixo e atividade norteadora dos grupos associativos:

Região Norte:

### **São Marcos - Santa Mônica**

ARTE EDUCADORES

Silvia Regina Fonseca - Artes Plásticas e Dança Brasileira

Marília Becker - Teatro e Circo Aéreo

Profissional de referência: Neusa

Arte educador de referência: Silvia

Grupo Associativo: Maletas de papelão / Cartões de natal. Indicativa de buffet Brasileiro.

Produção de maletas de papelão decoradas e cartões artesanais de diversos estilos. Manifestação de desejos para montagem e organização de um buffet Brasileiro.

Objetivo: Estímulo à reciclagem de materiais com amplas possibilidades de criação, e concretização de desejos, potencializando talentos da região.

Neste Centro de Convivência esta parceria se deu com o equipamento de múltiplo uso que é de responsabilidade da Secretaria Municipal de Assistência Social. A construção da parceria ocorreu pela necessidade de atender a comunidade infanto/juvenil do local, uma vez que esta região carece de espaços públicos que ofereçam atividades culturais, esportivas e de lazer. A localização do C. Convivência em parceria com este equipamento é favorecida pelo amplo espaço físico, porém não é de fácil acesso ao Jd. São Marcos e V. Esperança, bairros estes que concentram a população mais pobre da região. Para a resolução/adaptação desta realidade foi solicitada a atividade cultural também mais próxima ao referido bairro. Para tanto a educadora de artes plásticas se desloca para o São Marcos onde vem consolidando o grupo de geração de renda, uma vez que os jovens, em sua maioria, pertencem a esta área. O bairro Santa Mônica realiza o atendimento mais voltado às crianças, de faixa etária mais baixa.

Os profissionais deste Centro de Convivência foram direcionados para fortalecer um projeto maior que vem se consolidando na comunidade. As artes plásticas, sob responsabilidade de Silvia R. Fonseca, vem somar com este projeto, trazendo criatividade e colaborando para a construção de uma identidade cultural específica do local. O circo é de responsabilidade de Marília Becker, e para este foi direcionado por motivo da necessidade do trabalho corporal, a beleza estética, da consciência do movimento, do estímulo ao desafio, e para que através das vivências de novas linguagens artísticas possamos fazer um contraponto à cultura de massa, à exploração e a outras formas de opressão. As atividades de circo aéreo está sendo desenvolvida em parceria com a EMCEA (Escola Municipal de Cultura e Artes) duas vezes por semana, usando recursos do projeto para o transporte do grupo.

## **Padre Anchieta**

### **ARTE EDUCADORES**

Herval Azevedo - Hip Hop

Ivanildo Aniceto Santos Filho - Música - percussão

Profissional de referência: Benê

Arte educador de referência: Herval.

Grupo Associativo: Grupo Artístico de Cultura Popular / Camisetas e bonés Grafitados.

Danças Populares do Folclore Brasileiro e produção de camisetas e bonés grafitados.

Objetivo: Fortalecer a iniciativa das organizações da comunidade e conseqüentemente a Cultura Popular Brasileira oferecendo maiores estruturas como instrumentos e figurinos a um grupo já existente, viabilizando a entrada de outros integrantes. Fortalecer o vínculo da grafitegem artística.

A V. Pe. Anchieta é um grande bairro de casas populares cercados por ocupações.

Possui um equipamento público muito utilizado, que faz parte da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo que é o Teatro Pe. Anchieta. A região já conta, então, com um projeto de ação cultural mais estruturado, tendo 10 (dez) anos de existência, e o teatro pode até ser apontado como um local potencial para ser pólo formador de artistas e possivelmente, educadores que atuam na comunidade multiplicando-se, também, em grupos que possuem produção artística.

A grande expressão da região é a cultura popular através do teatro e das danças brasileiras. Na área musical o que se destaca é a percussão. Sempre houve um grande desejo por parte da comunidade jovem de aproximação com o movimento do hip-hop, o que até então não havia sido colocado em prática. Além disto também a região possui muitos "pichadores", que poderiam canalizar seus desejos, seu potencial e talento para a questão da escrita em muros, painéis, voltada para a arte. Foi pensando nestas características culturais que os profissionais do Eixo Prevenir foram direcionados, a fim que pudessem contribuir de forma significativa com o projeto cultural existente.

O trabalho de Ivanildo A. Santos Filho seria voltado então, para a música com a introdução de outros instrumentos como viola, flauta, técnica vocal, na própria questão da percussão e da cultura popular, uma vez que este arte educador tem amplo conhecimento da cultura popular de Pernambuco e a africana.

O break e o grafite, como parte do hip-hop, vem ampliar a manifestação jovem na busca de inserção da cultura negra e da marginal, para denúncia da exclusão das periferias. Herval Azevedo, que faz parte do movimento do hip-hop de conscientização em Campinas, entrou para a equipe do Centro de Convivência na V. Pe. Anchieta para colaborar com sua arte atingindo assim esta faixa etária de tanta importância para o desenvolvimento deste projeto também de uma forma bem consciente e crítica.

A procura pelo projeto está sendo muito grande, mas procuramos manter o cuidado de não transformar os profissionais do eixo apenas em oficinairos.

## **Boa Vista**

### **ARTE EDUCADORES**

Carlos A.N. Gomes -Teatro

Raquel Gouveia - Dança - Expressão Corporal

### **PROFISSIONAL DE ED. FÍSICA**

Lucas Vieira dos Santos

Profissional de referência: Sueli (Pça de Esportes) e Ivanei (Centro de Saúde).

Arte educador de referência: Raquel.

Grupo Associativo: Indicativa de um Grupo Cultural (mescla de dança e teatro)

\*Este é o primeiro trabalho mais consistente de ação cultural nesta região.

Este bairro, por também pertencer a região Norte, é formado por um conjunto habitacional popular, porém o seu entorno é de ocupações irregulares com pouca infraestrutura.

A Cultura enquanto Política Pública está bastante ausente nesta comunidade. O equipamento da área que faz parceria com o projeto "Rotas Recriadas" é de responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, precisamente do Departamento de Esportes. Ele é composto, basicamente, por duas grandes quadras de esportes, espaço para bocha, e um grande "galpão" multi-uso. O Departamento de Esportes vem desenvolvendo ao longo do tempo, atividades características dentro de uma proposta

de ação continuada. Por se caracterizar por um dos únicos locais públicos cobertos do entorno, ele é muito solicitado, principalmente sua área coberta.

A parceria intersetorial com o projeto se deu principalmente com a Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, com a Secretaria Municipal de Saúde e a Secretaria Municipal da Educação. Logo de início, estabelecemos um cronograma para a possibilidade de utilização do espaço físico coberto e das quadras, prosseguimos apresentando os profissionais à toda equipe intersetorial e com todas as outras ações já explicitadas. Nesta parceria houve um diferencial com relação a construção das fichas de inscrição. Elaboraram de forma a ter possibilidade de comunicação velada (por cores diferenciadas nas fichas), reconhecendo se a criança e/ou o adolescente faz parte do foco do projeto, de exploração sexual, ou se está inserido na questão da prevenção, pelo menos no que diz respeito ao conhecimento dos parceiros que os encaminham.

Para este Centro de Convivência direcionamos atividades relacionadas a dança e ao teatro, já que tínhamos um apontamento de manifestações de desejos pelas questões corporais, principalmente pela dança. Sabíamos também que estes desejos eram alimentados pela cultura de massa, então o que se sobressaía era a demanda para um grupo de axé. Raquel Gouvêa, que trabalha com dança e expressão corporal, e Carlos A. N. Gomes, que possui conhecimentos voltados para o teatro e acrobacias circenses, tiveram muito cuidado em estabelecer um diálogo com as necessidades da comunidade, sem perder de vista suas ideologias pedagógicas.

No início houve muita ansiedade e entusiasmo por parte dos profissionais do Eixo Prevenir para o início das atividades se desse mais rápido. Porém, o tempo necessário para colocarmos em prática as atividades deste Centro de Convivência foi mais lento, o que é inversamente proporcional ao tempo e disposição de todas as equipes (a intersetorial e a do projeto). Era realmente de se esperar esta dificuldade inicial pela característica já descrita anteriormente da inexistência de uma ação cultural local. Todos continuaram investindo relevantes esforços para reverter este quadro e foram muito bem sucedidos.

A atividade do teatro, por exemplo, abriu espaço para trabalhar artisticamente o samba, que era o grande interesse da comunidade, conciliando com questões teatrais.

Região Leste:

### **Recanto da Alegria**

ARTE EDUCADORES

Cibele da Silva - Artes Plásticas e Dança

Fabio B. de Fernandes - Música

PROFISSIONAL DE ED. FÍSICA

Jorge Estevão Grassi

Profissional de referência: Fabiana.

Arte educador de referência: Cibele.

Grupo Associativo: A Arte de Costumizar.

Costura artesanal, bordados e transformação de roupas

Objetivo: Desenvolver com criatividade uma moda onde se possa trabalhar outras formas de vestir, criar e recriar a própria moda e sua própria vestimenta, valorizando e personificando assim seus hábitos.

O Recanto da Alegria é bastante privilegiado com relação ao espaço físico e sua área verde muito agradável e prazerosa. O espaço físico é de responsabilidade da Secretaria Municipal da Assistência Social que também trabalha com um atendimento, voltado para as crianças, lúdico conduzido por monitoras da comunidade local.

Para o Centro de Convivência ficou reservado uma casinha (capelinha) que acaba de passar por uma reforma que inclui pintura, o que acabou também por atrasar um pouco o início das atividades. Mas os arte-educadores e o profissional de educação física, construíram neste período, a inserção na comunidade e vínculos com os adolescentes.

A atividade voltada às artes plásticas está neste C. Convivência para construir uma ação com a juventude e colaborar para a revitalização de um bazar. A idéia é transformar um espaço do bazar comum num local da arte de “costumizar” e assim constituir um grupo associativo, fortalecendo as ações e o real interesse da comunidade. Cibele da Silva, responsável pela respectiva atividade artística, já vem articulando desde o início com o grupo de mulheres e adolescentes interessados do bairro.

Já houve um desenvolvimento de ação cultural no local que despertou muito interesse dos jovens pela música, principalmente pela percussão. Direcionamos então uma arte-educador da área musical, Fábio B. Fernandes, que possibilita retomar o projeto e o interesse de novos jovens.

O local tem um prédio totalmente abandonado, e um pouco mais isolado, que está sendo usado para o uso de substâncias psico-ativas pelos jovens. Os arte-educadores muito sensibilizados pelos fatos perceberam a possibilidade de revitalização e de transformação do local em um Centro Cultural, e fazem desta, parte também de sua missão. Já estão sendo estabelecidas parcerias com empresas. A Tetrapack, por exemplo, já doou as telhas.

Este é um dos Centros de Convivência que deixa muito claro que o papel dos profissionais do eixo Prevenir é muito maior que as atribuições de um oficinairo.

Região Sul:

### **Centro de Ação Social Campo Belo I - CASI**

ARTE EDUCADORES

Jeane Pereira - Cultura Popular

Ronaldo Zaphas - Teatro

PROFISSIONAL DE ED. FÍSICA

Cristina Silva da Mata

Profissional de referência: Tânia.

Arte educador de referência: Jeane.

Grupo Associativo: Indicativa de Brinquedos artesanais.

Construção de brinquedos.

\* Esta também é uma região onde a ação cultural não é consolidada

Objetivo: valorizar e recriar o universo infantil, transformando, recriando e construindo brinquedos.

Região Noroeste:

### **Satélite Iris**

ARTE EDUCADORES

Ana Paula de Lima - Musica

Rosana Batistella - Cultura Popular

PROFISSIONAL DE ED. FÍSICA

Daniel Rodrigues

Profissional de referência: Vera.

Arte educador de referência: Rosana.

Grupo Associativo: Grupo Musical de Percussão.

Banda musical de percussão que se utilizará também de materiais alternativos.

Objetivo: Valorizar e fortalecer iniciativa antecedente da comunidade e de seus profissionais técnicos de um grupo de Música existente, ampliando-o e estruturando-o, para inclusão de novos integrantes.

Por fim, apresentamos aqui as ações já em desenvolvimento nos Centros de Convivência bem como aquelas que irão se iniciar no desenvolvimento nas próximas etapas de trabalho. Apontamos o potencial deste equipamento social enquanto relevante elemento da rede de atendimento, construindo "prevenção" em locais carentes, através da possibilidade de acesso a cultura, inserção de novas formas associativas e solidárias de geração de renda, assim como sendo uma porta de entrada para o projeto, podendo vir acessar uma demanda que se encontra na periferia, nos bairros... A arte, os esportes e a cultura em geral cumprem um importante papel de aproximação, vínculo e qualificação do cotidiano destas crianças e adolescentes...

## **EIXO CUIDAR E PROTEGER**

Trechos do relatório que demonstram a dinâmica de trabalho do referido eixo:.  
Trabalhamos com: 1) a entrada do técnico no território em questão, 2) a aquisição da confiança de diversos atores no trabalho que ele propõe desenvolver, enquanto representante do Projeto Rotas, 3) a aproximação, compreensão e respeito a cultura da comunidade local (incluindo os trabalhadores dos equipamentos sociais) quanto às questões que cercam esta temática, 4) aproximação e vinculação com as crianças e adolescentes, e

finalmente, 5) o efetivo trabalho com os mesmos na perspectiva de desenvolvimento de projetos terapêuticos singulares e articulação da rede local.

Os diferentes territórios da cidade que nos inserimos, componentes dos cinco Distritos de Saúde, expressam diferenças consideráveis relacionadas a cada local. Fato que nos leva a traçar estratégias específicas, que interajam com as particularidades de cada território, buscando, a partir do conhecimento e cultura local, criar formas de se aproximar à população-alvo do Projeto Rotas Recriadas.

Os bairros localizados na periferia da cidade apresentam características individualizadas que refletem no trabalho em desenvolvimento, particularizando as formas de inserção. Como exemplo citamos uma região na qual foi possível fazer uma grande parceria com uma das escolas, onde, atualmente, uma técnica do Eixo Cuidar encontra-se realizando oficina aberta de bijuterias, dentro da própria escola, para aproximação com um grupo de meninas que se encontram em situação de exploração sexual. Esta estratégia foi traçada com enfoque nas especificidades da realidade local.

Numa outra região, a articulação de ações para com a intervenção com uma criança vítima de violência sexual doméstica está sendo possível devido ao papel de liderança que o Agente Comunitário de Saúde local exerce no bairro. Ele tem possibilitado a inserção na casa, a pontuação de novas ações, dentre outras coisas.

Já o bairro do Itatinga, local publicamente reconhecido enquanto espaço de prostituição da cidade aponta a necessidade de estruturação de ações mais cuidadosas para que a publicização do Projeto não se reverta no afastamento desta população. Estamos encontrando casas que realizam a exploração sexual de meninos e meninas e para atuação neste âmbito articularemos intervenções junto ao Eixo Fiscalizar, as quais se darão de forma a preservar a integridade e segurança dos profissionais atuantes na região. O Eixo Cuidar, nesta região, centrará forças na promoção de atividades coletivas, como grupos de orientação e sexualidade, auxílio no desenvolvimento de atividades em parceria com o Centro de Convivência, intencionado a aproximação com a população, que se encontra “trabalhando” na região.

No território central de Campinas encontramos os problemas de grandes centros urbanos. Neste contexto temos atuado primordialmente com os meninos e meninas em

situação de rua que tenham interface com a situação de exploração sexual. Na maioria dos casos a situação de exploração é mais uma das questões que acometem suas vidas, dentre o uso de substâncias psicoativas, a pobreza extrema, a infração, a saída de casa, as violências... O Projeto Rotas tem possibilitado a primeira intervenção nesta temática e vem complementar as ações já existentes para esta população no Município. Temos trabalhado, em parceria com os profissionais da rede – em especial o CRAISA, na difícil tessitura de um projeto de vida individualizado que vislumbre a diminuição dos fatores de vulnerabilidade aos quais estão inseridos. Trata-se de ações com uma população em situação de extrema vulnerabilidade social, com inúmeras rupturas em suas redes pessoais e sociais de suporte. Atuamos buscando “amarrar” pontos mais firmes que permitam um maior apoio, sabendo da necessária gradualidade e relatividade dos resultados almejados.

Por fim expressamos aqui a multiplicidade de ações que vimos desenvolvendo na busca de diferentes e criativas estratégias que se dediquem ao real enfrentamento da problemática da exploração sexual infanto-juvenil no Município de Campinas.

Durante as semanas de acolhimento da equipe do Eixo Cuidar e atualizações foram elaborados coletivamente alguns materiais que penso poder colaborar, dando exemplos para colegas de serviços da mesma natureza do projeto “Rotas Recriadas”.

## PROJETOS ROTAS RECRIADAS – FICHA DE REGISTRO

### I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_ Apellido: \_\_\_\_\_  
Sexo: ( )F ( )M Idade: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Local/serviço de referência: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_ Pessoa de contato: \_\_\_\_\_  
Endereço da criança/adolescente: \_\_\_\_\_  
Ponto de Referência: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
Cidade/Estado de origem: \_\_\_\_\_

### II – HISTÓRICO DE VIDA RESUMIDO

### III – INTERFACES COM A VIOLÊNCIA SEXUAL

- ( ) abuso sexual doméstico ( ) exploração sexual  
( ) abuso sexual extra-familiar

### IV – ATENDIMENTOS JÁ REALIZADOS (SERVIÇOS/AÇÕES):

### V – VULNERABILIDADES

- a) Vive ou já viveu na rua? b) Usou ou usa substâncias psico-ativas?  
c) Já praticou ato infracional? d) Evadiu da escola?

### V – PROCEDIMENTOS DO PROJETO ROTAS RECRIADAS:

- ( ) Manter atendimento no local de referência. Local: \_\_\_\_\_  
( ) Encaminhar para Eixos do Projeto Rotas. Qual? \_\_\_\_\_  
( ) Outros: \_\_\_\_\_

## PROJETOS ROTAS RECRIADAS - FICHA DE ACOLHIMENTO

### I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_ Apellido: \_\_\_\_\_  
Sexo: ( )F ( )M Idade: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Local da abordagem: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Ponto de Referência: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
Estuda? ( ) Sim ( ) Não Série: \_\_\_\_\_ Nome da Escola: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_  
Telefone de contato: \_\_\_\_\_

### II – ABORDAGEM/CONTATO

Como se deu o contato/abordagem? (descrever “como”, “onde”, “quem”, incluindo as impressões pessoais do profissional, a receptividade ou não por parte da criança/adolescente e descrever também os fatores de vulnerabilidade identificados):

Como vive? (com família/parentes ou não, em companhia ou não de adultos significativos, na rua, em alguma instituição, qual, ocupação...)

Tem algum equipamento da rede ou ONG que a criança/adolescente tenha contato / seja uma referência? ( ) Sim ( ) Não Qual ? \_\_\_\_\_

Foi feita alguma orientação, encaminhamento, “contrato” entre o profissional e a criança/adolescente?

## PROJETO EDUCATIVO TERAPÊUTICO SOCIAL SINGULAR – PETSS

### PARTE I

#### IDENTIFICAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_ Apelido: \_\_\_\_\_  
Sexo: ( ) F ( ) M Etnia: (como a pessoa se definir)  
Idade: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_  
Município de procedência: \_\_\_\_\_ Há quanto tempo mora em Campinas?  
Primeiro contato neste serviço?  
Vive: ( ) nas ruas ( ) em instituição. Qual?  
( ) em casa. Com quem?  
Documentos: ( ) sim ( ) não Quais?  
Veio acompanhado? ( ) sim ( ) não Com quem?  
Encaminhamento:  
( ) espontâneo  
( ) após abordagem de educador  
( ) demanda do Centro de Saúde. Qual?  
( ) Conselho Tutelar  
( ) hospital. Qual?  
( ) escola. Qual?  
( ) outros. Especificar: \_\_\_\_\_

Motivo do encaminhamento: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Condições emocionais e físicas neste contato:  
(aparentava uso de substâncias psicoativas? Estado de humor? Higiene pessoal/vestimentos? Notada alguma marca de violência física? Etc.)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## SITUAÇÃO ATUAL

Atividades que realiza:

- ( ) trabalho Local:  
( ) esportes Local:  
( ) estudo Local: \_\_\_\_\_  
( ) namoro Há quanto tempo?

Período: ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite Série: \_\_\_\_\_  
Para quem não estuda:  
Há qto tempo? Série que parou:

Usa preservativo?

Utiliza algum outro método de contracepção?

Qual?

Já fez teste de HIV?

Resultado:

( ) atividade sociais/lazer Qual?

( ) uso de substâncias psicoativas

Quais? →

( ) Álcool

Há quanto tempo? Frequência:

( ) Maconha

( ) medida sócio-educativa Qual?

Local:

( ) Cocaína

( ) Crack

( ) Tabaco

( ) Solventes

( ) Outros \_\_\_\_\_

## REDE PESSOAL DE SOCIALIZAÇÃO

Adepto a alguma: religião/igreja ( ) Sim ( ) Não

Participa de grupos comunitários ( ) Sim ( ) Não

Participa de atividades de lazer/esportes/cultura ( ) Sim ( ) Não

## IMPRESSÕES DO ENTREVISTADOR SOBRE O ACOLHIMENTO:

---

---

---

---

Quanto ao PETSS o adolescente demonstra:

- ( ) motivação  
( ) indiferença  
( ) revolta/agressividade  
( ) pressão jurídica  
( ) pressão familiar  
( ) outros Especificar:

## SITUAÇÃO FAMILIAR

Genetograma: (colocar idade de todos)

Condição Domiciliar:

( ) apartamento ( ) casa ( ) favela/ocupação

Alvenaria ( )

Madeira ( )

Papelão ( )

Outros ( )

Número de cômodos da casa: \_\_\_\_\_ N.º de cômodos utilizados para dormir: \_\_\_\_\_

Obs. (atentar para a organização/divisão do espaço para as atividades pessoais como: banho, dormir, vestuário etc. Registrar a respeito se julgar necessário)

---



---



---

Serviços existentes na sua casa:

- ( ) luz elétrica
- ( ) água encanada
- ( ) rede de esgoto
- ( ) coleta de lixo

---



---



---



---

Recebe benefícios sociais?

Quais?

Equipamentos sociais que frequenta:

Com quem mora?

QUEM ?	TRABALHA ?	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA (R\$)
	( ) fixo / registrado ( ) fixo sem registro ( ) esporádico ( ) desempregado	( ) 1º grau incomp. ( ) 1º grau compl. ( ) 2º grau compl. ( ) superior		
	( ) fixo / registrado ( ) fixo sem registro ( ) esporádico ( ) desempregado	( ) 1º grau incomp. ( ) 1º grau compl. ( ) 2º grau compl. ( ) superior		
	( ) fixo / registrado ( ) fixo sem registro ( ) esporádico ( ) desempregado	( ) 1º grau incomp. ( ) 1º grau compl. ( ) 2º grau compl. ( ) superior		
	( ) fixo / registrado ( ) fixo sem registro ( ) esporádico ( ) desempregado	( ) 1º grau incomp. ( ) 1º grau compl. ( ) 2º grau compl. ( ) superior		

## RECURSOS UTILIZADOS

No âmbito do Rotas Recreadas:

- |  |               |
|--|---------------|
| <input type="checkbox"/> centro de convivência | Qual?         |
| <input type="checkbox"/> Distrito de Saúde     | Qual?         |
| <input type="checkbox"/> CRAISA                |               |
| <input type="checkbox"/> CEDECA                | Qual?         |
| <input type="checkbox"/> Casa de acolhimento   |               |
| <input type="checkbox"/> Programa de bolsas    | Desde quando? |

Secretaria de Saúde: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Secretaria de Educação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Secretaria de Cultura: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Secretaria de Assistência Social: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

ONGs: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## Parte II

### HISTÓRIA DE VIDA

(Histórico da criança ou do adolescente e sua família)

## **PLANEJAMENTO DO PETTS**

(Ações e metas traçadas de forma conjunta com a criança ou o adolescente, bem como discutidas com a rede de atendimento).

## **ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

(Registro dos atendimentos, atividades, prosseguimentos, reuniões, realizados, etc.)

Registrar a partir de datas, as presenças e possíveis ausências.

Fazer um breve comentário da atividade desenvolvida e aspectos psicossociais e educativos que foram trabalhados.

Investigar relação com a escola (saiu ? por que? o que gostava?)

Investigar atividades que tem interesse

Investigar rede de socialização

## **AGENDA SEMANAL**

(Construção de uma grade de atividades com o adolescente a partir de seus interesses e das atividades que já realiza.; Será reavaliada periodicamente).

	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>	6 <sup>a</sup>
Manhã Atividade/ Local					
Tarde Atividade/ Local					

## **TRILHA**

(Construção de um “caderno” pelo adolescente, com acompanhamento do profissional de referência, podendo ser utilizado para registro escrito e/ou imagético, que contenha os objetivos e expectativas do adolescente e um planejamento para alcançá-los. Este material poderá ficar com o adolescente ou com o profissional de referência, a depender de sua escolha. Destina-se este espaço para registro do profissional a respeito do processo de construção da Trilha).

DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ HORA: \_\_\_\_\_ PROFISSIONAL: \_\_\_\_\_

### REGISTRO DE VISITAS TÉCNICAS - Projeto Rotas Recriadas

1) Tipo do Equipamento social:

( ) Centro de saúde ( ) ONG ( ) Centro de Convivência ( ) Escola ( ) Outros



2) Nome do local: \_\_\_\_\_

( ) EMEI ( ) EMEF

( ) Ens. Médio/Estadual

( ) Ens. Fundamental/Estadual

3) Fone: \_\_\_\_\_

4) Endereço: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5) Nome do Coordenador / Diretor / Coord. Pedagógico: \_\_\_\_\_

6) Pessoa com quem foi o contato: \_\_\_\_\_

7) Função: \_\_\_\_\_ 8) Horário para contatos: \_\_\_\_\_

#### ROTEIRO DA VISITA :

- 1) Entregar o material de apresentação do Projeto Rotas Recriadas.
- 2) Realizar a entrevista (questões a seguir), como uma “conversa” informal.

#### QUESTÕES :

- 1) Este serviço tem algum espaço de discussão sobre a temática da sexualidade?
- 2) Você já ouviu falar sobre exploração sexual de crianças e adolescentes? O que entende por isso?
- 3) Você ou outros profissionais daqui já perceberam ou suspeitaram de que alguma criança ou adolescente, que aqui freqüente, esteja em situação de exploração sexual ou já tenha passado por isto? ( ) Sim ( ) Não. Fale um pouco sobre isto.

4) Se sim:  
O que aconteceu a partir desta constatação ou suspeita?

5) Caso isto aconteça, o que este serviço pode fazer?

6) Este serviço tem interesse em receber mais informações sobre o tema da exploração sexual infanto-juvenil?

Sim     Não

Por quê?

7) Observações (incluir aqui as percepções do técnico sobre como foi para o entrevistado falar sobre este tema):